

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Programa de Pós-Graduação em Letras

Dissertação de Mestrado

AS FIGURAS DE LINGUAGEM NO TEXTO DO SERMÃO DO MONTE NOS EVANGELHOS

ELIZEU DE OLIVEIRA



Elizeu de Oliveira

AS FIGURAS DE LINGUAGEM NO TEXTO DO SERMÃO DO
MONTE NOS EVANGELHOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr Luís Francisco Fianco Dias.

Passo Fundo
2023

CIP – Catalogação na Publicação

O48f Oliveira, Elizeu

As figuras de linguagem no texto do sermão do monte nos Evangelhos [recurso eletrônico] / Elizeu de Oliveira. – 2023. 929 KB : PDF.

Orientador: Prof. Dr Luís Francisco Fianco Dias. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2023.

1. Bíblia - Análise do discurso. 2. Bíblia - Crítica textual. 3. Figuras de linguagem. 4. Gêneros literários. I. Dias, Luís Francisco Fianco, orientador. II. Título.

CDU: 801.73

Catálogo: Bibliotecária Juliana Langaro Silveira – CRB 10/2427

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

“As Figuras de Linguagem no Sermão do Monte nos Evangelhos”

Elaborada por

Elizeu de Oliveira.

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras – Projeto de Cooperação entre Instituições

- Minter FUPF/FCR, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

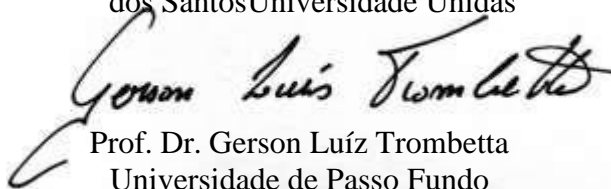
Aprovada em: 17 de
outubro de 2023. Pela
Comissão Examinadora



Prof. Dr. Luis Francisco Fianco Dias
Presidente da Banca Examinadora



Prof. Dr. Francisco de Assis Souza
dos Santos Universidade Unidas



Prof. Dr. Gerson Luíz Trombetta
Universidade de Passo Fundo



Prof^a. Dr^a. Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

Esta obra é dedicada àqueles que nutrem um profundo apreço pela literatura e manifestam um interesse genuíno em desvendar o significado elaborado nos discursos bíblicos por meio das figuras de linguagem.

AGRADECIMENTOS

Ao supremo Deus, Jesus Cristo, que esteve comigo em todos os momentos dos meus estudos e que sempre com sua sabedoria infinita tem iluminado os caminhos do meu entendimento.

À ilustre Faculdade Católica de Rondônia (FCR) e à eminente Universidade de Passo Fundo (UPF), expressamos nossa sincera gratidão pelo trabalho que viabilizou o acesso a este tão relevante curso de Mestrado em Letras (FCR/UPF).

Expressamos nossa gratidão ao Governo de Rondônia, através da honrosa Secretaria de Estado da Educação (Seduc), pela generosidade de subsidiar 90% do valor das prestações deste curso, pelo que também manifestamos nosso reconhecimento.

À cada mestre, em especial meu professor e orientador, doutor Luís Francisco Fianco Dias, que com a sua dedicação incansável ao ensino e a sua erudição incalculável, moldaram a minha jornada acadêmica e me guiaram por este intrincado labirinto do conhecimento.

À minha querida esposa Elifânia Pereira Lima de Oliveira, cujo apoio incondicional, amor incansável e paciência sem limites foram alicerces sólidos nos quais ergui esta obra, expressei minha eterna gratidão e admiração.

À minha preciosa filha Paula, cuja alegria e afeto trouxeram luz aos meus dias de estudo.

Aos meus amados pais, Isáias de Oliveira e Matilde de Oliveira que me ensinaram desde cedo a importância do conhecimento, da dedicação e da perseverança. Com paciência e carinho, me encorajaram a seguir os meus sonhos e a nunca desistir, mesmo diante dos desafios mais complexos.

Aos meus estimados colegas de jornada, cujas discussões fecundas e amizades sinceras enriqueceram minha trajetória.

Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhará-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. (Mateus 7.24)

RESUMO

O propósito desta investigação reside na apreciação do fato de que a Bíblia, enquanto obra literária, abriga uma riqueza de figuras de linguagem, cada qual com suas peculiaridades a serem exploradas, requerendo, para seu pleno entendimento, uma interpretação precisa de seu significado. Para alcançar este objetivo, esta pesquisa empreenderá uma dissertação que abordará alguns gêneros e recursos literários encontrados na Bíblia, estabelecendo um diálogo com outras literaturas, enfatizando a importância das figuras de linguagem. Baseada em teorias da análise do discurso e da linguística textual, esta investigação buscará analisar o impacto da linguagem figurativa, que almeja atingir diversos públicos. O texto escolhido para este estudo é o Sermão do Monte, registrado nos Evangelhos, nos capítulos 5 a 7 do livro de Mateus. A análise deste texto envolverá a identificação dos termos com sentido figurativo e sua relação com os outros componentes da estrutura das frases. Serão examinadas 17 figuras de linguagem, com base nas fundamentações teóricas de José Luiz Fiorin. O intuito é auxiliar leitores apaixonados pela linguagem e estudiosos em suas atividades educacionais, seja no ambiente secular da escola ou nas instituições religiosas. Dessa maneira, esta dissertação se insere no âmbito dos estudos das figuras de linguagem, um elemento de grande relevância na construção do significado textual, ao analisar questões relacionadas à elaboração de sentidos com base em teorias consideradas adequadas para o corpus selecionado.

Palavras-chave: Figuras de linguagem. Sermão do monte. Bíblia. Literatura.

ABSTRACT

The purpose of this investigation lies in the appreciation of the fact that the Bible, as a literary work, houses a wealth of figures of speech, each with its own peculiarities to be explored, requiring, for its full understanding, a precise interpretation of its meaning. To achieve this objective, this research will undertake a dissertation that will address some genres and literary resources found in the Bible, establishing a dialogue with other literature, emphasizing the importance of figures of speech. Based on theories of Discourse Analysis and Textual Linguistics, this investigation will seek to analyze the impact of figurative language, which aims to reach different audiences. The text chosen for this study is the Sermon on the Mount, recorded in the Gospels, in chapters 5 to 7 of the book of Matthew. The analysis of this text will involve the identification of terms with a figurative meaning and their relationship with the other components of the sentence structure. 17 figures of speech will be examined, based on the theoretical foundations of José Luiz Fiorin. The aim is to assist readers passionate about language and scholars in their educational activities, whether in the secular environment of the school or in religious institutions. In this way, this dissertation falls within the scope of studies of figures of speech, an element of great relevance in the construction of textual meaning, when analyzing issues related to the elaboration of meanings based on theories considered appropriate for the selected corpus.

Keywords: Figures of speech. Sermon on the mount. Bible. Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 O CONTEXTO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM	15
1.1 Da retórica às figuras de linguagem	15
1.2 Desenvolvimento das concepções de alguns autores na linguística contemporânea	20
1.3 Classificação das figuras de Linguagem	26
2 OS EVANGELHOS COMO FONTE LITERÁRIA	37
2.1 O diálogo entre a Bíblia e as demais Literaturas	37
2.2 Estrutura Textual e Literária dos Evangelhos	42
2.3 As figuras de linguagem no compêndio dos Evangelhos	49
3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE FIGURAS DE LINGUAGEM NO SERMÃO DO MONTE NOS EVANGELHOS	57
3.1 Tropos Lexicais por concentração semântica no sermão do monte nos Evangelhos	57
3.1.1 Metáfora - extraída dos capítulos 5, 6 e 7 (Mt 5.14; 6.19; 7.15,16).....	58
3.1.2 Prosopopeia - extraída do capítulo 6 (Mt 6.3,24,28,29).....	60
3.1.3 Apóstrofe - extraída dos capítulos 6 e 7 (Mt 6.6,9; 7.5).....	62
3.1.4 Oxímoro – extraído do capítulo 6 (Mt 6.23)	64
3.2 Tropos Lexicais por expansão semântica e Tropos gramaticais no sermão do monte nos Evangelhos	65
3.2.1 Metalepse - extraída do capítulo 5 (Mt 5.33-35).....	65
3.2.2 Metonímia - extraída dos capítulos 5 e 6 (Mt 5.3,47; 6.1,13,21)	66
3.2.3 Sinédoque - extraída dos capítulos 5 e 6 (Mt 5.17,22; 6.11).....	68
3.2.4 Hipérbole - extraída dos capítulos 5 e 7 (Mt 5.29,30; 7.3,4).....	70
3.2.5 Enálage - extraída dos capítulos 6 e 7 (Mt 6.9-13; 7.28,29).....	72
3.3 Figuras não trópicas no sermão do monte nos Evangelhos	74
3.3.1 Epizeuxe - extraída dos capítulos 5 e 7 (Mt 5.37; 7.21,22).....	74
3.3.2 Diácope - extraída do capítulo 6 (Mt 6.13)	75
3.3.3 Paralelismo - extraído do capítulo 6 (Mt 6.19-20,24)	75
3.3.4 Anáfora - extraída do capítulo 5 (Mt 5.3-12; 5.22)	77
3.3.5 Polissíndeto - extraído dos capítulos 5, 6 e 7 (Mt 5.3-12; 34-36; 6.25.26; 7.25,27)	78
3.3.6 Interrogação - extraída dos capítulos 5, 6 e 7 (Mt 5.46,47; 6.25-30; 7.3-16).....	81
3.3.7 Elipse - extraída dos capítulos 5 e 6 (Mt 5.11,12,23; 6.25).....	84

3.3.8 Hipérbato - extraído dos capítulos 5 e 7 (Mt 5.3-11; 7.6,26,27)	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	92
ANEXO	98

INTRODUÇÃO

Esta dissertação volta-se para o estudo das figuras de linguagem a partir dos estudos de análise do discurso, desenvolvida pelos Teóricos Émile Benveniste e Roman Jakobson, que realizaram suas pesquisas de valorização do texto como instrumento para a compreensão da linguagem, potencializando as teorias de Ferdinand Saussure. Nesta investigação, o corpus da análise, o sermão do monte nos Evangelhos, ao ser explorado em seus recursos estilísticos, terá na sondagem de seu texto, as figuras de estilo como delimitação. A averiguação trará uma visão panorâmica dos Evangelhos para clarificar o contexto do discurso de Jesus, enfocando primeiro a importância dos Evangelhos e do texto bíblico como literatura, para depois explorar as figuras de linguagem nos cento e onze versículos que compõe o sermão da montanha.

O intuito da observação é vasculhar as figuras bíblicas distinguindo a linguagem figurada da literal, definindo a segunda e classificando e interpretando a primeira. Também visa auxiliar na definição e interpretação de alguns textos que carregam figuras pouco usadas no dia-a-dia. Seguindo essa trilha, o pesquisador será favorecido em sua atividade laboral com acréscimo de práticas para aplicação de suas aulas, seja na escola ou na instituição religiosa. Professores de Língua Portuguesa, teólogos ou amantes da linguagem e/ou da Bíblia poderão beneficiar-se também com mais subsídios para vivenciar e comunicar conhecimentos da linguagem.

O universo da literatura bíblica, por mais explorado que tenha sido, ainda é uma gota d'água no oceano, haja vista tratar-se de fenômenos ligados à linguagem e também ao campo religioso. Assim, esse trabalho insere-se nos estudos das figuras de linguagem, elemento relevante de enunciação do texto, analisando questões de construção de sentidos com base em teorias que nos parecem suficientes para o corpus selecionado. O resultado a ser adquirido pela investigação dará suporte à hipótese da pesquisa.

No primeiro capítulo pretende-se trabalhar as figuras como operações expressivas enunciativas, geradoras de efeitos e intensificadoras de sentido do discurso, construindo e alargando a ideia de que é possível se transmitir uma continência maior do que seria com a utilização limitada e literal das expressões. Para isso, a caminhada da dissertação se dará a partir de um apanhado do conceito de linguística, desde o momento em que se estabelece como ciência no final do século XIX, em decorrência do enfraquecimento da retórica. Esse assunto buscará aporte nas contribuições de teóricos que lecionam sobre o declínio da retórica. Com as contribuições de Luiz Fiorin (2014), observar-se-á que a retórica teve notoriedade por ser uma disciplina basilar de todo ensino transmitido desde a Grécia Antiga e que no decorrer do tempo

passou a receber, paulatinamente, a conotação de ornamento do discurso, causa principal de seu declínio no final do século XVI, quando aos poucos passou a receber a simples alcunha de figuras, perdendo, assim, no século XIX a característica de disciplina obrigatória na esfera do ensino.

Nessa esteira ver-se-á que a retórica, disciplina atrelada às figuras de linguagem, em sua origem, era caracterizada como uma série de princípios, normas de comunicação, oratória e persuasão. Nesse tempo eram ensinadas como elemento preponderante e integrador de uma educação refinada, voltando a ser enfatizada depois de seu declínio, no século XX. Já as figuras de linguagem tratam de uma nomenclatura mais específica, sem preocupações maiores com o estudo da arte da oratória, mas, por vezes, sendo concebida como figuras de retórica (Brandão, 1989).

O desenrolar do assunto focará a linguística moderna como fundamento e terá seu aporte teórico nos tratados de Saussure (1972), ao pautar um conceito geral da história da linguística, a partir da obra, *Curso de linguística geral*. Essa busca demonstrará que no surgimento dessa ciência, o texto não era valorizado, constituindo-se apenas um elemento da fala e não da língua, realidade esta que terá outros contornos com as análises de Benveniste (1989, 1991) quando agregou um novo elemento à linguística: o discurso (ato social da linguagem). Emergiu com esse teórico uma linguística não da frase, mas do texto, bem como a argumentação de que a competência simbólica é inata ao ser humano e através dela emerge a gênese da imaginação criadora. É nessa abordagem textual e simbólica que procuraremos demonstrar sua aproximação das figuras de retórica ou das figuras de linguagem.

Quanto à classificação das figuras, a preocupação deste trabalho não é sumarizar todas as figuras de linguagem, mas separar algumas, defini-las, analisá-las, e classificá-las à luz de alguns teóricos, como: Chaim Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) que as caracterizam em três conjuntos: figuras de comunhão, figuras de escolha e figuras de presença; Oliver Reboul (1998) que depõe serem as figuras transmissoras de prazer; Roman Jakobson (1969) ao demonstrar que os efeitos das figuras de linguagem estão para além da expressão engenhosa da língua e identificam os arcações do pensamento humano, tornando-se essenciais para a representação do discurso; e Fiorin (2014), que constata serem as figuras mecanismos de construção, operações enunciativas e intensificadoras do sentido de algum elemento do discurso.

O segundo capítulo labora sobre os Evangelhos como fonte literária, explicitando que a pesquisa acadêmica não precisa dessacralizar a Bíblia ou rejeitá-la como obra de relevância para a ciência, pois o estudioso pode sem dogmatismo, extrair de suas teologias, os benefícios, sejam eles históricos, geográficos, culturais ou literários. Registra através de algumas obras de

literatos reconhecidos a possibilidade do diálogo entre a Bíblia e a literatura, demonstrando a importância desse vínculo como recurso humanizador e instrucional. Alguns pensadores auxiliaram na desenvoltura desse pensamento, como: Fiodor Dostoiévski (1821-1881), principalmente nas obras *Crime e castigo*, *O idiota*, *Os demônios*, *Os irmãos Karamázov*; Guimarães Rosa (1908-1067), com o *Grande sertão: veredas*; Fernando Pessoa (1888-1935), especialmente nas obras *O Desconhecido* e *Livro do Desassossego*; José Saramago (1922-2010), nas obras *O evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*; Clarice Lispector (1920-1977), com destaque para a obra *A via crucis do corpo*. Além desses, Ramos (2022), Ryken (2017), Henrichsen (1997), Marcuschi (2008), e Erich Auerbach (2021), com seus escritos, fortalecem a relação entre as Escrituras e a Literatura.

Por conseguinte, a exposição bíblica dos Evangelhos, embora não tenha na sua origem pretensão científica, está abarrotada de discursos, parábolas, metáforas e, aliás, deveras engenhosamente. A beleza do sermão do monte, escrito por Mateus, reserva uma composição estilística de saltar aos olhos. Pode-se perceber que os tipos textuais e gêneros literários bíblicos influenciaram gerações, inspirando profissionais das Letras e que não há nenhum desacordo em considerar a Bíblia um livro sacro, e admirar seus nuances estéticos e literários. Os personagens das páginas bíblicas e a maneira de se contar as narrativas, sempre conquistaram admiração pela crítica literária.

Mostrar-se-á que as figuras de linguagem se manifestam como uma distinção na linguagem em suas variadas manifestações, conduzindo a buscar os coeficientes de organização. Elas refletem os sentimentos, apresentando-se como um artifício de expressão para além dos objetos estéticos e resultam da deficiência da capacidade humana de comunicar pensamentos. Variam na conceituação dos autores, como também passam por definições diferentes no decorrer das épocas. Mormente surgem duas ou mais hermenêuticas, observando-se uma incoerência até mesmo nos termos que, ora se utiliza figuras de linguagem, ora figuras de estilo.

Por isso, será evidenciado que a linguagem figurada de um escrito bíblico não é ofício simples, demanda habilidade para entender a dimensão da fé, expressa pela abstração que projeta o estudante na problemática de ter de analisar, se o sentido é figurado ou literal. Além disso, ver-se-á que eventos acontecidos há mais de mil anos são abordados no contexto atual e certos textos ao serem traduzidos por diversas línguas, apresentam diferenças nas traduções ou não encontraram vocábulos adequados na língua portuguesa, que correspondam ao grego ou ao hebraico, gerando os hebraísmos.

Ainda neste capítulo, objetivar-se-á explorar a relevância das figuras contida no texto religioso, enfocando que esses elementos têm a característica de acrescentar cor e vida; causar, como a metáfora e os símiles, suspenses e admiração; no geral, produzir impressões que auxiliam na memorização dos assuntos; sintetizar ideias difíceis ou extensas, ao dizer muito em poucas palavras. Esses recursos têm a perícia de despertar a reflexão e desafiar o leitor para meditação e comparação de fatos. Posto isso, será analisado situações que favorecem o entendimento para a compreensão dos símbolos bíblicos, e sua identificação com as figuras.

O desenrolar do terceiro e último capítulo se dará através da análise de dezessete figuras exemplificadas via vários fragmentos retirados do sermão do monte, classificados da seguinte forma: quatro tropos lexicais por concentração semântica - metáfora, prosopopeia, apóstrofe, oximoro -; três tropos lexicais por expansão semântica - metonímia, sinédoque, hipérbole -; dois tropos gramaticais por difusão semântica – metalepse, enálage -; e oito figuras não trópicas, sendo quatro de aumento: epizeuxe, diácope, anáfora, polissíndeto e paralelismo; uma de diminuição: elipse; uma de transposição: hipérbato; e uma de troca: interrogação. A Bíblia utilizada para coleta desses excertos é a Bíblia ARC (Almeida Revista e Corrigida).¹

Essa exploração das figuras de linguagem nos Evangelhos tentará esclarecer, com trechos examinados, a diferença entre linguagem figurada e literal, resolvendo problemas de interpretação dos textos figurativos e desvendando particularidades, por vezes, despercebidas ou desconhecidas dos leitores dos Evangelhos. A forma em que os extratos serão dissecados buscará contribuir na desmistificação da visão daqueles que não conseguem enxergar no livro sagrado um recurso, também, de incomensurável valor. Além do *corpus*, o sermão do monte, farão companhia dessa sondagem as obras de Zuck (1994), Alter (1998), Bullinger (2013), Bento (2003), Reboul (2004), e Fiorin (2014).

¹ Em todo esse trabalho optou-se pela utilização da Bíblia ARC (Almeida Revista e Corrigida), traduzida por João Ferreira de Almeida, possuidora de linguagem erudita e clássica, e de equivalência formal. Constitui-se uma das versões mais utilizadas nas igrejas pentecostais, considerada por muitos, fiel às línguas originais. As mais recentes revisões dessa obra, feita no Brasil, se deu em 1995 e 2009.

1. O CONTEXTO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

Neste capítulo, é feita uma análise simplificada da evolução das figuras de linguagem, desde os primórdios da retórica até os dias atuais, e também são apresentadas as perspectivas de alguns estudiosos da linguagem a respeito desse tema, objetivando classificar diversas figuras conforme as categorias propostas por Chaïm Perelman, Oliver Rebooul, Roman Jakobson e Luíz Fiorin, sendo que este será o escolhido para fundamentar a classificação que norteará o restante do trabalho.

1.1 Da retórica às figuras de linguagem

A Retórica é a ciência que abre os estudos do discurso no hemisfério ocidental. Ela “é a síntese da arte da persuasão e do viver social”. (ROHDEN, 2021, p. 37). Historicamente tem participado da vida de diversos povos, entre os quais destacam-se os egípcios, chineses, hindus e hebreus. Desde o século IX a.C., nos tempos de Homero, que a busca pelo discurso persuasivo empolgou os gregos (RIBEIRO, 2009, p. 232), todavia o interesse por explorar essa habilidade, somente se concretizou com a introdução da democracia helênica.

Nesse tempo acontece a gênese da estruturação dos recursos de expressão, que se tornam instrumento de uma arte. Entretanto, essa retórica ficava ainda afastada daquela das figuras, entranhadas na argumentação e na ordenação do discurso. “A primeira e mais importante função da retórica é persuadir.” (RIBEIRO, 2009, p. 267). Constituíam-se uma retórica do objeto, do discurso e não da descrição ou da figura. No que se refere essencialmente às figuras, pode-se assegurar que elas não se originam com a retórica, sua inclusão é posterior. Segundo Stefano Arduini, Górgias foi o primeiro a interessar-se por classificar as figuras: “Górgias é considerado o autor que pela primeira vez tratou do léxico tentando introduzir algum princípio classificatório das figuras”. (ARDUNI, 2000, p. 73, tradução nossa).

Destarte, as figuras nesse renomado expositor, em Górgias tornam-se elementos indispensáveis na produção de sua própria obra. Ele anexa esse recurso por ser o criador de um perfil literário prosaico, cujo escrito era repleto de novidades na construção e na ornamentação. Não havia naquele momento preocupação pedagógica ou mesmo um catálogo de figuras com modelos para uso, mas somente as próprias para organização que a sua composição textual evocava.

Segundo a tradição que remonta a Aristóteles, a retórica nasceu com Górgias, mestre da expressão e da persuasão do século V a.C. Ele foi discípulo de Empédocles de Agrigento, numa

época quando outros, como Córax e Tísias, também se preocuparam em escrever estudos de retórica, para propor solução às questões de litígio de pessoas que disputavam por propriedades. Considera-se que a retórica teve seu começo em Atenas, nos idos do século V a.C., e emerge pela necessidade dos envolvidos nesses processos, de serem eloquentes, estando estritamente associada ao empreendimento da democracia:

[...] a Retórica, que ensina os modos e técnicas de exposição, em seu mais radical sentido, tem vida e história comum com a Democracia, como parte integrante da vida pública e da formação intelectual, principalmente na antiga Atenas democrática e nos séculos V e VI anteriores a nossa era.² (ORTEGA, 1989, p. 29, tradução nossa).

A despeito de que a tradição esteja correta, sobre com quem se originou a retórica, com as disputas no mundo daquela democracia grega, surgiu a necessidade de profissionais oradores para convencer plateias e juízes nos tribunais. Destacou-se nessa área como mestres da oratória os sofistas, dentre os quais estava Górgias, já mencionado aqui, e Protágoras que, se utilizando da arte da persuasão através do discurso, da língua e da gramática, alavancaram o desenvolvimento dessa disciplina teórica que facilitaria a arte da argumentação. Entretanto, não se pode ser ingênuo, e pensar que a democracia ateniense foi absolutamente coerente com uma hipotética concepção especulativa norteadora de suas direções, pois tal governo, não ficou imune de ideologias construídas pela aristocracia. A filosofia clássica é a concepção aristocrática que se manifesta em uma democracia sobre a qual pouca informação se tem, pois, os democratas não cuidaram em deixar algo registrado sobre ela. (CHAUÍ, 2010, p. 31).

Essa prática de ensino trouxe o surgimento de distintos retores como, Isócrates (436-338 a.C.), Lísias (445-380 a.C.) e Demóstenes (384-322 a.C.), que deram sequência ao trabalho de seus mestres oradores. Entretanto, foi com o filósofo de Estagira, Aristóteles (384-322 a.C.) que, a propósito, não era sofista, que essa renomada disciplina alcançou seu ápice, tanto no universo helenístico quanto no romano. (MAZZALI, 2008, p 1-16). Durante a época helenística com Teofrasto (370–285 a.C.), e Hermágoras de Temnos (século II a.C.), discípulos de Aristóteles, alargou-se o campo dessa matéria ao utilizar as antigas artes e ao injetar outras, introduzindo inovações na argumentação e na prática oratória.

A obra aristotélica aborda assuntos sistemáticos de diversos campos, como Filosofia, Zoologia, Botânica, Física e Discurso (PHILIPPE, 2002, p. 9; REBOUL, 2004, p. 21). Sobre o discurso, dois tratados de Aristóteles se destacam: *Poética - a Techne Poietike* e a *Retórica - Techne Rhetorik* (ANDRADE; MEDEIROS, 2001, p. 284). Esta última, enfoque deste trabalho,

² [...] la Retórica, que enseña los modos y técnicas de exposición, en su más radical sentido tiene vida e historia común con la Democracia, como parte integrante de la vida pública y de la formación intelectual, sobre todo en la antigua Atenas democrática de los siglos V y VI anteriores a nuestra era.

nesse filósofo, recebeu nova conotação. Aristóteles, assim como Platão, criticava as manifestações emotivas externas da retórica praticada pelos seus antecessores, alegando que a *entimena* – silogismo onde fica subentendida uma premissa, e a argumentação (DAYOUB, 2004, p. 10), não atendem a função dessa disciplina, que vai além da persuasão ao discernir os seus meios, sendo conceituada como a aptidão de encontrar o que é apropriado a cada caso para persuadir (Aristóteles, *Retórica*, livro I, 1356a).

Dessa forma, Aristóteles torna-se reconhecido como um dos grandes responsáveis no construto da retórica. Ao inverso de Platão, que no diálogo *Górgias*, apresenta a retórica, apenas como algo voltado para a persuasão (LIMA, 2011, p.106), e no diálogo *Fedro* submete a retórica à filosofia, a averiguação aristotélica sobre a retórica filosófica, visa conferir independência para a arte retórica, desassociando-a da atenção filosófica. Em seu Livro III o filósofo de Estagira inaugura sua *Arte Retórica* à *elocutio*. Além de discorrer sobre a vastidão dessa disciplina, nessa obra apresenta um arcabouço de figuras e instruções de como utilizá-las. Todavia, a classificação, como delineia e vai apresentando, não possui uma relação ordenada, como se dará com o passar do tempo. O tratado nesse escrito aparece mais como um ajuste textual, concebido como recurso importante, mas secundário.

Para esse polímata da Grécia Antiga, a retórica é vislumbrada como instrumento discursivo que dimana não somente da atividade intelectual, mas também da sensitiva, haja vista as palavras não serem ligadas umas às outras, exclusivamente por interesses de discursadores privativos em busca da adesão de uma plateia. Esse pensador entende que matemática e beleza se congeminam, assim como ética, técnica, e elegância na retórica, sem que isso sugira contradição ante ao seu racionalismo. (LIMA, 2011, p.107). Nessa perspectiva, depreende sua habilidade em relacionar a parte intelectual da sensitiva, podendo esta derradeira experimentar e fruir apazivelmente do gracioso proposto pela primeira, deleitando-se sob a direção da astúcia filosófica numa afinidade de mutualidade na execução estilística, assim o encanto torna-se um dos objetivos de sua oratória como bem manifesta Marcos de Lima:

Vale destacar que Aristóteles tem em vista a importância da noção de beleza na arte retórica, pois um discurso pode ser ainda mais persuasivo na medida em que é mais belo, de modo que a beleza estilística pode contribuir para desenvolver o potencial discursivo e, conseqüentemente, a persuasão de um auditório. (LIMA, 2011, p.106).

Dentre as obras de relevância singular que a antiguidade legou ao mundo está *A Retórica a Herênio* que, provavelmente por ser produzida em códices que abarcavam escritos de Cícero, foi conferida a autoria, durante longo tempo, a este renomado expositor. Produzida no início do século I, é a mais vetusta arte retórica redigida em latim e uma das obras mais divulgadas nos tempos medievais. (RETÓRICA A HERÊNIO, 2005, p. 11). Esse texto aborda as figuras,

denominando-as de ornamento de palavras e ornamento de sentenças: “ornamento de palavras é aquele que se atém ao polimento insigne da fala. Ornamento de sentenças é o que encontra dignidade não nas palavras, mas nas próprias coisas.” (RETÓRICA A HERÊNIO, 2005, p. 11).

Nesse mesmo século, Cícero, considerado o mestre da prosa latina e o nome a quem se atribui a mudança do latim, de uma língua simples utilitária em um instrumento literário versátil (ENCYCLOPEDIA, 1995, p. 244), e por quem a retórica terá o respeito que nos próximos séculos acionará o interesse dos teóricos do discurso, produz o tratado *Orator* (46 a.C.), obra em que busca os adjetivos do orador perfeito, dentro de cujas principais características abrange-se a perícia linguística, isto é, o domínio dos artifícios estilísticos dedicados ao bem-estar do auditório, entre os quais destaca-se o uso do discurso compassado, que afinam a atraente elocução retórica. Nesse tratado, as figuras são vastamente utilizadas por Cícero como expediente estilístico adequado do orador primoroso, na contextura da prosa rítmica, aquela característica ao seu esplêndido estilo oratório. Quando Cícero delinea suas percepções artísticas particulares, no contexto da discussão entre ele e seus oponentes, e relaciona o emprego das figuras a três gêneros de estilo. São suas essas declarações:

Os ornamentos, dos quais falarei adiante, conferem dignidade a cada gênero do discurso, ao grave, ao médio e ao tênue. Se dispostos espaçadamente, tornam o discurso distinto, assim como ocorre com as cores; colocados todos juntos, o fazem maculado. Mas, ao discursar, convém variar o gênero de figura - de modo que o médio suceda ao grave, o tênue ao médio, depois novamente se alternem; assim, a variedade evitará facilmente o fastio. (RETÓRICA A HERÊNIO, 2005, p. 221).

Para ele, paralelo ao ritmo, ao período e a concatenação das expressões, o orador precisa acudir-se dos adiaforos da oratória, isto é, dos ornamentos, das figuras, classificada em duas espécies: figuras de pensamento e de palavras (RETÓRICA A HERÊNIO, 2005, p. 225). No discurso ciceroniano, em suas audiências, apropriava-se bastante do recurso emotivo nas suas falas, e para tal, discorria sempre por derradeiro, percebendo que as informações relacionadas ao assunto que respaldava já haviam sido apresentadas, restando-lhe apelar para as emoções da plateia. Para isso, o orador buscava o controle de todas as figuras de linguagem e as aplicava para emocionar, iniciando seus discursos com elogios aos seus interlocutores e quase sempre principiava suas falas com poesias, já que isto auxiliava a quebrar o austero clima que se instaura numa sessão judicial e também ratificar as suas ideias. Cícero foi um notável advogado, na maioria das vezes defendia causas, e muito raro, acusava (CÍCERO, s.d., p.10-18).

Outro orador eloquente, ainda do final do século I a.C., Quintiliano, aborda o assunto retórica de maneira mais sistemática nos livros VIII e IX da *Institutio Oratoria*, partindo de um projeto completo de formação pedagógica que, durante vários séculos, trabalharão as figuras

compondo-as como uma lista de inumeráveis nomenclaturas esdrúxulas, na maior parte, acompanhados por descrições vagas e exemplos obscuros. Quintiliano (*Institutio. Oratoria. IX, 1, 14*) concebe figura como “uma forma de se expressar alterada por algum artifício”.

Além disso, necessário se faz entender também que desde a antiguidade a investigação das figuras de linguagem oscila entre a esfera da gramática e o da retórica. Da última, provém a ciência, denominada de então, de vício e virtude. Assim, em estrutura de extensos catálogos é mais corriqueiro de serem descobertas nos gramáticos, no que se trata dos vícios e virtudes da linguagem. Já nos estudos de retórica, habitam surgir como controvérsias sobre a eficácia do discurso figurado instrumentalizado pelo orador. Em geral, a concepção desses autores defendia que as figuras constituem desvios linguísticos que, quando exercidos pelo senso comum constituíam-se vícios, quando realizados por poetas eram virtudes. Possuíam até mesmo designação diferente, dispoendo uma virtude correspondente para cada vício.

Nos primeiros séculos depois de Cristo, os teólogos da religião, que se torna oficial, propagam a nova doutrina, utilizando-se da retórica cristã com, entre outros, Tertuliano do século I, e depois Agostinho do século IV, ofuscando a retórica grega. Predominará, na idade medieval, a elocução:

Das cinco partes em que estas obras catalogaram a retórica – *inventio, dispositio, elocutio, memoria e actio* – com vistas, em última instância, a preparar o cidadão para bem falar nos tribunais, a Idade Média retomou com mais insistência a *elocutio*, desdobrada em requintamentos estilísticos e dividida em numerosas subcategorias e classificações da linguagem. (BONI, 2000, p. 138).

Esse fenômeno perdurará por toda Idade Média e a retórica nos moldes antigos voltará a possuir importância e espaço no interesse dos oradores e pesquisadores, somente na época do renascimento, quando surge o interesse por visitar os autores clássicos gregos, consequentemente atuando nos conflitos religiosos e políticos da época da reforma e contrarreforma.

Ao desdobrar da história assiste-se às figuras sendo cada vez mais separadas de seu conjunto, como se argumentação compusesse uma realidade, e os recursos argumentativos, outra. No período da história moderna, emerge uma retórica literária, e com Pedro Ramus (1515-1572), que reduz a retórica à elocução e à sua execução oral (MAESTRE, 2002, p. 124) e aparta as componentes lógicas da retórica das estéticas, causando a suposta morte da retórica, ao deixar esta matéria a serviço dos pontífices e da aristocracia, e acentuando ainda mais essa teoria com a ascensão do método de investigação científica, que valorizará a busca das provas, ratificando o racionalismo cartesiano (1596–1650) e enfatizando o mecanismo darwinista (1809–1882). Dentre os sistemas promotores do divórcio entre a retórica argumentativa e a

retórica das figuras, destaca-se a escola de Ramus, no século XVI, como uma das primeiras a fomentar essa ruptura, intensamente ratificada por John Locke.

Para Locke (1996, p. 215), A retórica é um “poderoso instrumento de erro e fraude”. Os abusos apresentados pela linguagem artificial da retórica pervertem o desenvolvimento do conhecimento racional e camuflam a realidade, só são aceitos porque se busca nos discursos, mais diversão do que informação. Mas, se se dispusesse a dizer das coisas o que elas realmente são, a eloquência e qualquer manifestação fantasiosa e figurativa das palavras não carregariam nenhum valor (LOCKE, 1996, p. 214). Nesse estado de coisas as figuras acabam por serem isoladas em um segmento único, da tropologia. Com isso, costuma-se dizer que assistimos ao fim da retórica que encontrará seu renascimento apenas no século XX. Somente a partir de meados deste século, com as obras de Chaïm Perelman (2005), Stephen Toulmin (2003), e depois com Hans-Georg Gadamer (2000) houve uma incrementação do interesse pela retórica e uma investida em recuperá-la, embora noutros perfis.

1.2 Desenvolvimento das concepções de alguns autores na linguística contemporânea

Nas auroras do século XX, precisamente em 1916, é publicada, de forma póstuma, a obra que seria considerada como o alicerce das pesquisas em linguística contemporânea: o *Curso de Linguística Geral* (C. L. G.), de Ferdinand de Saussure. Como a intenção desse trabalho não é explorar as correntes construtoras dessa disciplina, apenas serão apresentados alguns personagens relevantes para a análise desse estudo, como, além de Saussure, Benveniste, Perelman, Jakobson e Fiorin, que contribuíram desde o C. L. G., perpassando pela teoria da enunciação e aportando nas figuras de linguagem.

Assim, a linguística moderna aparece no século XX, quando Saussure teoriza o que está registrado no *Curso de Linguística Geral*, introduzindo o objeto dessa ciência da linguagem. Este livro, que não foi escrito por Saussure, mas sim pelos seus alunos, postumamente, tornou-se base para os estudos dessa disciplina. Ao reformular o objeto, a linguagem humana, o mestre genebrino tira de seu interior a língua, parte social, que permite a realização da fala. Antes de ser estabelecida, essa relevante ciência passou por três momentos sequenciais: o da gramática, o da linguística e o da gramática comparada (SAUSSURE, 1995, p. 7). Saussure, mesmo possuindo uma visão da gramática como um objeto um tanto exíguo, confere a ela a paternidade da linguística, não deixando, de início, qualquer relação entre essa matéria e a dialética ou a retórica.

Esse renomado linguista se dedica ao estudo do som ao período, não se preocupando com o texto que para ele era uma unidade da fala e não da língua, e difere língua de escrita, conceituando-as como dois sistemas de signos diferentes (SAUSSURE, 1995, p. 34), sendo que a segunda funciona como representação da primeira, e esta, definida e disposta como o único objeto verdadeiro da linguística. Além disso, com acuidade aparta da escrita a atribuição exacerbada dada até então, alegando ser apenas equívoco dos estudiosos a separação de língua da ortografia. (SAUSSURE, 1995, p. 35).

Em seu pensamento a linguagem é social e particular, psicofisiológica. Saussure funde língua e fala. Para ele, este é o componente individual da Linguagem, estabelecida por um ato próprio de caráter ilimitado: “ato individual de vontade e inteligência”. (SAUSSURE, 1995, p.22), e aquela é definida como a parte social e essencial da linguagem, onde um indivíduo sozinho não consegue transformá-la: “a língua é um sistema supra individual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade”. (COSTA, 2008, p.116).

Assim, no Curso de linguística geral, o mestre suíço declara que a linguística possui por singular e veraz o objeto da língua, sistema de prescrições e organizações empregado por uma determinada comunidade para a comunicação e compreensão entre si, visando:

fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família; procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história; delimitar-se e definir-se a si própria. (SAUSSURE, 1995, p.13).

Já Emile Benveniste, reconhecido como um aluno de Saussure (JESÚS, 2018, p. 41), preocupa-se com o processo de realização da fala dentro da língua ao registrar a existência de uma instância mediadora entre a língua e a fala. Essa instância é composta de categorias desenvolvidas no ato de proceder com palavras: a pessoa que fala e a que ouve, o momento da enunciação, e o espaço onde o indivíduo emite o dito. A enunciação é o exercício de pôr em funcionamento a língua. Quando essa ação acontece assumida pelo eu, criador do tu, em um tempo e espaço, e em uma esfera de comunicação, deixa de tratar da fala como ato individual humano, como fez Saussure. Mostra que a enunciação tem parâmetros e é social, correspondendo ao pensamento saussuriano que problematizou a fala como algo regular. Dessa forma, cria para a linguística um novo objeto, o discurso.

Para Benveniste, não há linguagem sem a utilização da língua no ato comunicativo, e o emprego dessa palavra para referir-se a textos não verbais denota um engano (RODRIGUES, 2007). A linguagem é o instrumento social que realiza a língua e o discurso. Ela se entrelaça

com cultura, tornando o humano um ser social, que desprovido desta, deixa de ser como tal. Benveniste, divergindo língua dos outros esquemas significativos, conserva a língua como o excepcional desses sistemas, cuja finalidade básica é simbolizar. Em sua teoria, a dança, a moda, a pintura, logram se assemelhar com a linguagem, e embora tenham sentidos, são impossibilitadas de nível semelhante de significação. Fundamentado na ideia Saussuriana que aparta língua de linguagem, mostra ser possível entender o significado implícito na língua.

Em Benveniste, a linguagem é a possibilidade de língua, e a atividade que faz com que a língua processe o discurso. Destarte, perpassa em comparação a seus predecessores. Ele declara:

Mas ela tem também outro caráter totalmente diferente, mas igualmente necessário e presente em toda língua real, ainda que subordinado ao primeiro, eu insisto: o caráter de se realizar por meios vocais, de consistir praticamente num conjunto de sons emitidos e percebidos, que se organizam em palavras dotadas de sentido. É este duplo aspecto, inerente à linguagem, que é distintivo. Diremos com Saussure, a título de primeira aproximação, que a língua é um sistema de signos. É a noção de signo que, doravante, integra no estudo da língua a noção muito geral de significação. (BENVENISTE, 1989, p. 224).

Apesar de sempre basear-se na linguística, seja diacrônica, o francês Benveniste projeta luzes para além das fronteiras da língua, para estabelecer as margens da linguística e contribuir com propriedades semânticas, empreendendo a acepção no âmbito da sociedade. Isso possibilita uma compreensão global do fenômeno linguístico, perspectiva da composição de Benveniste digna de valiosa consideração. Ou seja, quando Benveniste atesta uma existência mediadora da transição da língua para a fala, cria o discurso concebido como exercício social da linguagem, e gera uma linguística que abeira a retórica, ao enlevar como unidade o texto e não a frase.

Dos linguistas que adotaram em suas obras uma vizinhança entre linguística e retórica, destaca-se Roman Jakobson. O principal de seus trabalhos sobre o assunto trata-se do texto, *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* (JAKOBSON, 2007, p. 34-63), onde defende serem a metáfora e a metonímia dois processos de construção do discurso. Ele afirma que todos os recursos humanos, sejam eles coletivos ou individuais, organizam-se metonímica e metaforicamente. Propõe que a tarefa do linguista é a de ser um profissional na base e no exercício da linguagem, da língua, instrumento comum aos falantes. Esse linguista mostrou-se vigoroso e inconformado (JAKOBSON; POMORSKA, 1993, p.174). Além de transitar por áreas exclusivas do saber, provoca o universo da linguística a se reconsiderar, tendo em vista sua maneira multidisciplinar de conceber a linguagem.

A metonímia e a metáfora logram maior prestígio dentre todas as figuras. Desde o surgimento da retórica perpassando Aristóteles, Quintiliano, Jesus, vem deixando suas marcas

historiográficas. Jakobson foi mais um desses que não apenas a usou, mas que registrou também a sua importância para a compreensão da linguagem. Em sua visão, diferente nesse aspecto, de Benveniste, a linguagem abarca pinturas, publicidades, sinais e outros, e no uso dessas linguagens percebe-se constantemente o emprego de metáforas e metonímias. Enquanto a primeira se caracteriza pela similaridade, a segunda vem marcada pela contiguidade (JAKOBSON, 2007, p. 55). Nessa direção, Roman Jakobson estabelece uma definição classificatória para as escolas literárias: “o romantismo e o simbolismo seriam metafóricos, enquanto o realismo seria metonímico”. (FIORIN, 2014, p. 16). Preservando apenas esses dois tipos da retórica antiga, este linguista denota a necessidade de se buscar novas classificações para as figuras de linguagem ou tropos tradicionais, o que realmente acontece nos estudos de alguns autores, a exemplo o grupo μ^3 , que organiza a partir das figuras: a quadripartida, que se compunha de quatro operações, adição, subtração, permutação e transposição (QUINTILIANO, Inst. Orat. IX, 1, 14). Destas operações emergem quatro conjuntos de figuras: metataxes, metaplasmos, matalogismos e metassememas, que substituem as tradicionais figuras de palavras, de sons, de pensamento e de construção.

Novas concepções sobre a retórica são delineadas a partir de meados do século XX. O interesse por essa matéria desponta-se com o que ficou divulgado como nova retórica. Tal movimento não se manifestou de maneira homogênea, mas tratou-se de diversas correntes que dividiam entre si um interesse múltiplo pela retórica. Dentre esses teóricos voltados para o renascimento dessa matéria, destaca-se Perelman que,

[...] em 1958 lançou, com o subtítulo “A Nova Retórica”, seu Tratado da Argumentação (em parceria com Lucie Olbrechts-Tyteca). De lá para cá, não faltaram obras sobre a retórica, as quais parece terem se colocado em duas posições contraditórias: uma vê na retórica uma arma da dialética; outra a considera um instrumento da poética. (HENRIQUES, 2011, p.35).

Esses dois autores basearam-se em uma forma de argumentação livre e com base na herança deixada por Aristóteles, percebem na retórica a ideia do discurso persuasório. Sua linha

³ O Grupo μ (ou *Groupe μ* , em francês) surgiu por uma equipe de linguistas multidisciplinar em 1967, em Liège, na Bélgica, também conhecido como "Grupo de Lieja, por pertencerem à Universidade de Lieja. Inicialmente era composto por Jacques Dubois, Jean-Marie Klinkenberg, Francis Édeline, Francis Pire, Philippe Minguet, e Hadelin Tridon. Nasceu de um descontentamento com o rigorismo universitário, no fim da década de 1960 e buscavam maior liberdade para questionar assuntos de seus interesses. O coletivo interdisciplinar atuou, no campo da retórica, semiótica, teoria da comunicação e poética e teve sua primeira obra publicada, *Retórica Geral*, em 1970. Seus livros foram traduzidos para diversas línguas. A letra grega “ μ ” de seu nome (escrita em francês “Mu”) remete a inicial da figura Metáfora.

de saída é a questão do esclarecimento dos juízos de valor, buscando uma lógica síncrona ao método demonstrativo que irá assemelhar com a retórica.

Perelman defende que o oposto ao que se dá com os silogismos científicos, os argumentos dialéticos visam a persuasão e o convencimento, e buscam defender teorias que podem ou não ser equivocada. Tais silogismos dialéticos devem ser distintos dos analíticos, que concernem à verdade. Em sua opinião sobre a depreciação da dialética e da retórica, Perelman vê seu início com Pedro Ramus, seguido por Descartes e que teve sua consumação com os pensadores matemáticos do século XIX. Essa subtração da verdade à prova excluiu o direito, a ética, e a política do âmbito da razão, prejudicando a natureza prática. Preocupado e sentindo confrontado em seu raciocínio, ele labuta por uma lógica diferente, a dos juízos de valor.

Nas suas investigações, todavia, Perelman atestou a não existência de uma lógica dos juízos de valor como idealizou, percebeu que a lógica que sonhava em nada divergia da antiga retórica greco-romana. Logo, considerou a necessidade de ampliar o entendimento de razão, harmonizando ideia e ação, teoria e prática na perspectiva de convencer ou persuadir. O resultado desse esforço trará a noção da nova retórica.

A nova retórica, entretanto, emerge com um rompante distinto da antiga, haja vista não se dirigir apenas a públicos simples, incapazes de acompanhar uma longa cadeia de silogismos, alcança a qualquer auditório, seja ele de especialistas, de uma enorme massa, ou de um grupo desprovido de formação acadêmica, ou mesmo de um indivíduo. Dessa forma, ao superar a dialética e a retórica proposta por Aristóteles, — embora nem sempre excede, enquanto não expande alguns ângulos, como, por exemplo, a presença da eloquência —, acaba por incidir e apropriar-se do discurso não demonstrativo como objeto, como declara o próprio Perelman: “[...] o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses em que são apresentadas ao seu assentimento”. (PERELMAN, 2005, p. 4).

Na definição do objeto da concepção argumentativa perelmaniana, o caminho que a Nova Retórica palmilha afasta-se da retórica aristotélica em vários pontos: as preocupações concernem-se no conhecimento lógico dos artifícios do pensamento e não da eloquência ou expressividade; a argumentação é estudada em suas estruturas próprias, rejeitando a ideia da sujeição do auditório pelo discurso; o texto escrito recebe privilégio, em detrimento do discurso falado frente a uma multidão agrupada em espaço público como na percepção da arte demonstrada pela retórica grega; a argumentação se destina também a um auditório universal, e não apenas a determinados públicos, como na retórica grega. (PERELMAN, 2005, p. 7-11).

Ainda, segundo Perelman, apenas o convencimento por meio da linguagem é esfera da retórica, por isso, essa disciplina investe em descobrir os métodos de conquistar os espíritos

pelas vias do discurso e, se porventura uma figura argumentativa não atingir esse alvo, a figura será vista como ornamento ou recurso estilístico:

Consideramos uma figura argumentativa se, acarretando uma mudança de perspectiva, seu emprego parecer normal em relação à nova situação sugerida. Se, em contrapartida, o discurso não acarretar a adesão do ouvinte a essa forma argumentativa, a figura será percebida como ornamento, como figura de estilo. Ela poderá suscitar admiração, mas no plano estético, ou como testemunho da originalidade do orador. (PERELMAN, 2005, p. 192).

A finalidade do orador ao argumentar é evocar a adesão da plateia às teses que advoga. Para alcançar tal resultado, necessita mostrar que esses juízos são acompanhados de premissas aceitas por aqueles a quem se endereça. Estes pressupostos ou teses podem incorrer sobre o real, e serem verdades, fatos e presunções ou sobre o preferível e serem hierarquias, valores, e lugares do preferível. Essas premissas selecionadas de um sistema amplo de informações, que servem como ponto de partida para o desenvolvimento do raciocínio argumentativo, e quando assistida pelas figuras da retórica, agigantam-se na força de persuasão e do convencimento dos auditores.

Vale ressaltar que a partir do tratado de Perelman, redefiniu-se o espaço das figuras que se tornam sólido conjunto argumentativo, um desfruto a mais, uma anuência estilística para favorecer a aceitação da defesa. Nas palavras de Reboul (2004, p. 113) “a expressão ‘figuras de retórica’ não é um pleonismo, pois existem figuras não retóricas, que são poéticas, humorísticas ou simplesmente de palavras. A figura só é de retórica quando desempenha papel persuasivo”.

O arcabouço classificatório das figuras é demasiado extenso e até diversificado a depender do segmento teórico trilhado pelo pesquisador. Por exemplo, Maria Abaurre (2016, p. 184-190) seguindo uma concepção mais tradicional, classifica-as em quatro tipos, e as denomina de recursos estilísticos: figuras de sons, figuras de palavras, figuras de sintaxe e figuras de pensamento. Já Fiorin as define como tropos e figuras não trópicas (FIORIN, 2014, p. 32).

Na formulação apresentada por Chaim Perelman, três modalidades de classificação são adotadas pela nova retórica: figuras de presença, figuras de escolha, - e figuras de comunhão (PERELMAN, 2005, p.195). As primeiras buscam por efeito internalizar na consciência o produto do discurso: onomatopeia, amplificação, repetição, sinonímia, pseudodiscurso direto, hipotipose, enálage de tempo; as segundas propõe uma escolha: definição de oratória, perífrase, sinédoque – metonímia, antonomásia, prolepse ou antecipação, retificação e correção; e as terceiras são as que auxiliam o orador a firmar a relação de comunhão com os ouvintes por

perícia literária: alusão, citação, clichê, enálage da pessoa ou do número, apóstrofe, interrogação oratória.

A identificação de uma figura facilita revelar, em uma enunciação, quais componentes de persuasão estão expressos. Ao encaminhar o entendimento de um discurso, realizado por um locutor, uma figura está operando para a promoção de novos signos. Emerge então o suporte procedimental da semiótica para cooperar na análise retórica dos elementos elaborados pela ação do ordenamento estético-formal de elementos textuais e não-textuais, pois, como sugere Santaella (2005, p. 59), “em uma acepção muito geral, a semiótica é a teoria de todos os tipos de signos, códigos, sinais e linguagens. Portanto, ela nos permite compreender palavras, imagens, sons em todas as suas dimensões e tipos de manifestações”.

Isto posto, pode-se absorver que as figuras de linguagem ou de retórica são recursos que o orador aplica ao texto para adquirir um determinado efeito de adesão na interpretação do ouvinte. Elas se relacionam com os aspectos sintáticos, semânticos e fonológicos das expressões afetadas e contribuem com arte retórica na missão de falar bem, discursando com persuasão e fundamentação racional.

1.3 Classificação das figuras de Linguagem

As neo-retóricas viabilizaram um retorno aos vínculos aristotélicos, recuperando o reconhecimento dos estudos relativos às figuras. Porém, a classificação desses recursos linguísticos depende de uma sensibilidade por parte dos que buscam dissecar o assunto, pois, devido à enorme quantidade e as infinitas probabilidades de efeito de sentido na expressão, seja em se falando de retórica, figuras de linguagem ou estilo, esse campo de pesquisa torna-se profundo.

O linguista José Monteiro sublinha em seu livro, *A Estilística*, que alguns nomes com seus significados provocam até contradição enquanto se define outro:

Só para se ter uma ideia, se a figura é uma simples repetição de palavra, poderá ser designada como anáfora, epístrofe, diácope, epizeuxe, anadiplose, homoptoto, epanáfora, epanalepse, epanadiplose, epanástrofe, epânodo, diáfora, mesoteleuto, poliptoto, etc., conforme o local ou a forma em que aparece a palavra repetida (MONTEIRO, 1991, p. 27).

Assim, é possível se tratar da mesma figura com olhares diferentes, como declarava Saussure, “[...] é o ponto de vista que cria o objeto; [...]” (SAUSSURE, 1995, p.15). Isso nos estudos de retórica tradicional era tão evidente que a mera classificação da figura não tinha valor na elaboração do sentido, tornando-se vago reconhecer uma figura, quando não se

percebe a sua capacidade expressiva (MONTEIRO, 1991, p. 27). A despeito disso, observa-se que as figuras de retórica desempenhavam uma função relevante na construção argumentativa e persuasiva do discurso – *a elocutio* – servindo como liame entre *a dispositio* – componentes dos instrumentos linguísticos – e *a actio* – demonstração do discurso pelo locutor (GUIMARÃES, 2001, p. 150-151).

As pesquisas atuais, bem como os enfoques apresentados por elas na esfera do estudo figurativo, relacionam novamente a retórica a vários gêneros que abarcam um universo muito além do literário e aponta para a indivisibilidade da forma e conteúdo na linguagem (MOSCA, 2004, p. 17-54). Dessa forma, as figuras consistem em recursos modernos argumentativos, sendo utilizadas para promover efeitos nos discursos e gerar expressividade, dando mais ênfase às ideias no texto.

Dentre as tipologias existentes, que proporcionam suportes e embasamento aos estudos das figuras de linguagem, destaca-se a tipologia de Perelman: figuras de escolha, de presença e de comunhão (PERELMAN, 2005, p. 195); a classificação de Oliver Reboul: figuras de palavras, de sentido, de construção e de pensamento (REBOUL, 2004, p. 114); e a definição de Roman Jakobson que se dedica quase exclusivamente a explorar a metáfora e a metonímia. (JAKOBSON, 2007). Há também a divisão oferecida pelo famoso Grupo μ apresentada no livro retórica Geral, a partir da nomenclatura, metáboles, que abarca quatro classes, estudadas sob três operações gerais, a saber, junção, supressão e permuta: metaplasmos, metataxes, metassememas e metalogismos (MOSCA, 2004, p. 36), mas que neste trabalho não será investigada. Por fim, cabe apresentar a exposição classificatória de José Luíz Fiorin, que as define como figuras trópicas e não trópicas (Fiorin, 2014, p. 32). A seguir ver-se-á cada uma dessas teorias tipológicas, com ênfase para a classificação de Luís Fiorin, que fundamentará o estudo dos próximos capítulos.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) reuniram as figuras de retórica com vista em enfocar os efeitos que possivelmente exercem no texto, deixando evidente que tal agrupamento não se trata de gêneros, mas tem propósito didático para organização. Assim, as dividiu em três tipos: figuras de escolha, de presença e de comunhão.

As Figuras de Escolha propõem ou procedem uma escolha, ou seja, demonstram haver argumentos, sugerindo uma alternativa. São elas, a definição de oratória - utiliza a estrutura da definição, não para fornecer o sentido de uma palavra, mas para pôr em destaque certos aspectos de uma realidade que arriscariam ficar no último plano da consciência -; a sinédoque ou metonímia - caracterizada pela permuta de um termo por outro e apresenta a fração menor pela mais extensa, o todo, ou o todo pela fração, acarretando a diminuição ou ampliação do sentido

-; perífrase - recurso utilizado para corresponder ao uso de uma expressão ou frase que represente indiretamente dado nome ou vocábulo -; antonomásia - figura que consiste em substituir um nome pelo outro ou por uma expressão que o identifique facilmente -; prolepse - recurso estilístico que antecipa, previne as possíveis contrariedades, refutando-as de antemão, ou construindo-as a si próprio e objetando-as seguidamente -; retificação – figura que visa salientar a autenticidade de uma escolha -; e correção - quando se substitui uma palavra por outra, com o intuito retificador. (PERELMAN, 2005, p. 198).

As figuras de presença são aquelas que proporcionam na consciência do interlocutor o efeito do objeto do discurso, objetivam intensificar o sentimento de presença do elemento no enunciado. São dispostas por Perelman como onomatopeia – figura que consiste na constituição de uma palavra mediante a imitação de um som provocado por objeto, animal, pessoa ou fenômeno da natureza -; amplificação – quando desenvolve o processo oratório de um assunto, para destacar sua importância -; repetição – expressão que age diretamente, acentua o fracionamento de um acontecimento complexo em episódios detalhados. Embora uma das figuras mais simples, proporciona aumento de sensação da presença -; metábole - consiste na utilização de sinônimos. Através de termos distintos, repete um mesmo pensamento. Propõe uma revisão gradativa -; pseudodiscurso direto - atribui supostamente palavras a um indivíduo ou a vários dialogando entre si -; hipotipose – processo promotor de passagem abrupta do pretérito, como tempo de narrativa, para o presente, o tempo da descrição, fazendo a permuta de um tempo por outro, distintivamente das ligações normais -; enálage de tempo – promove a troca de um tempo por outro, com finalidade ampliadora do efeito de presença. Está correlacionada ao tempo gramatical (PERELMAN, 2005, p. 199-200).

A terceira e última classificação de Perelman, trata-se das figuras de comunhão, instrumento usado pelo orador para confirmar ou promover a comunhão com a plateia, mediante métodos literários. Tal coparticipação aumenta quando o orador paulatinamente consegue, por meio das figuras, induzir o auditório a participar da exposição. Elas são representadas pelas seguintes figuras: alusão - fenômeno do passado, uso ou acontecimento cultural, que o conhecimento é próprio dos participantes de um grupo, que o locutor quer gerar essa comunhão -; citação - caracteriza-se em apoiar o que se diz com o peso de uma autoridade por meio de máximas, citações e provérbios -; clichê – são chavões, lugares-comuns, ideias prontas e saturadas pela reprodução, produzem o efeito da citação -; apóstrofe - caracterizada pelas expressões que abrangem chamamentos, interpelações, e invocações de um interlocutor sejam esses reais ou imaginários -; interrogação oratória – identifica-se quando a forma sintática recebe uma função que usualmente não seria a sua, deixando o habitual papel de perguntar para

funcionar com outra função, a de afirmar -; comunicação oratória - técnica oratória de pedir ao oponente que reflita sobre a ideia, solicitando-o a participar da questão e visa confundir o auditório -; enálage da pessoa – recurso que efetua a substituição do “eu” ou do “ele” pelo “tu”, induzindo o locutário a julgar ver a si frente à desvantagem - enálage de número de pessoas - recurso que atua na permutação do “eu” ou do “tu” por “nós”, forçando o ouvinte a se avaliar diante da situação proposta (PERELMAN, p. 201 - 202).

Nascido em 1925, Oliver Reboul, especialista em Retórica e em Filosofia da Educação, ao definir as figuras apresentou-as como traços ou formas afastadas do uso comum de utilização da língua, que objetiva reforço e adequação aos enunciados. Ao classificar as figuras, esse teórico acentua uma retórica de estilo, apresentando as figuras ou tropos, de um ângulo, e uma retórica de argumentação, de outro. Assemelha ao estilo saussuriano ao negar a possibilidade de definição do signo linguístico. Ele, ao conceituar figura, sublinha que esta é um desfrute a mais, uma permissão estilística para favorecer a recepção do argumento (REBOUL, 2004, p. 114). Seu inventário tipológico das figuras é marcado por quatro divisões: figuras de palavras, de significação, de construção e de pensamento.

Reboul, define as figuras de palavras como mecanismo que se referem ao som no discurso, caracterizadas por serem intraduzíveis e reservadas a poesia e à beleza humorística, concomitante a isso, valiosas para o campo da argumentação. Elas são divididas em dois grupos: figuras de ritmo e figuras de som. As figuras de ritmo – são expressões musicais do discurso produtoras de harmonia e sensibilidade tocante: “O ritmo gera um sentimento de evidência próprio a satisfazer o espírito, mas também a conseguir sua adesão [...] põe o pensamento sobre trilhos” (REBOUL, 2004, 116). A parisose e a cláusula são as duas figuras de ritmo trabalhadas por Reboul, a primeira trata de um período composto por dois membros com a mesma extensão: viajar ou estudar, necessário pensar. E a segunda fala é uma sequência rítmica que termina um período: “Para vencê-los, senhores, precisamos de audácia, mais audácia, sempre audácia, e a França está salva”. (REBOUL, 2004, p. 116).

Já as figuras de som demandam fonemas, sílabas ou palavras, são uma categoria que enfatizam os fonemas e se valem da repetição e da imitação de consoantes e vogais para aguçar essa expressividade. O objetivo é criar significados a partir da sonoridade da mensagem: a paronomásia – caracterizam-se por palavras parônimas, que extraem expressividade da combinação de palavras e manifestam semelhança mórfica, mas possuem conceitos ou significados diferentes -; a aliteração – consiste na repetição de sílabas ou fonemas consonantais, para aludir a um som e marcar efeitos sonoros peculiares no texto -; e a antanáclase - consiste no emprego de palavras semelhantes no som, mas diferentes no

significado, “se aproveita de dois sentidos ligeiramente diferentes de uma mesma palavra” (REBOUL, 2004, p.117).

As figuras de significação ou sentido objetivam-se à mudança de sentido das palavras, aplicando-se termos que não lhes são comuns. Três são as figuras de sentido apresentadas por esse autor, das quais derivam as demais: metonímia – diz respeito ao uso de uma palavra fora do seu ambiente semântico habitual, por possuir uma significação objetiva, de contiguidade, conceitual ou material, com o assunto ou referente casualmente pensado -; metáfora - designa um objeto com o nome de outro que possua com ele uma relação de similaridade, ou seja, compara dois elementos distintos, estabelecendo uma semelhança entre si -; sinédoque – caracteriza-se pela permutação de uma expressão por outra, procedendo uma ampliação ou redução do sentido dessa expressão, diferencia-se da metonímia por qualificar algo por meio de outro que tenha com ele uma aproximação de dependência, de maneira que a primeira deixaria de existir sem a segunda. (REBOUL, 2004, p.121-122).

A terceira divisão, classificada por Reboul, é a das figuras de construção, reconhecidas por estabelecer, à ordem comum das palavras, a construção do discurso e sua utilização prática se dá por repetição, subtração ou permutação. São elas: a epanepse – recurso de repetição pura e simples, que propõe dupla questão, o da correção e o da utilidade, “O homem é o lobo do homem?” - (REBOUL, 2004, p.127); e a antítese – artifício de intensificação e realce do sentido de algo que se diz por meio do emprego de palavras com sentidos contrários no discurso -; o quiasmo - é uma oposição baseada numa inversão: precisa-se trabalhar para viver, e não viver para trabalhar -; hipérbato - é uma inversão e funciona como quebra da ordenação lógica do enunciado, pois inverte a posição dos termos que compõem o texto -; o anacoluto - caracterizado por modificar a cadeia lógica da disposição da frase mediante uma pausa no enunciado -; gradação - consiste em uma ordenação progressiva de palavras de maneira a ampliar ou diminuir a ideia que se exprime no discurso -; consiste em dispor as palavras na ordem crescente de extensão ou importância - (REBOUL, 2004, p.127-128).

Pertencentes ainda às figuras de construção estão as que decorrem de um processo de subtração. A esse tipo de recurso pertencem, segundo esse linguista: a elipse - que consiste em suprimir palavras essenciais à construção, mas não ao significado -; assíndeto - omissão de conjunção coordenativa entre palavras -; e a aposiopese - recurso usado para interceptar o texto e entregar ao auditório o exercício de completá-lo.

Por fim, tem-se as figuras de pensamento, caracterizadas pela imaginação, e parecem independem da sonoridade, sentido e ordem dos termos, e existir com intuito da persuasão ou de sensibilizar o interlocutor, mas, concomitante a isso, empreende íntima relação entre língua e

pensamento. Esses elementos são identificados por três critérios: referir-se ao discurso para além da palavra ou da frase; relacionar o discurso com seu referente, expressando a verdade, seja ele imaginário ou real; e ser lida no sentido figurado ou literal.

Dentre as figuras de pensamento destaca-se a ironia e a alegoria; as figuras de enunciação; e as figuras de argumento. A ironia é definida como – disposição sarcástica que objetiva manifestar o sentido contrário do que se deveria empregar em seu contexto literal – e a alegoria como – recurso que expande o sentido da palavra, transmitindo um ou mais significados, além do literal. Reboul também disserta sobre as figuras de enunciação: a apóstrofe – supressão súbita do enunciado que o escritor ou orador cria, para falar a alguém, real ou imaginário – ; a prosopopeia – elemento de personificação, que empresta sentimentos humanos e palavras a animais ou seres inanimados – ; a preterição – instrumento linguístico pelo qual se demonstra não querer tratar de um assunto, para melhor falar dele – ; e a epanortose – que consiste em uma correção de estilo, geradora de efeito de sinceridade, que corrige intencionalmente um termo ou frase pronunciada anteriormente (REBOUL, 2004, p.129 – 134).

Quanto às figuras de argumento elencadas dentre as de pensamento, Reboul (2004, p. 135), as divide em quatro: conglobação, prolepse, apodioxe, cleuasma e leciona que,

A prolepse antecipa o argumento (real ou fictício) do adversário para voltá-lo contra ele: dizer-nos que... A conglobação acumula argumentos para uma única conclusão. [...]. O cleuasma consiste no desgabo que o orador faz de si mesmo, para angariar confiança e simpatia do auditório [...]. A apodioxe é a recusa argumentada de argumentar, quer em nome da superioridade do orador (Não tenho lições para receber[...]), quer em nome da inferioridade do auditório (Não cabe a vocês dar-me lições, e [...]). (REBOUL, 2004, p.135).

Dessa forma, em Oliver Reboul as figuras se constituem em formas de utilização da língua que se distanciam do uso habitual, visando mais vigor e adequação aos discursos.

Outro linguista e estudioso literário, um dos mais doutos e criativos do século XX, o russo Roman Jakobson, denominado por Haroldo Campos de “o poeta linguista” (JAKOBSON, 2007, p. 183). Ele não oferece um catálogo de classificação das figuras, todavia seu destaque dado aos núcleos da linguagem: a metáfora e a metonímia, merecem determinada atenção. Em sua opinião, essas duas figuras sintetizam e são responsáveis por todos os processos literários. Destarte, eleva essas duas figuras à categoria de lei geral da linguagem, valorização esta ratificada por Izidoro Blikstein ao prefaciá-la obra “Linguística e Comunicação” de Jakobson:

Toda expressão metafórica se faz pela substituição de paradigmas, ao passo que a expressão metonímica deriva da associação de paradigmas a formar sintagmas. Trata-se, pois, de uma ampliação das noções de similaridade e contiguidade. Na faculdade

sintagmática de contiguidade utilizada com extrema rapidez estaria porventura o germe da criação poética. Quando Carlos Drummond de Andrade diz "Caio verticalmente e me transformo em notícia" no seu poema "A Morte no Avião", cria um exemplar sintagma metonímico, proveniente de rápida associação. (JAKOBSON, 2007, p.12).

A metáfora, portanto, é estimulada por uma permutação em que se verifica interseção de marcas semânticas entre o termo permutado e a palavra substituinte. Já a metonímia é motivada por um vínculo de incorporação, de pertencimento, entre a palavra transposta e o termo substituinte ou vice-versa. Em uma permutação metonímica os termos substituídos concernem ao mesmo universo semântico e preservam entre si um elo de sentido que já é comumente assentido, fator esse distinto da metáfora, que os termos permutados não participam do mesmo campo semântico.

Quanto ao enfoque dado por Jakobson a metáfora e a metonímia não surpreende a nenhum estudante de linguística mais atento, haja vista essas duas figuras abarcarem muitas outras. O elemento implícito da metáfora que possui como pilar a comparação permite uma variedade de interpretações. As metáforas podem ser divididas em metáforas cotidianas, inventivas, conceituais, e a metonímia também abrange outras figuras como a antonomásia e a eponímia (HENRIQUES, 2011, p. 135-138). Por outro lado, metáfora e metonímia, estão correlacionadas, e tanto uma quanto a outra correspondem à incorporação de um significante a um significado secundário, vinculado por contiguidade com o significado primário. Jakobson ainda leciona: “tudo quanto é transitório é um símile. Em poesia, onde a similaridade se superpõe à contiguidade, toda metonímia é ligeiramente metafórica e toda metáfora tem um matiz metonímico” (Jakobson, 2007, p. 148).

Em suas análises, esse linguista Russo observou que a metáfora está mais relacionada ao gênero poesia, enquanto a metonímia a prosa. Além disso, enxergava a escola ou estilo literário do romantismo correlacionado intimamente com a metáfora e o realismo com a metonímia (Jakobson, 2007, p. 60, 61). Nas análises semióticas, em linguagem não verbal, este teórico também observava as tendências de escolha: na pintura cubista via o estilo metonímico, já na surrealista a preferência por metáforas. Quanto à esfera cinematográfica destacou Haroldo de Campos sobre Jakobson:

O cinema de *Giffith*, por exemplo, é para ele, um cinema metonímico, enquanto o de Chaplin é metafórico. Os filmes tipo documentário seriam por definição metonímicos. *Rashomon* dá um exemplo de cinema com dominante metafórica *L'année Dernière à Marianbad* é um filme metafórico de começo ao fim, no qual, no entanto a diferença entre metáfora e metonímia desaparece. (JAKOBSON, 2007, p. 190, 191).

Assim, para Jakobson, o mecanismo metafórico acontece por meio da correlação, preferência e substituição e a metonímia se dá mediante a contiguidade e combinação. A semelhança das significações vincula os símbolos de um texto com os significados da linguagem a que ela se refere. A similaridade associa uma expressão metafórica com a expressão a que substitui. Consequentemente, quando o estudioso elabora uma metalinguagem para elucidar as figuras, possui unidades mais uniformes para manusear a metáfora, enquanto a metonímia, estabelecida numa base diferente, instiga prontamente a interpretação.

Um último nome, escolhido como principal teórico para o embasamento da classificação das figuras de linguagem aqui, é o do reconhecido professor José Luiz Fiorin, profundo interessado no assunto da retórica. Sua exposição não consiste em um inventário de figuras, mas de elementos enunciativos com caráter de construção de sentido a serviço do convencimento (FIORIN, 2014, p.10). Em sua análise e definição, não poucas vezes o autor retoma a discussão encadeada pelos antigos, pelos clássicos e pelos contemporâneos: Cícero, Quintiliano, a Retórica a Herênio, Jakobson, o Grupo μ , e outros. O foco de Fiorin se direciona às atuais condições discursivas, e observa como as novas maneiras de comunicação e de compreensão de ciência avizinham a linguística com a antiga retórica. Percebe-se nele a preocupação em absorver uma linguística para além da frase.

Esse mestre demonstra profundo interesse pela retórica e com propriedade escreveu a obra *Figuras de retórica* que não se refere a um catálogo de figuras, mas da exposição de figuras, proposta de apresentação de ferramentas de produção de sentido, transações enunciativas de atenuação dos sentidos presentes no discurso a trabalho da persuasão (FIORIN, 2014, p. 10). São classificadas nesse livro mais de uma centena de figuras, onde se percebem as dimensões argumentativas e tropológicas da linguagem e para a metáfora e metonímia o autor dedica mais tempo, valorizando-as e pondo-as acima das demais figuras.

Fiorin oferece contribuição incomensurável a uma história dos conhecimentos de texto e discurso, ao atribuir a Benveniste o espaço digno como criador do paradigma, da teoria da enunciação que reconduz o espírito humano na vida social, ao definir o discurso como “exercício social da linguagem” (FIORIN, 2014, p.14). Assim a linguagem é preenchida com o texto e do discurso resulta o abeiramento com a retórica. Segundo esse autor, a retórica com o passar do tempo gradualmente foi sendo reduzida a mera ornamentação do discurso, perdendo muito de sua esfera argumentativa e simplificando-se a uma lista de figuras. Ele critica aqueles que se ocupam de tal redução apresentando-as de maneira inadequada e como triviais atividades formais, deixando de absorvê-las em seu aspecto discursivo, como reporta:

Em geral, apresenta-se uma definição, na maior parte das vezes, extremamente imprecisa, e, em seguida, apresenta-se um ou alguns exemplos. [...] O problema que a figura era apresentada como uma operação formal, sem que se mostrasse que sentido ela criava. As formas da língua existem para produzir sentidos (FIORIN, 2014, p. 10).

Além disso, percebe o autor que há uma propensão dos estudiosos em não apartar figura e tropos, e valorizar a função discursiva desses mecanismos e não mais as expandidas classificações retóricas. Isso apresenta pontos positivos, haja vista a linguagem ser dinâmica (BARTHES, 1975, p. 214). Ele já havia criticado o insistente labutar dos estudiosos por denominar ou classificar as estruturas discursivas como se fossem um sistema inalterável da língua: “Por que tanta fúria em seccionar, em denominar? Por que essa atividade frenética da linguagem, sobre a linguagem?” (BARTHES, 1975, p. 214). Assim, Fiorin conceitua retórica com as seguintes palavras:

Nossa retórica é aquela que virou poética. Que virou procedimento em uma teoria da literatura. Que virou linguística em Jakobson. Que virou semiologia em Barthes. Que virou semiótica em Greimas. Que virou teoria com o Grupo μ . É a Retórica que deixa o domínio da arte para erigir-se como ciência, e que pode ser descrita como a disciplina que estuda os procedimentos discursivos que possibilitam ao enunciador produzir efeitos de sentido que permitem fazer o enunciatário crer naquilo que se diz (FIORIN, 2014, p. 14).

Na classificação das figuras esse autor se apropria da organização dos antigos, separando-as por adjunção ou repetição, por supressão, por transposição de componentes e pela transposição ou troca de constituintes. Ele diz: “Na verdade, os tropos realizam um movimento de concentração semântica, que é característica da metáfora, ou um de expansão semântica, que é a propriedade da metonímia” (FIORIN, 2014, p. 31).

Nesse sentido, o linguista ordena as figuras em: tropos e figuras não trópicas. Na categoria tropos, estão os tropos lexicais e os gramaticais. Os primeiros, classificados por concentração semântica – metáfora, prosopopeia, apóstrofe, oxímoro, sinestesia e hipálage – e por expansão semântica – metonímia, sinédoque, antonomásia, ironia, litotes, hipérbole, eufemismo, perífrase, adínaton, preterição e reticencia. Os segundos, classificados por condensação semântica – silepse - e por difusão semântica – enálage, metalepse, hendíade.

As figuras não trópicas são classificadas em figuras de aumento, de diminuição, de transposição e de troca. Cada uma dessas quatro divisões, conforme o doutor, são elencadas como figuras não trópicas: de troca, de transposição, de diminuição e de aumento. Pertencem às figuras de troca, a retificação, a retroação, a exclamação, a interrogação, a assimilação, a dissimilação, o ensurdecimento, e a nasalização. Compõe as de transposição, a anástrofe, o hipérbato, a sínquise, a histerologia parêntese, a suspensão, e a metátese. Já as de diminuição

são divididas em assíndeto, elipse, zeugma, anacoluto, aférese, síncope, haplologia, apócope, sinalefa (elisão), e crase.

Quanto às de aumento suas composições são mais amplas, dividem-se em três, as primeiras pertencem ao grupo das de repetição:

a) de sons ou de morfemas: aliteração, assonância, parequema, liomeoteleuto (rima), homeoplolo;

b) de palavras ou de sintagmas dentro da mesma oração, ou verso: epizeuxe (reduplicação), diácope, epanalepse;

c) de uma palavra ou sintagma em outra oração ou verso: no início: anáfora; no meio: mesodiploses; no fim: epístrofe (epífora); no início de uma oração ou verso e no final do seguinte: epanadiplose; no final de uma oração ou verso e no começo do seguinte; anadiplose; no meio de uma oração ou verso e no início ou fim do seguinte: ploce; aleatoriamente: epimone; de conjunção: polissíndeto;

d) de mais de uma palavra ou sintagma em orações e versos distintos: no início e no fim de uma oração ou verso e na mesma ordem era outra oração ou verso: símploce; no início e no fim de uma oração ou verso e em sentido inverso na oração ou verso seguinte: antimetábole, quiasmo; no fim de cada oração ou verso e no início de cada oração ou verso em cadeia: concatenação; duas palavras ou sintagmas contíguos numa oração, repetido o primeiro na oração seguinte e o segundo na outra: epanodo;

e) de orações ou versos: em sequência: palilogia; com intercalação: ritornelo (refrão, estribilho); com inversão na ordem das palavras: epanástrofe;

f) de conteúdo: com o mesmo sentido ou sentido equivalente: sinonímia, paráfrase, pleonasma; com sentido diverso: antanáclase (diáfora), paronomásia, paradiástole; com variação gramatical: poliptoto;

g) de estruturas: paralelismo, isócolo.

As segundas são reconhecidas como de acumulação: conglobação (enumeração ou epimerismo), gradação (clímax e anticlímax), concatenação (epíploce), sorites, metábole, antítese, hipotipose. As terceiras estão no grupo das figuras de acréscimo: prótese, epêtese, suarabácti (anaptixe), paragoge (epítese). Já as quartas e últimas são as figuras de diminuição: assíndeto, elipse, zeugma, anacoluto, aférese, síncope, haplologia, apocope, sinalefa (elisão), e crase.

Dentre essas muitas figuras elencadas pelo doutor Fiorin, dezessete delas serão separadas e trabalhadas no sermão do monte nos Evangelhos. Aqui foram discriminadas

apenas, mas no terceiro capítulo serão conceituadas e analisadas em seus pormenores, como instrumento de estudo do discurso de Jesus, compondo o corpo da pesquisa desta dissertação.

Dessa forma, percebe-se que as Figuras de linguagem emergem da retórica, antiga arte grega muito utilizada pelos oradores Górgias, Quintiliano, Aristóteles, Cícero, entre outros. Naquele tempo o objetivo principal era a argumentação e a persuasão, que denotava verdadeiro instrumento e expressão de racionalidade. Entretanto, mesmo nessa época, tal conhecimento, já carregava amplo peso estilístico. Por mais que obstáculos tenham surgido no decorrer dos séculos, promovendo um aparente minguar da retórica, a exemplo do momento em que foi relegada aos estudos de latim, quando permaneceu estática por três séculos; tais impasses opositores, que alegavam a impossibilidade de dois ou mais sentidos de uma palavra, foram apenas desvios que convergiram para que a retórica, no início do século XX renascesse como disciplina interessada nos elementos afetivo-expressivos e sociais da linguagem.

2 OS EVANGELHOS COMO FONTE LITERÁRIA

Grande parte dos leitores concebe um distanciamento amplo entre a literatura bíblica e as demais literaturas, isso decorrente da garantia adquirida de um sistema de canonização, que reconhecem a Bíblia como iluminação da deidade, ainda que registrados por homens. Robert Alter, crítico literário, afirmou que o livro dos cristãos foi concebido por muitos anos tanto pelo judaísmo como pelo cristianismo, apenas como revelação de Deus, sem a valorização da contribuição das pessoas que a escreveram (ALTER, 1998, p. 16). Atualmente, porém, muitos pesquisadores enxergam nessa obra uma fonte literária abundante. Nesse capítulo será analisado alguns elementos auxiliares na exploração desse manancial, a começar com a observação da estrutura tipológica e dos gêneros textuais, buscando mostrar a importância do diálogo entre a literatura secular e a bíblica para entender o sentido de se trabalhar e interpretar as figuras de linguagem no sermão do monte.

2.1 O diálogo entre a Bíblia e as demais literaturas

Desde o nascimento do cristianismo, a literatura sempre disponibilizou elementos para a análise teológica, mas, a contar da patrística, mormente no século IV, a partir do Edito de Milão, a utilização dos exemplares profanos ao cristianismo tornou-se proibido (SCHÖKEL, 1994). No pensamento de Jerônimo, a teologia cristã era antagônica a cultura greco-romana. Tais concepções se fizeram tão aguçadas que a retórica de Cícero e o cristianismo, por exemplo, são dissociáveis (DROBNER, 2003). Isso proporcionou o desenvolvimento de uma literatura formativa e a Bíblia não podia ser considerada obra literária. Tal teoria, entretanto, não teve sustentação com o avanço da religião cristã, que paulatinamente petrificou-se e tornou-se uma com a cultura da patrística e medieval, construindo forte associação entre as duas dimensões literárias, embora não alcançando completamente a plenitude esperada, até agora.

A comunicação entre literatura e conhecimento divino na atualidade tem sido incentivada por pesquisas no campo da teologia, das ciências das religiões e da literatura (RAMOS, 2022, p. 9). À proporção que se desenvolve ou surge maiores questões sobre a espiritualidade relativas ao ser humano, o interesse por discussões sobre as questões metafísicas e espirituais ampliam, obviamente essa afirmação do interesse pelo transcendente não pode ser confundida com a busca pela religiosidade, conforme declara Bauman (1998, p. 223) “[...] as pressões culturais pós-modernas, enquanto intensificam a busca de ‘experiências máximas’, ao mesmo tempo, as desligaram dos interesses e preocupações propensos à religião [...]”. Dessa

forma, o universo literário tem interessado a muitos estudiosos, e o diálogo entre literatura e teologia ainda ocupa espaço entre amantes da literatura. Além disso, as ciências das religiões, por se tratarem de um estudo pouco explorado, se se levar em conta que têm pouco mais de um século de nascimento (DILTHEY, 2010, p. 19-20), suscita muito interesse dos cientistas.

A literatura, como produto social, embebe-se do elemento humano, é gerada da pessoa para a pessoa e atua com perspectiva humanizadora: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (CANDIDO, 2011, p. 180). Dessa forma, tem abrangência plena e envolve a esfera religiosa, o mundo espiritual, o mítico e o sagrado, utilizando-se tanto nas prosas quanto nas poesias de personagens da religião como Deus, anjos e demônios. Nesse prisma, para fazer literatura de qualquer categoria, um escritor experiente enfoca na observação sensível do aspecto humano. É precisamente isso que os catedráticos da sabedoria bíblica empreendem (RYKEN, 2017, p. 117). Claro que tal atitude não destina a defender tendências doutrinárias, mas posicionar o ser humano em sua completude no mundo.

Nessa perspectiva, não admira surgir diversos métodos de estudos e várias formas de se proceder à conversa entre essas duas categorias, literatura e teologia: estudos comparados, método antropológico, teopoética e outros. As muitas maneiras desse diálogo, promovem a necessidade de múltiplas metodologias. Assim, o texto bíblico, como se apresenta, constitui o objeto adequado de estudo, pois revela sentido completo, independente, literário, que não carece de análise das manantes, da análise histórica ou interpretativa religiosa. Os literários críticos biblistas são quase unânimes em declarar que: “[...] literatura não é, em primeiro lugar, um meio para alguma outra coisa, tal como compreensões históricas ou religiosas dos escritores e do seu mundo cotidiano. Literatura é um mundo todo próprio seu, em si mesmo e por si mesmo, incluída a literatura bíblica.” (GOTTWALD, 1988, p. 33).

Evidentemente, é possível conceber que a literatura não precisa ab-rogar de sua esfera de atuação para tratar de assuntos relacionados a fé e a religiosidade. O envolvimento dessa arte com a religião não a desconfigura de seu objeto, pelo contrário reforça sua dimensão humana, pois quando uma obra se dedica ou manifesta questões religiosas, em vez de minimizar o seu valor, amplia, posto que auxilia em uma reflexão maior sobre a questão humana. Lecionando sobre literatura, teologia e o ser humano, enfoca Manzato (2011, p. 95,96):

[...] a literatura expressa sempre uma compreensão do que significa ser humano, e por isso é, além de antropocêntrica, eminentemente antropológica. O mesmo vale para a teologia, pois há uma convicção de que o antropológico não apenas influencia na compreensão teológica mas, em certo sentido, a determina não apenas porque a teologia é feita por seres humanos ou que ela reflita sobre a significação do humano

no mundo, mas sobretudo porque enxerga, nesse humano a presença e a revelação de Deus, já que ele se revela, sempre, através de categorias e situações humanas.

No liame desses campos, nota-se que a linguagem literária, com suas propriedades inerentes de criticar e, principalmente, de entreter e divertir, prende mais que a científica, por isso mesmo, oferece instrumento didático de alta relevância para a teologia. Essa capacidade sedutora da literatura é percebida nitidamente nos espaços litúrgicos das reuniões religiosas, quase todos os ambientes de fé são elaborados com conteúdo múltiplos: gêneros textuais, apresentações teatrais e jograis. Sem falar na música, uma das expressões artísticas mais antigas da língua portuguesa, executada abundantemente no Trovadorismo (ANDRADE, 2015, p. 57). Essa essência de transmitir mensagens tocantes e convincentes exteriorizada pela literatura ratifica a importância de o homem equilibrar razão e emoção.

Em se tratando propriamente da Bíblia, é amplamente aceite a noção de que é um livro importante para ser lido, e naturalmente interpretado como literatura (GABEL; WHEELER, 2003, p. 17):

Acreditamos que, em alguns aspectos fundamentais, a Bíblia não é diferente das obras de, digamos, Shakespeare, Emily Dickinson, Henry Fielding ou Ernest Hemingway. [...] Mesmo pessoas sem compromisso religioso, que de modo nenhum acreditam na Bíblia, tendem a supor que essa obra requer um tratamento especial, um tratamento que lhe é peculiar.

Assim, sendo uma ferramenta para fundamentar a fé, o livro sagrado dos cristãos é um texto como as outras invenções, produzido como qualquer composto vetusto. Essa obra foi escrita com tinta sobre papiro, pergaminho ou outro material de redação antiquíssimo, por homens de épocas e culturas próprias, em um período de dezesseis séculos (OLIVEIRA, 2021, p.153). Logo, as ferramentas e técnicas de estudos literários podem ser empregadas em sua interpretação, proporcionando compreensão, iluminação e sentidos mais profundos na vida do leitor bíblico, de maneira que, seja o fato narrado, histórico ou ficcional, o que conta é a alusão para o ser humano, a quem refere.

Essas Escrituras, ao serem recebidas como composição literária, não perdem a sua característica peculiar inerente, apenas passa a ser usufruída também como obra literária, e a tarefa do educador, como agente de transformação, constitui-se em demonstrar que uma verdadeira teologia não prescinde do estético, nem o literário exclui o religioso, como leciona Ryken (2017, p. 22):

Contudo, seja qual for o gênero (tipo literário), a considerável abundância de técnicas literárias que encontramos em muitas partes da Bíblia faz dela uma obra-prima literária de que podemos desfrutar por sua beleza, além de a lermos por suas verdades.

A literatura auxilia a compreensão dos textos bíblicos e clarifica ainda mais a compreensão interpretativa para quem transita no universo da fé, concomitante, o teológico contribui na promoção de textos, representando o divino no social nas diferentes culturas. O fato narrado é histórico ou é ficção, porque um e outro aludem para o que o humano significa.

Sumamente, o que está em voga na interação dessa dualidade, não é a descrição do fato que se delineia na história, mas a declaração da verdade humana que a teologia apresenta. A literatura bíblica apresenta meios de compreensão da história, sendo retratos de sua definição, sempre veraz porque favoráveis à história humana, pois interessa mais o significado do que o fato. Adicione-se a isso um componente importante para o religioso, a convicção da crença de que o divino se revela em graus humanos: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade”. (João 1. 14). Nessa ideia, segundo a teologia, quanto mais humano uma pessoa se torna, mais parecido com o divino será.

Além de ser um compêndio de regras éticas e morais, a Bíblia é um precioso clássico da literatura universal que permite ser lida como material de conhecimento, fonte de formação cultural e interpretação do mundo (RAMOS, 2022, p. 13). Essa leitura pode ser tão cativante quanto aquela desvelada às obras de Homero, William Shakespeare e Machado de Assis. Diversos escritores de obras da literatura global já se deleitaram com esse escrito, e o utilizaram como recurso para muitos de seus trabalhos. Ainda mais, na interface entre a Bíblia e a literatura, não raramente, descobrem-se casos de literários dos mais diversos gêneros, aplicando-se a exploração dos mais variados conteúdos referentes ao universo religioso. Entre esses pode-se destacar: Fiodor Dostoiévski, Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, José Saramago e Clarice Lispector.

Os romances, *Crime e castigo* (1866), *O idiota* (1869), *Os demônios* (1872) e *Os irmãos Karamázon* (1879) de um dos maiores romancistas e pensadores da história, o russo Fiódor Dostoiéski, trazem a noção da relação do homem com Deus. Assim, em *Crime e castigo*, aborda o fenômeno da redenção, um assunto muito comum a religião cristã. (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 291). No romance *O idiota*, Cristo é recriado e ressignificado. O personagem, Míchkin, para além de apenas tratar de Jesus, torna-se a metáfora de Cristo. A figura da personagem lembra a imagem do Cristo ocidental, imaginado pelos artistas europeus (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.22). Em *Os demônios*, o autor cita a narrativa neotestamentária da libertação efetuada por Cristo a um endemoninhado gadareno, (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 633). Por fim, na obra *Os Irmãos Karamázov*, Dostoiévski apresenta uma conjunção de razão e religião, aonde a existência de Deus e a imoralidade são postos em discussão (DOSTOIÉVSKI, p.196-197).

Na literatura rosiana, o *Grande sertão: veredas* é um modelo destacado de como a religiosidade estava impregnada no universo intelectual de Guimarães. O enredo apresenta diversos momentos em que o bem e o mal se misturam, causando acaloradas reflexões no narrador-personagem, Roboaldo, e no leitor. Além disso, aparecem como atributos desses entes, ainda que obscuro e ambíguo, vários opostos. Também Rosa traz a problemática existencial (ROSA, 1994, p. 7).

Já, Fernando Pessoa ao aludir em suas obras a religiosidade o faz reunindo textos ateístas, céticos, agnósticos e antirreligiosos. São tessituras poéticas e de prosaicas que aparecem tanto nos ortônimos quanto nos heterônimos e revelam, portanto, a personalidade cética do autor, o que não diminui a sua busca e ambição pelo transcendente e pelo sentido da vida. Ele esboça em *O Desconhecido*, sua visão, ao redigir: “Temos todos a noção de que há qualquer coisa: isso é falso. Não há; não há nem não há. A própria consciência não existe, mas é a única verdade.” (PESSOA, *O Desconhecido*, p. 45). Embora, sua postura seja desfavorável a fé religiosa, bebe também das fontes bíblicas: “para dizer que me dói a vida no olfato e na consciência, para não saber dizer, como na frase simples e ampla do Livro de Jó, ‘A minha alma está cansada da minha vida!’” (PESSOA, *Livro do Desassossego*, p. 80).

Fazendo toada com Pessoa, e indo além, está José Saramago, detentor do prêmio Nobel da literatura 1998, que trata em alguns de seus escritos, como nas obras *O evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*, de religião. Ele delineia seu discurso com alto desempenho estético, trazendo histórias antigas e as adaptando ao cotidiano das pessoas. Interpreta a literatura bíblica e a reinventa com tom irônico e afiado, selecionando para si porções bíblicas como bem intenciona: “Simeão pôs a mão direita sobre a cabeça de José, murmurou uma benção que ninguém pode ouvir e foi-se juntar-se aos seus [...]” (SARAMAGO, 1991, p. 69). Satiriza a crença daqueles que veem Jesus nascido de uma virgem “Só um habitante doutro planeta, suponho que nele não houvesse repetido alguma vez, ou mesmo estreado, este drama, só esse em verdade inimaginável ser ignoraria que a afligida mulher é a viúva de um carpinteiro chamado José.” (SARAMAGO, 1991, p. 9). Questiona a todo instante a ideia do Deus judaico-cristão, ao adjetivá-lo de vingador e observador, pronto para castigar o pecador quando desliza. (SARAMAGO, 2009, p. 101).

Ainda dentre os escritores que ousaram construir um liame entre literatura e Bíblia, salienta-se a figura de Clarice Lispector, uma leitora da Bíblia. Seus textos estão penetrados por fragmentos, imagens, referências e reinterpretações de assuntos bíblicos. Vê-se um teor de busca pela ética e justiça para possibilitar mudanças de paradigmas sociais caracterizados pela exploração aos pobres: “O judeu pobre gritava mudo [...]: tenho sede, suor e lágrimas! e para

saciar a minha sede bebo meu suor e minhas próprias lágrimas salgadas” (LISPECTOR, 1997, p. 65). Esse fragmento refere-se à crucificação de Jesus registrada nos Evangelhos (João 19. 28-30). Clarice, ainda, esboça a problemática da existência humana. A originalidade desvelada, e a percepção do sentido ontológico transluz na tipificação dos personagens de suas obras, (NUNES, 1969, p. 93). Em *Via crucis* reinterpreta com liberalidade o nascimento de Jesus: (LISPECTOR, 1998, p. 32). Nesta mesma obra trata da dualidade da crucificação, seu percurso de dor e de triunfo, de corpo e alma, ao intercalar referências sagradas com profanas (LISPECTOR, 1998, p. 9).

Destarte, o ato de relacionar de forma interdisciplinar as Escrituras e a literatura, pelos critérios analíticos, recebe novas abordagens nas últimas décadas. Compreende-se que não há incoerência em considerar um texto, visto como sagrado e como uma revelação divina, e síncrono a isso, admirá-lo por suas nuances estéticas e literárias, aliás, ao longo do tempo, a Bíblia se tornou um dos clássicos mais buscado da literatura mundial, inspirando artistas, cinematógrafos, literários e teatrólogos.

2.2 Estrutura Textual e Literária dos Evangelhos

A Bíblia possui no Antigo Testamento - edições católicas - 46 livros, e – edições protestantes – 39. Já o Novo Testamento traz em todas as Bíblias 27 livros. Esses 27 livros são divididos em quatro partes: quatro Evangelhos, um Livro Histórico, 21 Epístolas e um Livro Profético, escritos originalmente em grego, entre 45 e 100 d.C. A seção Os Evangelhos, os teólogos primitivos, a colocaram no início do Cânon neotestamentário, não por ordem cronológica, mas em razão de serem a base sobre a qual os demais livros são estabelecidos.

Os de Mateus, Marcos e Lucas foram denominados de sinóticos pelo professor Johann Jakob Griesbach, da Universidade de Jena, no final do século dezoito, alegando serem escritos semelhantes em diversos pontos, e perceptíveis a qualquer estudioso. (ESTRADA, 2002, p. 30). O Evangelho de João é singular, volta-se principalmente para fenômenos não similares aos outros Evangelhos, com desígnio de mostrar a seus leitores que Jesus é o Filho de Deus, nascido em carne para morrer como sacrifício divino oferecido para tirar o pecado do ser humano.

Ao fazer um apanhado com base principalmente no próprio texto bíblico, percebe-se que os escritores desses quatro textos, foram Mateus, o publicano coletor de impostos (Mt 9.9; 10.3), conhecido também como Levi, filho de Alfeu (Mc 2.14; Lc 5.27), a quem Jesus chamou para se unir ao seu grupo de discípulos (Mt 10.1-4; Mc 3.13-19; Lc 6.13-16). Marcos, a quem a antiga tradição coaduna em declarar que o autor é, o mesmo João Marcos, sobrinho de

Barnabé (Cl 4.10) e seguidor de Pedro (1Pe 5.13). O mais antigo relato da autoria de Marcos tem origem em Papias, bispo da Igreja em Hierápolis (cerca de 135- 140 d.C.). (NADAL, 1998, p. 125). O escritor do terceiro Evangelho é Lucas, um médico grego, homem educado e culto, de Antioquia da Síria, sendo companheiro de Paulo, provavelmente seu médico particular (2Tm 1.15; 4.11). Quanto ao Evangelho de João, a tradição atribui a autoria ao filho de Zebedeu (Mc 3.17), um autêntico judeu, conhecido como o discípulo em que Jesus amava (Jo 21.31), profundamente religioso, o mais novo dos discípulos e o que viveu até depois da destruição de Jerusalém.

Sem ambiguidade, os Evangelhos são interligados, ainda que se note características diferentes em cada um. Em Mateus, escrito para os judeus, Jesus é apresentado como o rei. "Eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta" (Zc 9.9). Neste livro a genealogia de Jesus aparece a partir de Abraão, até chegar a José, parece que o interesse do evangelista era responder à necessidade dos judeus de confirmação da linha genealógica que provasse ser Jesus o Messias aguardado (Mt 1.1-17). Em Marcos, escrito para os romanos, Jesus é apresentado como o servo que veio para servir e dar a sua vida em resgate de muitos (Mc 10.45). Não se exige de um servo a sua origem genealógica, logo, nesse escrito não aparece a genealogia de Cristo (SOARES, 2008, p.16). Em Lucas, escrito para Teófilo e demais gregos, o doutor apresenta Jesus como o Filho do Homem: "Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido. (Lc 19.10) Aqui, Jesus é revelado como o homem ideal e sua genealogia é apresentada de forma inversa a registrada por Mateus, ou seja, retrocede de José à Adão (Lc 3.23-38). No evangelho de João, escrito para a Igreja, Jesus é apresentado como o Filho de Deus, o próprio Deus. "Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.31).

No evangelho de Jesus Cristo, segundo escreveu Mateus, está o Sermão da Monte, encontrado nos capítulos 5 a 7, é um dos pronunciamentos mais conhecidos de Jesus e contém uma série de ensinamentos e princípios centrais do cristianismo. A tessitura desse discurso abarca doutrinas e exortações que compõem 111 versículos, vistos como um resumo de todo o ensinamento dos Evangelhos. Além disso, está abarrotado de figuras de linguagem, tratando de diversos temas, como as bem-aventuranças (Mateus 5.3-12); o sal e a luz do mundo (Mateus 5.13-16); a lei e os profetas (Mateus 5.17-20); a ira e a reconciliação (Mateus 5.21-26); o adultério e o divórcio (Mateus 5.27-32); o juramento (Mateus 5.33-37); a vingança (Mateus 5.38-42); o amor ao próximo (Mateus 5.43-48); a esmola, a oração e o jejum (Mateus 6.1-18); o tesouro no céu (Mateus 6.19-24); a ansiedade (Mateus 6.25-34); o julgamento (Mateus 7.1-

6); a oração (Mateus 7:7-11); o caminho estreito e o largo (Mateus 7.13-14); os falsos profetas (Mateus 7.15-23); e a casa edificada na rocha e na areia (Mateus 7.24-27). Portanto, esse sermão é um tratado abrangente sobre a moral, a ética e a espiritualidade cristã.

Voltando as características desse primeiro Evangelho, percebe-se que embora produzido para os judeus, não é exclusivamente judaico, assim como os outros Evangelhos não atendem apenas aos destinatários, Mateus visava, em última instância, toda a Igreja cristã. Assim, esse livro redigido nos anos 60 d.C. esboça os seguintes assuntos:

- a) a Pessoa do Rei (Mt 1.1- 4-25);
- b) a Pregação do rei (Mt 5.1-7.29);
- c) a Prova do Rei (Mt 8.1-9.38);
- d) o Programa do Rei (Mt 10.1-16.12);
- e) a Pedagogia do Rei (Mt 16.13-20.28);
- f) a Proclamação do Rei (Mt 20.29-23.39);
- g) as Predições do Rei (Mt 24.1-25.46);
- h) a Paixão do Rei (Mt 26.1-27.66);
- i) o Poder do Rei (Mt 28. 1-20).

Dentre os quatro Evangelhos, Marcos é o relato mais conciso do “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”; (Mc 1.1). A linguagem que ele aplica é a do uso habitual e tem por escopo simplesmente reprisar o que o escritor sabia de Jesus, sobretudo do seu ministério, e isso sem qualquer empenho para efeito literário. Apesar disso, a sua construção, por vezes um tanto rústica e com uma certa convergência para o pleonasma, o seu procedimento é vigoroso e atraente. A estrutura do conteúdo desse evangelho pode ser delimitada da seguinte forma:

- a) o serviço do Servo (Mc 1.1-4.25): preparação, pregação, poder, seguidores, parábolas, prerrogativas, previsões, pregação na Pereia;
- b) o sacrifício do Servo (Mc 11.1-15.47): a entrada triunfal em Jerusalém, a maldição da Figueira e a purificação do templo, os últimos ensinamentos, a unção por Maria e o pacto de Judas para traí-lo, a Ceia e a Traição, julgamentos e crucificação;
- c) o sucesso do Servo (Mc 16.1-20): ressurreição, aparições e ascensão.

O Evangelho segundo Lucas, escrito após os anos 60 d.C. (OLIVEIRA, 2021, p. 196) carrega um estilo literário, indiscutivelmente encantador (SOARES, 2008, p.16). É um material que apenas um teólogo de cultura e de talento literário genuíno poderia produzir. Não obstante, ter a mesma virtude da simplicidade dos outros dois sinóticos, possui um requinte delicado

quanto aos detalhes e uma dimensão entre os seus componentes, que decorrem de uma informação densa do assunto. Seu conteúdo se esboça em forma de narrativa:

- a) o método e o propósito da composição (Lc 1.1-4);
- b) a identificação do Filho do Homem com os homens (Lc 1.5-4.13);
- c) o ministério do Filho do Homem aos homens (Lc 4.14-4.50);
- d) a rejeição do Filho do Homem pelos homens (9.51-19.27);
- e) a condenação do Filho do Homem em favor dos homens (Lc 19.28-23.56);
- f) a vindicação do Filho do Homem perante os homens (Lc 24.1-53).

O último dos Evangelhos, João, escrito por volta dos anos 85 d.C., é de fácil entendimento, a despeito de ser considerado pelos amantes da teologia como o mais espiritual e profundo da Bíblia. Nele tem-se o registro de uma testemunha ocular, o autor, que viu e experimentou de diversos momentos e milagres realizados por Jesus. É talvez a ferramenta literária de mais ampla circulação em todo o planeta, graças à prática de se produzir e distribuir o Evangelho de João em volume à parte. Nas palavras de Wilkinson e Boa (2000, p. 399), “Jamais se escreveu um tratado evangélico mais excelente que a narrativa inspirada que João elaborou sobre a vida, morte e ressurreição de Cristo”. O esboço deste livro pode assim ser ordenado:

- a) a encarnação do Filho de Deus (Jo 1.1-18);
- b) a apresentação do Filho de Deus (Jo 1.19-4.54);
- c) as confrontações do Filho de Deus (Jo 5.1-12.50);
- d) a instrução do Filho de Deus (Jo 13.1-16.33);
- e) a intercessão do Filho de Deus (Jo 17.1-26);
- f) a crucificação do Filho de Deus (Jo 18.1-19.42);
- g) a ressurreição do Filho de Deus (Jo 20.1-21.25).

Nos Evangelhos, há um intrincamento de gêneros e tipos encadeados em sua composição e considerando, escritos por comunidades heterogêneas, em épocas e situações diferentes, uma variedade de formas textuais pode ser vista. Assim como outros textos literários, para a compreensão desses escritos, necessários se faz perceber a presença da distinção entre gênero e tipo textual: tipo textual, indica uma espécie de sucessão teoricamente fixada pelo caráter linguístico de sua constituição - perfis lexicais, sintáticos, verbais, associações lógicas - ,compreendem às conhecidas divisões: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção; gênero textual, refere-se a uma noção intencionalmente vaga para classificar os textos consolidados no cotidiano, que apresentam propriedades socio comunicativas marcadas por

conteúdos, características funcionais, forma e composição representativa. Enquanto os tipos textuais são poucos, os gêneros são numerosos. Um determinado gênero pode possuir uma diversidade de continuações que possibilitam detectar como a língua se caracteriza para construir significados (MARCUSCHI, 2008, p. 154-157).

Os quatro primeiros livros do Novo Testamento, antes de tudo, são histórias, não biografia (FRYE, 2004, p. 80), e consistem em personagens realizando certos fatos, em uma série de assuntos. Os evangelistas não produziram livros de exegese, nem sermões, eles contavam histórias, por isso, para se compreender essa obra, necessário se faz interpretar como as histórias são narradas. Todavia, além de muito fragmentados e com acontecimentos independentes, possuem componentes não históricos entrelaçados. Essa hibridez manifesta uma estrutura composta por um conjunto de gêneros que cooperam para a composição da mensagem: instruções, debates, diálogos, relatórios, biografia, contos, crônicas, decretos, genealogias, orações, relatos, guias, lendas, notícias, propagandas, regulamentos, sermões, tutorial, parábolas, provérbios, discursos, poemas, leis, dramaturgias, tragédias e comédias.

Devido aos aspectos do evangelho serem de caráter interpretativo, os quatro são complementares. De uma ótica literária, não se amoldam em um único retrato, e como outras obras seus gêneros são amalgamados, concatenados e justapostos, para atender determinado objetivo. Corrobora com essa afirmativa Silva (2007, p. 42) ao assegurar que “[...] gênero literário ‘puro’ existe só na abstração”.

A apreciação dos gêneros ou tipos literários, considera os textos verificados no segundo Testamento, abrigando-os em grupos com arcabouços análogos. Busca compreender suas características, apreender seu espaço social e as esferas de interação nas quais os gêneros de textos se registram. Entretanto, o estudo dos tipos textuais demonstra que os analistas concentraram ampla variedade de estruturas literárias e que, embutidas destas, há toda uma série de elementos oriundos da comunicação verbal e de repertórios escritos. Aliás, “[...] é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero.” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Qual é o sentido de tal sistemática de gêneros? Ela facilita a busca em um verificado texto do evangelho. Isso, naturalmente, oportuniza uma imagem mais descritiva para ordenar determinada divisão. Não poucas vezes, a interpretação adequada de uma seção precisa da assimilação de determinado gênero na passagem. Frequentemente, certos pormenores em uma narrativa afiguram irrelevantes, até se encontrar o episódio na categoria literária apropriada, quando curiosamente todas as particularidades criam sentido.

Posto isso, não se deve imaginar que a diferença entre Gênero textual e tipo textual construa uma ótica dicotômica, haja vista, serem dois ângulos formadores do exercício da língua em circunstâncias comunicativas do cotidiano. Também, entender o espaço dos gêneros literários conjugados com esses dois construtos textuais na hermenêutica dos Evangelhos, auxilia amplamente, facilitando a interpretação das figuras de linguagem na composição do sermão do monte, uma síntese dos ensinamentos de Jesus apresentados nos Evangelhos.

Diante desse cenário, visando aprimorar a compreensão desse conjunto de textos, serão apresentados alguns trechos nos quais serão ilustrados alguns casos de como as cinco tipologias textuais e gêneros literários foram utilizados nos Evangelhos. O doutor linguista Marcuschi (2002, p. 22) leciona, “Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção”. Nestes textos podem ser exemplificadas tais ocorrências da seguinte forma:

a) Tipo textual narrativo nos Evangelhos:

“E, alguns dias depois, entrou outra vez em Cafarnaum, e soube-se que estava em casa. E logo se ajuntaram tantos, que nem ainda nos lugares junto à porta eles cabiam; e anunciava-lhes a palavra. E vieram ter com ele, conduzindo um paralítico, trazido por quatro. [...]. E levantou-se e, tomando logo o leito, saiu em presença de todos, de sorte que todos se admiraram e glorificaram a Deus, dizendo: Nunca tal vimos.” (Mc 2.1-12). Outros exemplos:

- Conto: O filho pródigo (Lc 15. 11-24);
- Lenda: Um anjo que agitava as águas (Jo 5.4);
- Parábola: O negociante de boas pérolas (Mt 13.45,46);
- Diálogo: O diálogo entre Jesus e Nicodemos (Jo 3.1-5).

b) Tipo textual descritivo nos Evangelhos:

“Apareceu João batizando no deserto, e pregando o batismo de arrependimento, para remissão dos pecados. E toda a província da Judeia e os de Jerusalém iam ter com ele; e todos eram batizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados. E João andava vestido de pelos de camelo, e com um cinto de couro em redor de seus lombos, e comia gafanhotos e mel silvestre.” (Mc 1.4-6). Outro Exemplos

- Biografia: O sacerdote Zacarias (Lc 1.5-9);

c) Tipo textual expositivo nos Evangelhos:

“Vós sois o sal da terra; [...]. Vós sois a luz do mundo; [...].” (Mt 5.13,14). Outros exemplos:

- Genealogia: A genealogia de Jesus (Mt 6.9-23);
- Relato: O relato dos pescadores lavando as redes (Lc 5.2);

- Relatórios: O relatório dos discípulos de João Batista a respeito de Jesus (Lc 7.22);
- d) Tipo textual argumentativo nos Evangelhos:

“Veio uma mulher de Samaria tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber. [...]. Disse-lhe a mulher: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva? Jesus respondeu, e disse-lhe: Qualquer que beber desta água tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna. Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água, para que não mais tenha sede, e não venha aqui tirá-la.” (Jo 4.7-15). Outros exemplos:

- Sermão: O sermão da montanha (Mt 5-7);
- Tutorial: Jesus lava os pés dos discípulos (Jo 13. 5-15);
- Discurso: Jesus afirma ser o pão do céu (Jo 6. 26-60);
- Propaganda: A mulher samaritana propaga que encontrou o Messias (Jo 4.28-30);
- Debate: Os príncipes dos sacerdotes e anciãos do povo questionam Jesus (Mt 21.25-27).

- e) Tipo textual injuntivo nos Evangelhos:

“E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado. E estes sinais seguirão aos que crerem: em meu nome, expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e imporão as mãos sobre os enfermos e os curarão.” (Mc 16.15-18). Outros exemplos:

- Lei: A lei de Cristo (Mt 5.38-44).

Na trajetória dos estudos dos gêneros textuais, há aqueles conhecidos como gêneros literários. Esses, por mais que sejam grandes em número de subdivisões, ainda carregam a clássica divisão tripartida: épico, lírico e dramático, e como discorre em sua obra, *O Teatro Épico*, o crítico literário Anatol Rosenfeld garante não haver grandes problemas, geralmente, em atribuir às obras literárias individuais esses três gêneros, aliás esta disposição parece até indispensável, haja vista a necessidade que toda ciência tem de seguir uma ordem (ROSENFELD, 1985, p. 16,17). Dessarte, vale fazer alusão a eles no texto dos Evangelhos:

- a) Gênero Lírico:

“Disse então Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador; porque atentou na baixeza de sua serva; pois eis que desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada, porque me fez grandes coisas o Poderoso; e Santo é o seu nome. E a sua misericórdia é de geração em geração sobre os que o temem. [...], e auxiliou

a Israel seu servo, recordando-se da sua misericórdia; como falou a nossos pais, para com Abraão e a sua posteridade, para sempre” (Lc 1.46-55).

b) Gênero épico:

“E logo obrigou os seus discípulos a subir para o barco, e passar adiante, para o outro lado, a Betsaida, enquanto ele despedia a multidão. E, tendo-os despedido, foi ao monte para orar. E, sobrevindo a tarde, estava o barco no meio do mar, e ele, sozinho em terra. E, vendo que se fatigavam a remar, porque o vento lhes era contrário, perto da quarta vigília da noite, aproximou-se deles, andando sobre o mar, e queria passar adiante deles, mas, quando eles o viram andar sobre o mar, pensaram que era um fantasma e deram grandes gritos. Porque todos o viram e perturbaram-se; mas logo falou com eles e disse-lhes: Tende bom ânimo, sou eu; não temais. E subiu para o barco para estar com eles, e o vento se aquietou; e, entre si, ficaram muito assombrados e maravilhados, [...]” (Mc 6. 45-52).

c) Gênero dramático:

“Tendo Jesus dito isso, saiu com os seus discípulos para além do ribeiro de Cedrom, onde havia um horto, no qual ele entrou com os seus discípulos. E Judas, que o traía, também conhecia aquele lugar, porque Jesus muitas vezes se ajuntava ali com os seus discípulos. [...] E havia um horto naquele lugar onde fora crucificado e, no horto, um sepulcro novo, em que ainda ninguém havia sido posto. Ali, pois (por causa da preparação dos judeus e por estar perto aquele sepulcro), puseram a Jesus” (Jo 18,19).

À vista disso, a literatura bíblica, além de se tratar de fé, dispõe de uma vasta lavoura literária, que esconde arte, cultura, história, poesia e outros textos dos mais diversos, reunindo uma infinidade de figuras, que fizeram inspiração para célebres literatos e escritores que podem ser lembrados, além dos já citados, Charles Dickens, Mark Twain, Dante Alighiere, Hermann Hesse, Herman Melville, estrangeiros e brasileiros como Machado de Assis e Oswald de Andrade. Assim, o estudo acadêmico, a despeito de ser essencialmente secular, não deve exilar o artefato sagrado, mas deve lidar com essa literatura sem ambições dogmáticas.

2.3 As figuras de linguagem no compêndio dos Evangelhos

A história do ser humano desenvolve-se e se constrói por forças diversas, entre as quais a linguagem figurada desponta como uma das principais molas propulsora. Essa, ao ser explorada, se manifesta relativamente, compreensíveis em alguns casos e confusas em outro, exigindo clareza em suas definições e qualidades, antes de se lançar no exercício de sua interpretação em uma literatura como a dos Evangelhos. No entanto, perceber a relevância desta

galeria de arte é compreender o poder da imaginação como condutora da vida, é entender que as figuras dão espírito a uma obra. Essa sensibilidade, quando abundante, possibilita a compreensão de que construção e a geração do espírito estético proporciona inúmeros benefícios ao texto, e que tal investigação demanda análise meticulosa, uma atenção para além de um fragmento isolado, como destacou Bento (2003, p. 263):

[...] um termo em si não é suficiente para alcançar a excelência poética; é necessário que ele seja trabalhado num processo de seleção e arrumação vocabular, cuja exploração de significados irá caracterizá-lo como linguagem poética, ou seja, o sentido conotativo das palavras (figuras de linguagem).

Um dos mais encantadores motivos pelos quais as figuras são utilizadas nos registros dos escritos dos quatro primeiros livros neotestamentários, refere-se à exuberância e ao colorido gerado por essas expressões na mente do leitor, provocando uma ampliação de experiências culturais, sociais e antropológicas, aguçando o raciocínio, como pontifica Silva (2007, p. 33): “O estudo das figuras de linguagem constitui a análise estilística, cujo escopo é identificar os procedimentos por meio dos quais o autor dá maior expressividade, colorido e vivacidade a seu texto.” Percebe-se esse tom, usualmente, nas palavras de Cristo: “Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhará-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha;” (Mt7.24). A singularidade dessa linguagem desperta o interesse do ouvinte e é acentuado quando tal alvor se suscita de uma comparação entre dois elementos distintos ou dessemelhantes: “E Jesus disse-lhes: Adverti, e acautelai-vos do fermento dos fariseus e saduceus (Mt 16.6). As metáforas geralmente causam reações surpreendentes.

As figuras de estilo facilitam a compreensão de conceitos teóricos ou abstratos tornando-os mais concretos, pois a mente abstrata é o cérebro teórico que se vincula a mente concreta mediante centelhas de inspiração. “[...] a metáfora descreve o abstrato sob os traços do Concreto[...].” (RICOUER, 2005, p. 60). No versículo 5 do capítulo 15 do Evangelho segundo João está registrado: “Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer”. Este texto seguramente comunica um conceito mais concreto, do que se a declaração fosse: “Estais conectados em mim por isso vosso trabalho tem efeito, e se não tiverdes essa conexão, nenhum resultado tereis.

Outro benefício da linguagem simbólica é o impacto causado na mente, ao atrair a atenção (CITELLI, 2002, p. 19) e favorecer a fixação de seu registro no intelecto. As figuras de linguagem ficam mais bem registradas na memória. Dificilmente os fariseus e escribas esqueceriam as exortações de Jesus: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que limpais o exterior do copo e do prato, mas o interior está cheio de rapina e de intemperança.

(Mt 23.25). Ou texto como o de Lucas “E respondeu-lhes: Ide, e dizei àquela raposa: [...]”. A facilidade com que se pode recordar imagens como a do copo, prato e raposa é indiscutivelmente maior do que se comunicasse os mesmos conceitos sem a utilização desses elementos.

As figuras também resumem e concentram as noções de maneira concisa. Graças às suas características peculiares realistas, não exigem uma desenvoltura completa, acabam transmitindo muito com poucos componentes. Quando Jesus declara “Eu sou o bom Pastor, [...]”. (Jo 10.14), com um número reduzido de palavras, demonstra sinteticamente diversas ideias sobre a sua afinidade com seus discípulos.

Ainda se verifica na utilização da linguagem representativa, o mecanismo expresso pela capacidade intrínseca de aguçar a reflexão e meditação (ZUCK, 1994, p.170). A utilização de um material conhecido de todos para transmitir uma declaração como àquela dirigida a Pedro: “Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, [...]” (Mt 16.18), estimula, a partir de seu brilho, a faculdade da meditação que conseqüentemente se vê desafiada a pensar nas semelhanças que essa metáfora sugestiona no intelecto.

Toda a constituição figurativa baseia-se, essencialmente, no conceito de que existem duas linguagens: uma literal e outra conotativa. O sentido Literal ou denotativo é o significado exato, genuíno, das expressões e enunciados. Essa forma de produção de sentidos, objetiva sobretudo comunicar, expor, instruir. Ocorre quando determinado enunciado se manifesta em sua maneira usual. Já o sentido conotativo é o uso figurado e subjetivo da linguagem que se refere a combinação emocional e cultural, obtida para além do significado literal de um vocábulo, de um enunciado ou conceito, adquirido em condições particulares e exigem conexão com o contexto. Na opinião do gramático Dumarsais, a acepção literal é a primeira acepção da palavra, por conseguinte, encontra razão de ser à proporção que a palavra caracterize o objeto para o qual estabeleceu-se previamente. O sentido conotativo, entretanto, dimana do emprego de uma verificada palavra com outra percepção que não a inicial. (DUMARSAIS, 1988, p. 73).

As figuras de linguagem fazem parte do repertório cotidiano tanto dos falantes mais simples quanto dos mais escolarizados e não estão restritas a ambientes específicos ou a grupos próprios, com ressalva de certas figuras restritas para um estilo mais amplo, por isso os Evangelhos as utilizam sem prejuízos ao estudante que, naquela época e ainda hoje com algum esforço consegue compreender. Dessa forma, o leitor cuidadoso procura as regras de interpretação bíblica para melhor detectar o sentido e a mensagem dos textos, explorando com precisão cada recurso estilístico incorporado no texto.

Cada passagem relatada pelos evangelistas tem uma lógica própria, podendo ser narrativas vividas, reflexões transcendentais aos fenômenos, tornando inadequado aplicar recurso hermenêutico a esmo. Na opinião de Ryken (2017, p. 97), não é difícil para se interpretar de maneira figurada uma passagem, dado que,

Há apenas uma regra de senso comum e de interpretação principal para se aplicar: interprete como figurativa qualquer declaração que não faça sentido em um nível literal no contexto em que aparece. A principal exceção é o símile, que é literalmente verdade, mas anuncia que é uma figura de linguagem ao usar a fórmula comparativa *como* ou *qual*.

Por isso, a busca da compreensão textual deve partir de uma análise que caminha pela estrada do literal primeiramente, sem ab-rogar a consciência de que nem sempre é possível evitar a hibridização com a linguagem simbólica. No sermão profético de Lucas 21. 5-36, por exemplo, aparece tanto o sentido literal como o figurado. Quando a profecia registrada por Lucas, expõe que no templo de Herodes não ficaria pedra sobre pedra que não fosse derrubada (Lc 24.6), estava prevendo o fato que ocorreria literalmente nos anos 70 d.C. Concomitante, na sequência do mesmo discurso, encontram-se as palavras de Jesus: “E disse-lhes uma parábola: Olhai para a figueira, e para todas as árvores; quando já têm rebentado, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está já o verão”. (Lc 21.29-30). Aqui a “figueira” simboliza Israel e as outras *árvores*, as demais nações. Logo, a análise do registro se dá a partir de um fato, exato, favorecendo a compreensão da sequência, que paulatinamente vai elencando outras expressões, entre as quais aparecem também as simbólicas.

Quando o sentido literal pressupõe uma improbabilidade, seguramente há no enunciado manifestação de estrutura representativa. (BULLINGER, 1985, p.15). Jesus, ensinando sobre o perigo da ofensa aos sentimentos, asseverou, “se o teu olho te escandalizar, arranca-o, e atira-o para longe de ti; melhor te é entrar na vida com um só olho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no fogo do inferno”. (Mt 18.9). Em outra ocasião garantiu, “[...] Vinde após mim, e eu farei que sejais pescadores de homens”. (Mc 1.17). Qualquer pessoa nota ao confrontar com tais expressões, a impossibilidade de se tirar literalmente um olho e arremessar fora, ou com um apetrecho de pescaria, pescar um homem.

Nos textos bíblicos, surgem frequentemente textos que parecem contrariar a própria ideologia defendida pelo cristianismo e suggestionar indecência. “O sentido é o figurado se o literal for absurdo, [...]. Adote o sentido figurado se o literal sugerir imoralidade” (ZUCK, 1994, p. 171). Nesses casos, recorrer ao sentido figurado, clareia a interpretação. O evangelista João registrou as palavras de Cristo: “Jesus, pois, lhes disse: Na verdade, na verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em

vós mesmos” (João 6.53). Comer a carne e beber o sangue de uma pessoa é um ato de antropofagia, o que seria totalmente oposto a tudo que o próprio mestre Jesus ensinava.

Observar se a expressão simbólica está seguida de um esclarecimento literal favorece a compreensão da figura. A primeira parábola do capítulo 13 de Mateus, narra o texto que o semeador saiu a semear: “E, quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves, e comeram-na; [...]”. (Mt 13.4). Na sequência aparece a explicação que o próprio narrador oferece, ao dizer que o coração do homem, é o terreno, e que as aves que comeram a semente, é o maligno, que arrebatou o que foi lançado. (Mt 13.19).

Ainda, pode-se observar nos Evangelhos figuras reforçadas por um adjetivo, e a língua portuguesa para a qual esses textos também foram traduzidos, oferece auxílio ao permitir que quando se coloque um adjetivo acompanhando ou após um substantivo, caracterize a sua acepção literal. No entanto, o emprego oposto do substantivo, depois do adjetivo, provoca o sentido figurado. É o caso do texto onde Jesus se apresenta como pastor: “Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas”. Muitas vezes uma locução adjetiva assinala que o substantivo antecedente não deve ser tomado no sentido literal. Na expressão, “sal da terra” (Mt 5.13), a locução “da terra” revela que “sal” deve ser compreendido no sentido conotativo.

Em suma, a linguagem figurada pode ser entendida dessas e de outras maneiras, transmitindo a distinção e a clareza da oposição factual entre a linguagem figurada e a literal, sem deixar transparecer que uma expressão simbólica não comunique a realidade literal, pois esta não é oposta daquela, mas sim, é o continente que abarca a outra, como leciona Zuck (1994, p.172) “[...] a linguagem figurada não é a antítese da interpretação literal; é sua componente”.

Além dos cuidados apresentados na interpretação das próprias figuras de linguagem, algumas observações são indispensáveis para se entender as particularidades desses recursos encontrados nos Evangelhos que o distingue de outras literaturas, a saber, antes de entender esses escritos teologicamente é preciso compreendê-los linguisticamente (HENRICHSEN, 1997, p. 63). O texto de Mateus sobre a blasfêmia contra o espírito santo ilustra esse princípio,

Portanto, eu vos digo: Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens. E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século, nem no futuro. (Mt 12.31,32).

O pecado contra o Espírito Santo não é o mesmo que duvidar da verdade divina ou mesmo entristecer o Espírito de Deus, mas, consiste em contradizê-lo, implica, teologicamente, em um deliberado ultraje a terceira pessoa da trindade, atribuindo a Ela conscientemente ações

malignas, como, dizer que Cristo é Satanás. Logo, é preciso entender gramaticalmente o texto ou a passagem, antes de explorar seu sentido teológico.

O melhor hermeneuta dos Evangelhos são os próprios quatro escritos dos evangelistas e os demais livros que integram o compêndio das Escrituras. Quando um leitor despreza o contexto bíblico no momento da interpretação dos Evangelhos acaba cometendo erros crassos. Jesus em determinada ocasião assegurou; “E disseram: Este disse: Eu posso derrubar o templo de Deus, e reedificá-lo em três dias”. (Mt 26.61). O contexto que esclarece isso está no Evangelho de João, com o seguinte registro: “Quando, pois, ressuscitou dentre os mortos, os seus discípulos lembraram-se de que lhes dissera isto; e creram na Escritura, [...]”. (Jo 1.22). Os mesmos vocábulos podem ser utilizados para finalidades diferentes e até opostas. Na narrativa da tentação de Jesus no deserto, o diabo disse a Jesus que se lançasse do pináculo do templo, porque os seus anjos o sustentariam, consoante estava escrito. Essa fala, entretanto, omitia a explicação de que esse “sustentar” se referia a fenômenos de acidentes e não a uma atitude deliberada e desnecessária. Lecionando sobre o assunto, Henrichsen (1997, p. 44) reforça:

O contexto nem sempre se acha dentro dos limites do versículo ou do capítulo. Talvez seja necessário incluir versículos do capítulo anterior ou posterior. Este estudo do contexto para determinar o sentido exato de uma palavra é uma das mais importantes e fundamentais regras de interpretação.

Nesse mesmo sentido, observa-se ainda que para uma adequada análise dos textos dos Evangelhos, as palavras de uma passagem não podem ser recebidas ou empregadas fora do sentido que trazia na época em que foi redigida. Quando o evangelista Mateus escreve “Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa”. (Mt 5.15), apresenta os elementos “candeia” e “Alqueire”, muito comuns na época, mas fora de uso hoje. São diversas as passagens semelhantes a essa, com elementos e vocábulos desconhecidos ou em desuso, que exigem um esforço maior do leitor para não criar uma imagem totalmente distorcida do significado real.

Seguindo essa mesma direção, vê-se também questões que estão embutidas nos textos, marcadas por circunstâncias geográficas, políticas e religiosas: estações, temperaturas dos vales e montanhas, espécie de árvores e de animais, formas de prisões, tipos de seitas e crenças que apresentam especificidades da ocasião em que a redação foi elaborada. Compreender como funcionava o império romano nos dias de Cristo, por exemplo, facilita a compreensão de como Pilatos pôde e por que perguntou: “Hei de crucificar o vosso Rei?” (Jo 19.15).

Outro aspecto relevante e que se faz necessário observar antes de trazer uma classificação às figuras de linguagem nos Evangelhos, refere-se às expressões idiomáticas. Essas manifestações são conhecidas como hebraísmos, que registram a maneira específica da comunicação dos israelitas. São termos familiares à tradição hebraica de então, alheios ao exegeta, que dependem de um estudo metucioso para determiná-los. Lecionando sobre o tema, o doutor Lizorkin-eyzenberg (2015) registra, “[...] o tipo de Grego que vemos no Novo Testamento [...] há um outro componente para este Grego Koiné – uma significativa conexão Judaica e Hebraica. Por esta razão, eu prefiro chamá-lo – Koiné Judaico-Grego”. O escritor Dom Antônio Miranda em um de seus livros enfatiza que é necessário atentar para as especificidades da língua hebraica, influenciadora do próprio texto grego, dado que, quando registravam em grego, os amanuenses judeus mantinham a forma de pensar da cultura hebraica e escreviam, em grego literal, sentenças aramaicas ou hebraicas (MIRANDA, 1985, p. 52).

Dessa forma, consciente de que não somente os Evangelhos, mas a Bíblia toda, advém da cultura judaica, embora o novo testamento tenha sido originalmente escrito em grego Koiné, como já evidenciado, de antemão se pode imaginar a complexidade apresentada em alguns textos. Não se pode negar que graças ao esforço por parte dos tradutores em oferecer um texto mais próximo da realidade linguística de cada povo, muitos labirintos já foram superados, como leciona Bento (2003, p.211): “As atuais traduções vernáculas preocupam-se em não expressar alguns idiomatismos da língua hebraica, tal qual se encontram nos originais, pois apresentaria grande dificuldade de interpretação [...]”. Entretanto, isso não eliminou todas as dificuldades linguísticas, ainda há inúmeras expressões próprias daquele povo que ludibriam ao leitor desavisado. Essas evidências na língua grega da cultura hebraica, enfatizam particularidades, como a antítese, amor e ódio, amplamente utilizada por Cristo. Era comum entre os hebreus, quando preferiam uma pessoa a outra, usar o paralelismo antitético, objetivando clarificar e destacar a diferença ou afeição de um pelo outro. Disse Jesus: “Quem ama a sua vida perdê-la-á, e quem neste mundo odeia a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna.” (Jo 12.25).

Por último, o destaque será dado aos símbolos que além de incluírem figuras, abarcam objetos, emblemas e números cujos conceitos retratam, de modo suscetível, um fato moral, ou religioso. Dessa forma, no símbolo, um conteúdo abstrato ganha uma correlação material, pela afinidade presente entre a ideia e o objeto por ele representado. Destarte, o fogo é símbolo de poder e energia; o rio, da pessoa e ação do Espírito santo; o casamento, da união e relacionamento entre Cristo e a Igreja. Alguns outros símbolos encontrados nos Evangelhos são: água - regeneração pela palavra de Deus (Jo 3.5); luz - verdade, gozo, pureza de Deus (Jo 12.35); trevas - mentira, cegueira espiritual, ignorância (Mt 6.23); rocha - Cristo ou a sua

palavra (Mt 7.24); frutos - resultado das ações do homem (Mt 7.16); ceifa - mundo como seara de trabalho para a Igreja (Mt 9.37); videira - Cristo (Jo 15.1,2); bode - ímpios e falsos pastores (Mt 25.32,33); raposa - astúcia, engano (Lc 13.32); Lobo, Satanás (Lc 10.3); cordeiro - mansidão, pureza, Cristo como sacrifício (Jo 1.29).

Em suma, compreender a estrutura bíblica, sua tipologia, gêneros textuais e o colorido de suas figuras amplia os horizontes de uma leitura que, quando sincrônica, buscando compreender como sua desenvoltura se arquiteta, a partir dos componentes presentes, proporciona condições para definir melhor as figuras de linguagem, as quais são tão singulares para interpretação adequada da literatura bíblica. Além disso, tal postura descarta o equívoco de não considerar a influência cultural textual ou os contextos que auxiliam na revelação dos mistérios de qualquer obra literária “[...] nenhum texto é apenas a expressão do passado, mas uma ponte entre o que se deu em algum momento pretérito e o presente que se constrói no ato da leitura”. (ECO, 2003, p.89). Assim, emerge a percepção de que não há antagonismo entre o perfil literário da Bíblia e das demais literaturas seculares, os dois enfoques são complementares.

3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE FIGURAS DE LINGUAGEM NO SERMÃO DO MONTE NOS EVANGELHOS

As figuras de linguagem em José Luiz Fiorin podem ser categorizadas em dois agrupamentos principais: as figuras tropicais e as figuras não tropicais. As primeiras consistem na modificação ou desvio proposto do significado comum, ou literal das palavras, com a intenção de instaurar um efeito figurativo. Isso implica que as palavras são empregadas de forma não convencional, a fim de expressar conceitos de maneira mais vívida, persuasiva e criativa. Nesse rol, incluem-se as metáforas, as metonímias, as sinestesias, a ironia, dentre outras. Por exemplo, em uma metáfora, uma palavra é utilizada para simbolizar outra, estabelecendo, assim, uma comparação sutil, como exemplificado na frase: "Ele é um leão no campo de futebol".

Em contrapartida, as segundas, não preservam o significado literal das palavras e não promovem qualquer desvio de sentido; em vez disso, servem para enfatizar ou realçar determinados aspectos do discurso, sem introduzir uma transformação figurativa. Dentro desse conjunto, estão inseridos a enumeração, a gradação, a anáfora, o polissíndeto e outros recursos retóricos que não implicam uma alteração do significado literal.

Dessas duas divisões, cerca de 30% são figuras trópicas e 70% não trópicas, que revelam com profundidade o universo ornamental dos enunciados, a partir de uma investigação da linguagem figurativa e literal intrincada nos textos. Todavia, para não se tornar exaustivo, este capítulo explorará mais profundamente, nesse texto incluso nos Evangelhos, apenas dezessete figuras de linguagem que exemplificarão a importância desse recurso linguístico simbólico e literal, para os que laboram na pesquisa de qualquer área do conhecimento, mas, especialmente aqueles que investem na linguagem e/ou na teologia.

Assim, serão explorados quatro tropos lexicais por concentração semântica: metáfora, prosopopeia, apóstrofe e oximoro; três tropos lexicais por expansão semântica: metonímia, sinédoque e hipérbole; um tropo gramatical por difusão semântica: a enálage; e oito figuras não trópicas, sendo cinco figuras de aumento: epizeuxe, diácope, anáfora e polissíndeto, e paralelismo; uma figura de troca: interrogação; uma figura de transposição: hipérbato; e uma figura de diminuição: eclipse.

3.1 Tropos Lexicais por concentração semântica no sermão do monte nos Evangelhos

Os tropos lexicais por concentração semântica são figuras de linguagem que utilizam a concentração de significados em uma única palavra ou expressão para criar um efeito de sentido. Essas manifestações são utilizadas para transmitir uma ideia de forma mais expressiva e impactante, reunindo o significado em uma única palavra ou expressão. No agrupamento desses tropos no sermão do monte serão exemplificados estes quatro propostos:

3.1.1 Metáfora - extraída dos capítulos 5, 6 e 7 (Mt 5.14; 6.19; 7.15,16)

Mateus 5.14: "Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte."

Mateus 6.19: "Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam."

Mateus 7.15,16: "Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis. [...]."

A metáfora representa uma ferramenta linguística de grande riqueza e poder, com a capacidade de transcender os limites da comunicação literal. Ela admite uma habilidade de pensamentos, emoções e conceitos articulados de maneira eloquente e imaginativa. A palavra "metáfora" encontra sua origem no vocábulo grego "*methaphorá*", derivado de "meta" (além, depois) e "*pherein*" (carregar, transportar). A raiz grega "*metha-*" sugere uma ideia de mudança ou transposição, enquanto "*pherein*" está relacionada ao ato de transportar ou levar algo (Dicionário Etimológico Espanhol). Dessa forma, a metáfora implica na transferência de significado de uma expressão de um contexto para outro, como exemplificado Borges (2000, p. 99): "[...] eu sentia que o mundo é um labirinto[...].” Nessa expressão metafórica, o mundo no qual os seres humanos estão imersos é comparado a um labirinto, uma estrutura intrincada de caminhos, escolhas e orientações.

Essa figura de linguagem desempenha uma função fundamental em domínios como a literatura, a poesia, a retórica e até mesmo na comunicação do dia a dia, acrescentando uma dimensão extra de complexidade e significado às expressões verbais. Trata-se da alteração de sentido que surge da utilização de conexões harmônicas, nas quais as palavras envolvidas pertencem a categorias diferentes, mas, por meio dessa fusão, também são interpretadas como estando integradas. (BECHARA, 2010, p. 547). Ela estabelece uma ligação de similaridade entre dois elementos que à primeira vista parecem distintos, conectando-os de forma que gere

uma associação capaz de expandir a compreensão do receptor. (JAKOBSON, p. 55, 2007).
Nessa esteira, leciona o professor Fiorin:

A metáfora é uma concentração semântica. No eixo da extensão, ela despreza uma série de traços e leva em conta apenas alguns traços comuns a dois significados que coexistem. [...] A metáfora não é um tropo apenas da linguagem verbal. Ela aparece em outras linguagens, como, por exemplo, a visual. No logotipo da *Good Year*, fábrica de pneus, aparece um pé dotado de asas para metaforizar a velocidade do produto fabricado (FIORIN, p. 34, 35).

A tabela previamente elaborada apresenta três metáforas selecionadas a partir do sermão do monte, sendo uma extraída do capítulo cinco, outra do capítulo seis e a última do capítulo sete. A primeira metáfora, encontrada no capítulo 5, versículo 14, retrata Jesus comparando os seus seguidores à luz, proclamando: "Vós sois a luz do mundo". O objetivo subjacente a essa metáfora é comunicar a ideia de que os discípulos têm a responsabilidade de dissipar a obscuridade ao seu redor por meio de suas ações, ensinamentos e testemunho. Ela insinua que, da mesma forma que a luz dispersa as trevas e traz claro, as ações, as palavras e os comportamentos dos indivíduos podem exercer um impacto benéfico sobre a sociedade circundante. Analogamente à visibilidade da luz para todos, as atitudes e condutas também são observadas e percebidas pelos outros.

Em outra passagem, especificamente no versículo 19 do capítulo 6, Jesus estabelece uma analogia entre os "tesouros na terra" e os bens materiais e transitórios que as pessoas acumularam ao longo de suas existências. A intenção de Cristo é encorajar as pessoas a não direcionarem sua atenção principal ao acúmulo de riquezas materiais, uma vez que estas são efêmeras e suscetíveis à decadência. Essa troca de elementos evocados por meio da relação de semelhança, característica intrínseca da metáfora (BRANDÃO, 1669, p. 19), aprimora a expressão verbal. Ao ressaltar, por meio dessa semelhança, a importância de voltar o olhar para valores eternos como o amor, a generosidade e a justiça, em contraposição à afeição por posses que podem ser perdidas ou deterioradas com o tempo, Cristo revela aspectos subentendidos ou menos óbvios da questão.

Ao empregar a expressão "por seus frutos os conhecereis" (Mateus 7.15,16), Jesus está utilizando uma metáfora, a palavra "frutos", como uma maneira de resumir informações complexas em uma única frase, tornando, assim, sua mensagem mais clara e concisa. Seu propósito é ilustrar a importância de praticar boas ações e manter uma vida coerente, onde as teorias e práticas contêm sintonia perfeita. Tal como uma árvore saudável e produtiva gera frutos de alta qualidade, uma pessoa com um caráter virtuoso tende a realizar ações benéficas e construtivas. Isso pode ser compreendido como uma relação de causa e efeito, onde uma "árvore

boa" é capaz de gerar "frutos bons" devido à sua natureza saudável e bem nutrida. Da mesma forma, alguém cujo caráter seja moralmente sólido e orientado para o bem, provavelmente manifestará ações que refletem essa natureza.

Em resumo, a metáfora é uma alegria na linguagem, com a capacidade de revelar um vasto conjunto de significados ocultos e de invocar emoções profundas. Vai além da simples transmissão de informações, ao elevar a habilidade de expressar pensamentos e sentimentos de forma mais comovente e impactante.

3.1.2 Prosopopeia - extraída do capítulo 6 (Mt 6.3,24,28,29)

Mateus 6.3: “Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita,”
--

Mateus 6.24: “Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.”

Mateus 6.28,29: “E, quanto ao vestuário, porque andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham, nem fiam. E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.”

A prosopopeia, também chamada de personificação, é uma figura de linguagem na qual se atribui características humanas, sentimentos, ações ou emoções a entidades não humanas, como objetos, animais e plantas. Isso envolve dotar algo com atributos que o qualificam como se fosse capaz de agir ou sentir como um ser humano. A palavra "prosopopeia" tem origem no termo latino *prosopopeia*, cujas raízes remontam ao grego *prosōpopoiía*. Nesse contexto, *prósōpon* denota "rostos" ou "pessoas", enquanto *poiéō* significa "fazer" ou "criar" (Dicionário Online de Etimologia). Em essência, essa figura consiste na "criação de rostos ou personagens", referindo-se ao ato de conferir características humanas ou atributos pessoais a seres não humanos.

Conforme apontado por Reboul (2004, p. 134), essa figura de linguagem implica “atribuir o discurso a um orador fictício, como antepassados, mortos, ou leis, como Sócrates em Críton, interpelado pelas leis de Atenas”. Bullinger (1985, p. 771), por sua vez, descreve que a prosopopeia ou personificação pode ser categorizada em seis grupos, que incluem partes do corpo humano, animais, produtos da terra, objetos inanimados, entidades como reinos e países, além de ações humanas atribuídas a coisas, entre outras. Fiorin (2007, p. 54), o mestre retórico, reitera que a prosopopeia pode assumir a forma de um sintagma, como um substantivo

e um adjetivo, como “luar triste”, ou de um texto mais extenso, como nas fábulas onde os personagens são animais ou plantas, como em “A raposa e as uvas” e “O carvalho e os juncos”. Nos discursos de Jesus essa figura tinha largo espaço, o que pode ser evidenciado com alguns excertos do capítulo 6 de Mateus.

No trecho, “Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita” (Mateus 6.3), é evidente a presença de uma forma de prosopopeia, na qual as mãos são tratadas como se tivessem a capacidade de “saber” ou de ter consciência do que estão realizando. Esta instrução enfatiza a importância de oferecer ajuda ou praticar a caridade de maneira discreta, sem ostentação ou desejo de receber reconhecimento público. Ao personificar as mãos dessa forma, a mensagem destaca a relevância da descrição e a sinceridade por trás das ações altruístas, realçando a ideia de que a benevolência deve ser realizada de maneira autêntica e desinteressada, sem a necessidade de alardes ou reconhecimento. A análise desse recurso estilístico, entre outros, constata a criação de metáforas intrincadas e adiciona camadas de significação à linguagem, tornando a expressão mais rica.

No excerto do versículo 24, a afirmação “Não podeis servir a Deus e a Mamom” revela uma forma de prosopopeia em que “Mamom” é tratado como se fosse uma entidade com a qual alguém pode prestar “serviço”. Nesse contexto, a atribuição de características humanas a “Mamom” destaca a concepção de que é impossível comprometer-se plenamente com dois objetivos distintos, ou seja, adorar a Deus e, ao mesmo tempo, estar sujeito à influência dos bens materiais. A dedicação deve ser exclusiva, sem dividir a devoção entre valores espirituais e a busca excessiva por riquezas materiais. Portanto, ao personificar elementos não humanos, o comunicador permite que o receptor reflita sobre a natureza das coisas e a relação entre os seres humanos e o mundo que os cerca.

Ao analisar o texto dos versículos 28 e 29 do capítulo 6, torna-se evidente a presença da prosopopeia na passagem: “nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.” Jesus está personificando os lírios do campo, tratando-os como se precisassem da habilidade de se vestir, embora, na realidade, sejam apenas flores. Isso é feito com o propósito de realçar a beleza e a grandiosidade da criação de Deus, bem como de transmitir uma mensagem sobre a provisão divina. Ao empregar essa figura de linguagem, que consiste em atribuir características humanas a outros seres, Jesus facilita a compreensão do conceito, simplifica uma ideia intrincada e estabelece uma conexão emocional com o público, tornando a comunicação mais fluente e persuasiva.

Resumindo, conforme exposto por Fiorin, a prosopopeia é uma figura de linguagem que atribui características humanas a elementos não humanos, com o intuito de enriquecer a

comunicação e tornar as mensagens mais vívidas, imaginativas e persuasivas. Ele ressalta que essa estratégia retórica é altamente eficaz, pois possibilita conferir voz e ação a elementos que, de outra forma, seriam inanimados ou desprovidos de capacidade de comunicação (FIORIN, 2014, p. 51).

3.1.3 Apóstrofe - extraída dos capítulos 6 e 7 (Mt 6.6,9; 7.5)

Mateus 6.6: " Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que vê o que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará."

Mateus 6.9: "Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome."
--

Mateus 7.5: "Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão."

A apóstrofe representa uma figura de linguagem na qual o locutor ou escritor se comunica com uma pessoa ausente, um objeto inanimado ou uma ideia abstrata como se presente e capaz de responder. A apóstrofe, em geral, é identificada pelo uso do vocativo, o qual é o termo ou expressão utilizado para chamar ou dirigir-se à pessoa ou coisa. É uma forma de interpelação poética que permite ao autor expressar emoções intensas, realçar certos elementos ou envolver o leitor em um diálogo imaginário. Um exemplo clássico de apóstrofe pode ser encontrado na peça "Romeu e Julieta" de William Shakespeare, quando Julieta, desesperada com a morte de Romeu, exclama: "Ó, Romeu, Romeu! Por que és tu Romeu?" Neste caso, Julieta está dirigindo a Romeu, embora ele esteja ausente ou morto.

O autor Zuck (1994, p. 178) esclarece que na personificação, o escritor se refere a um objeto como se ele fosse uma pessoa, enquanto na apóstrofe, ele se comunica com o objeto como se este fosse uma pessoa. Quando o salmista se apresentou ao mar com as palavras "O que tens, ó mar, que assim foges?..." (Salmo 114.5), ele utilizou uma apóstrofe. No entanto, num verso anterior, ao mencionar a ocorrência do mar ("o mar viu isso, e fugiu", v. 3), ele recorreu à personificação.

A palavra "apóstrofe" tem origem no latim *apóstrofe*, que por sua vez se originou do grego "*apóstrofe*", significando "afastamento" ou "desvio". A raiz grega "*apo*" indica "afastar-se" e "*strophē*" significa virada ou retorno. Fiorin (2014, p. 54) complementa o conceito da seguinte maneira:

O termo apóstrofe provém do latim *apostrophē*, que tem suas raízes no grego (*apostrophē*), que significa "afastamento" ou "desvio". A origem grega (*apo*) indica "afastar-se" e (*strophē*) significa virada ou retorno. Fiorin (2014, p. 54) reforça o conceito descrevendo:

[...] na apóstrofe, há uma concentração sêmica, para expressar uma emoção viva e profunda, para exprimir um elo passional, o que significa intensificar o enunciado. [...] o enunciador pode trazer a situação enunciativa um ser considerado sobrenatural, como fez Camões, no final de Os Lusíadas (x, 145, 1-4), ao dirigir as musas seu desalento com as consequências das conquistas portuguesas:

No mais, Musa, no mais, que a lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.

No capítulo seis e no capítulo sete do sermão do monte, assunto de análise em voga, três fragmentos exemplificam a figura de linguagem apóstrofe: O trecho, “Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechado a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto.” (Mt 6.6). “Mas tu,” constitui-se uma apóstrofe, nele o enunciador, Cristo, se comunica diretamente, chamando a atenção da multidão e indiretamente, à pessoa individual, apontando a importância da oração em um local privado e íntimo. Aqui há uma interpelação ou invocação causadora de emoção, característica marcante dessa figura. Isso é particularmente útil no discurso, na poesia e na literatura, onde a expressividade é fundamental. Perceber tal realce como recurso persuasivo, enleva a dimensão interpretativa do exegeta.

A expressão “Pai nosso, que estás nos céus”, constitui-se uma apóstrofe ao evidenciar a evocação do receptor, “Pai nosso” e ao registrar a voz que se direciona com ênfase, como um chamado que ecoa. Dentro das figuras de linguagem, esta, destaca-se por sua clareza, sendo facilmente identificada, haja vista, revelar-se através do vocativo. Ela é deveras comum em textos religiosos como a Bíblia, onde é utilizada para enfatizar a mensagem e chamar a atenção dos destinatários para a importância de seguir determinados princípios e valores.

Outro texto deste sermão registra: “Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão”. O termo “Hipócrita”, é um vocativo e constitui-se uma apóstrofe. Nesse trecho, Jesus está usando essa figura para transmitir uma mensagem sobre autocrítica, humildade e julgamento. Ele está censurando a hipocrisia das pessoas que estão dispostas a apontar os defeitos e problemas dos outros, mas ignoram ou negam suas próprias falhas graves. Um dos elementos centrais desta figura é explorar novas perspectivas e criar imagens vívidas e impactantes.

Dessarte, a apóstrofe se revela nas composições textuais quando ocorre uma mudança deliberada de direção na mensagem, uma espécie de desvio propositado que o remetente faz

para se dirigir a alguém ou a algo que está fora do contexto imediato da conversa. Essa figura de linguagem desempenha um papel relevante na forma como os seres humanos se comunicam e interpretam o mundo à sua volta.

3.1.4 Oxímoro – extraído do capítulo 6 (Mt 6.23)

Mateus 6.23: “Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!”

A figura de linguagem oxímoro, consiste em posicionar palavras ou expressões que possuem significados opostos em proximidade, com o propósito de gerar um efeito estilístico e provocar um contraste de ideias. Ele geralmente resulta em uma expressão oposta, na qual os termos contrários coexistem para transmitir uma ideia intrincada, muitas vezes com nuances de ironia, ambiguidade ou provocação (MOISÉS, 2004, p.332). Ademais, é relevante ressaltar que essa figura é igualmente conhecida como paradoxo, o qual constitui uma figura de linguagem desenhada por apresentar uma afirmação que, à primeira vista, parece contraditória, mas que, na realidade, encerra uma verdade de grande profundidade. Segundo o professor Fiorin (2014, p. 59), oxímoro trata-se da figura de retórica:

[...]em que se combinam numa mesma expressão elementos linguísticos sintaticamente opostos. A palavra oxímoro é formada de dois termos gregos: *oxys*, que significa "agudo", "penetrante", "inteligente", "que compreende rapidamente", e *moros*, que quer dizer "tolo", "estúpido", "sem inteligência". Como se vê, o vocábulo é formado de dois elementos contraditórios, o que significa que a palavra oxímoro é um oxímoro.

Tomando como exemplo o versículo em apreço, de Mateus 6.23, “Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!” Como pode a “luz” ser considerada como “trevas”? Nesse contexto específico, o termo "luz" refere-se à falsa sabedoria humana, ilustrando um oxímoro. A expressão, à primeira vista, parece tola, mas contém grande sabedoria. Percebe-se assim, que essa figura de linguagem auxilia na transmissão de verdades espirituais e éticas de grande profundidade, estimulando uma investigação mais aprofundada da linguagem simbólica. Ela frequentemente origina expressões marcantes, que ficarão gravadas na memória com mais facilidade.

3.2 Tropos Lexicais por expansão semântica e Tropos gramaticais no sermão do monte nos Evangelhos

Diferentemente dos tropos lexicais que se concentram semanticamente ao empregar uma única palavra ou expressão, fortalecendo o significado por meio do uso de adjetivos, advérbios ou outros termos que intensificam a palavra principal, sem modificar fundamentalmente a estrutura da frase, os tropos lexicais que se expandem semanticamente utilizam várias palavras ou expressões para ampliar o conceito, frequentemente associando-o a outros termos relacionados. Por outro lado, os tropos gramaticais são figuras que realçam a estrutura gramatical das palavras, a fim de comunicar ideias de maneira mais expressiva e impactante, incorporando elementos como ênfase, ironia e ambiguidade. Essas construções envolvem alterações na ordem das palavras, na estruturação das frases ou no uso não convencional de elementos gramaticais.

3.2.1 Metalepse - extraída do capítulo 5 (Mt 5.33-35)

Mateus 5.33-35: “Outrossim, ouvistes que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás teus juramentos ao Senhor. Eu, porém, vos digo que, de maneira nenhuma, jureis nem pelo céu, porque é o trono de Deus, nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés, nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei.”

Dentre os tropos gramaticais por difusão semântica, pode-se destacar a figura de metalepse, que ocorre quando há duas metonímias, uma incluída na outra, mas apenas uma é expressa. É uma mudança de um nível enunciativo a outro, como leciona Fiorin (2014, p.103):

A metalepse é um tipo de metonímia. Temos, como na metonímia, uma difusão semântica: um valor semântico transfere-se de um elemento a outro, numa dispersão semântica. Com isso, no eixo da intensidade, dá-se uma velocidade maior ao sentido, acelerando-o, pois, ao enunciar, por exemplo, um conseqüente, já se enuncia também o antecedente, eliminando passos enunciativos. Ao dar ao sentido aceleração, a metalepse intensifica-o.

A demonstração no sermão do monte vem explícita nos versículos 33-35 do capítulo 5: “Eu, porém, vos digo que, de maneira nenhuma, jureis nem pelo céu, porque é o trono de Deus, nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés, nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei”. No texto em questão, a palavra "céu" é utilizada como uma metalepse para se referir a Deus, que é associado ao céu como o seu trono. Da mesma forma, a palavra "terra" é utilizada

como uma metalepse para se referir a Deus, que é associado à terra como o seu escabelo. Já a palavra "Jerusalém" é utilizada como uma metalepse para se referir a Deus, que é associado a Jerusalém como o seu lugar de habitação.

3.2.2 Metonímia - extraída dos capítulos 5 e 6 (Mt 5.3,47; 6.1,13,21)

Mateus 5.3: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus;”

Mateus 5.47: “E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim”

Mateus 6.1; “Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás, não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus.”

Mateus 6.13: “E não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal; porque teu é o Reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém!”

Mateus 6.21: “Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.”

A metonímia é uma operação subjacente orientadora da linguagem que atua por combinação ou ação horizontal, construindo relações sintáticas e contextuais, implicando em diacronia, causa e efeito. A compreensão conceitual e linguística do ser humano em sua comunicabilidade é profundamente influenciada por metáforas e metonímias empregadas no dia a dia. Essa figura pode ser tão fundamental quanto as metáforas em nossa compreensão da realidade e da linguagem. O linguista Jakobson (2007, p. 49) disserta sobre essa matéria enunciando: “Das duas figuras polares de estilo, a metáfora e a metonímia, esta última, baseada na contiguidade, é muito empregada pelos afásicos cujas capacidades de seleção foram afetadas. Garfo é substituído por faca, mesa por lâmpada [...]”.

Esse recurso linguístico ornamenta a comunicação ao proporcionar que se expresse ideias, imagens complexas de forma mais precisas. Muitas dessas expressões metonímicas estão enraizadas na cultura e nas tradições da sociedade, e quando aplicadas, amplia a visão dos aspectos culturais e históricos, permitindo a percepção do mundo ao nosso redor. Ela demonstra como o pensamento é moldado e influenciado pela linguagem, sendo indispensável para a semiótica. Escritores, poetas, literatos, publicitários, entre outros oficiantes da linguagem, frequentemente valem-se dessa representação para criar impacto e transmitir significados sutis.

Esse termo tem origem no grego a partir de duas expressões *Meta* - que pode ser traduzido como “mudança”, “além de” ou “depois de” e *Onoma* - que significa “nome”. Fiorin (2014, p. 37) a conceituou com a seguinte alcunha:

A metonímia é uma difusão semântica. No eixo da extensão, um valor semântico transfere-se a outro, num espalhamento sêmico. Com isso, no eixo da intensidade, ela dá uma velocidade maior ao sentido, acelerando-o, pois, ao enunciar, por exemplo, um efeito, já se enuncia também a causa, suprimindo etapas iniciativas. Ao dar ao sentido aceleração, a metonímia tem um valor argumentativo muito forte.

A investigação da metonímia assume uma relevância notável, uma vez que se revela como um componente primordial do tecido linguístico, exercendo uma função de magnitude essencial nos processos comunicativos e na manifestação dos pensamentos. Ela acrescenta riqueza à tessitura verbal, aprimorando a eficácia da interlocução e fomentando a criação artística e expressiva. Além disso, figura como instrumento indispensável nas investigações do cunho linguístico e literário.

Ao averiguar as aparições metonímicas no Sermão do Monte, conforme registrado por Tadeu, é possível identificar várias ocorrências em todo o texto, o que permite uma apreciação das passagens ao longo dos três capítulos. No capítulo 5, encontramos, por exemplo, a expressão “pobres de espírito” no versículo 3. Neste contexto, a metonímia é empregada ao usar essa expressão como uma representação da ideia mais abrangente de pureza espiritual e virtude. “Pobres de espírito” é utilizada para simbolizar a humildade e a dependência de Deus, valores altamente estimados na mensagem ensinada por Jesus. Outro exemplo é encontrado no versículo 47, que menciona os “publicanos”. Esta é uma metonímia que representa as pessoas consideradas pecadoras e desonestas na época de Jesus, indo além do mero sentido de funcionários públicos.

No capítulo 6 do sermão, também podemos observar exemplos de metonímia. No versículo 1, Jesus adverte: “Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens [...]”. Aqui, a palavra “esmolas” (originalmente “misericórdia”) é utilizada como uma metonímia para representar os benefícios que derivam dela. No versículo 13, quando Jesus diz: “E não nos induzas à tentação [...]”, o termo “induzas” é uma metonímia verbal, em que o verbo “induzir” é empregado para se referir ao permitir. Por fim, no versículo 21, Jesus ensina: “Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”. Neste contexto, “tesouro” vai além de objetos físicos ou dinheiro, sendo empregado de maneira mais abrangente para simbolizar aquilo que é mais significativo e prioritário na vida de alguém, algo que ocupa um lugar central em suas prioridades. Da mesma forma, a palavra “coração” é utilizada como uma metonímia, representando desejos, pensamentos e afetos.

Considerar e entender a metonímia é uma habilidade importante para o pesquisador, pois permite uma compreensão mais memorável e abrangente dos textos, revelando nuances e detalhes que podem passar despercebidos em uma leitura superficial, às vezes, uma passagem

pode parecer literal, mas quando usada de forma metonímica transmite um significado mais amplo. Além disso, sua agudeza contribui para a compreensão da cultura e da sociedade da época em que os textos bíblicos foram escritos.

3.2.3 Sinédoque - extraída dos capítulos 5 e 6 (Mt 5.17,22; 6.11)

Mateus 5.17: "Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir."
--

Mateus 5.22: "Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo, e qualquer que chamar a seu irmão de raca será réu do Sinédrio; e qualquer que lhe chamar de louco será réu do fogo do inferno."

Mateus 6.11: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje."

A figura de linguagem conhecida como Sinédoque se revela através da utilização de uma parte para representar o todo, ou vice-versa, como salientado por Brandão (1989, p. 20). É importante notar que ela guarda semelhanças com a metonímia, mas distingue-se desta pelo fato de que, na Sinédoque, a substituição se dá entre duas ideias interligadas. Nesse contexto, a troca de uma palavra por outra ocorre com base em uma relação de inclusão ou pertencimento, (1985, p. 533).

Dentre as manifestações desta figura de linguagem, quatro categorias preeminentes podem ser elucidadas. Primeiramente, a parte pelo todo, como no exemplo “cinco mãos trabalharam na produção”, onde a palavra “mãos” abrange a ação conjunta de todos os trabalhadores. Em seguida, o todo pela parte, como na frase “os olhos da maioria estavam voltados para ela”, onde se denota que a atenção se voltou para a pessoa em sua totalidade, não se limitando aos olhos. A terceira manifestação se apresenta como gênero pela espécie, como na afirmativa, “Todos os homens são mortais”, onde a categoria mais ampla, ou seja, o gênero humano, abarca a verdade inerente a todas as espécies humanas. Por último, a espécie pelo gênero, como se verifica no enunciado “ele tem muitos bichos de preservação”, que alude a uma diversidade de espécies sob proteção, não apenas aos insetos.

A origem etimológica da palavra “sinédoque” remonta ao grego *synecdoche*, que carrega consigo os significados de “entendimento conjunto” ou “compreensão simultânea”. Esse termo é o resultado da fusão de *syn*, indicando “junto” ou “simultâneo”, com *ek*, que traduz “de”, e *khé*, que abrange o ato de receber. Tal conceito descreve uma figura retórica na qual uma palavra incorpora algo proveniente de outra, porque está associada a ela por meio de

qualquer conexão, como ao tomar a parte em vez do todo (BULLINGER, 1985, p. 533). Para Fiorin (2014, p. 38),

Sinédoque é um tipo de metonímia, em que a relação de contiguidade é do tipo *pars pro toto* (parte pelo todo), o que significa que a transferência sêmica se faz entre dois sentidos que constituem um todo. [...]. Assim, podemos dizer que são sinédoques a coexistência de parte e todo ("As velas enchiam a baía"); matéria e objeto ("Na batalha, ouvia-se o ruído do ferro"); singular e plural ("O brasileiro é, em geral, simpático"); gênero e espécie ("Os mortais têm sempre uma angústia existencial"; "Em casa onde falta pão, todos falam e ninguém tem razão"), etc.

No fragmento “Não pensei que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir” (Mt 5.17), depara-se com a sinédoque, manifestada na alusão à “Lei ou os Profetas”. Neste contexto, “Lei” e “Profetas” figuram como componentes específicos de um conjunto mais abrangente, a saber, o Antigo Testamento das Escrituras judaico-cristãs, abarcando tanto os “Livros da Lei”, que contém os preceitos e orientações, quanto os “Livros dos Profetas”, que encerram os ensinamentos e oráculos espirituais. Entretanto, ao aludir apenas à “Lei” e aos “Profetas”, o propósito é referir-se ao todo, utilizando partes representativas para tal desiderato. Isso igualmente se atrela à amplitude do significado comunicado. Isso também se relaciona com o sentido mais amplo da mensagem transmitida. O autor, Cristo, está enfatizando que não veio para anular ou revogar os ensinamentos contidos na “Lei” e nos “Profetas”, mas sim para cumpri-los, trazendo um entendimento mais profundo ou uma perspectiva mais completa sobre seu significado e propósito.

A sinédoque neste texto ajuda a focalizar a relação entre as partes específicas e o todo das Escrituras e, por extensão, a intenção de Jesus em cumprir e dar continuidade aos ensinamentos espirituais previamente estabelecidos. Descobrir tal figura nesse trecho das Escrituras revela a abrangência do conhecimento hermenêutico do leitor e a habilidade de analisar discursos e identificar as intenções do emissor. Aliás, através da utilização desse estilo comunica-se uma ideia complexa ou abstrata usando uma expressão mais concisa. Ela substitui uma descrição mais detalhada de uma parte do todo, economizando tempo e palavras na comunicação.

Esse outro fragmento: “Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo, e qualquer que chamar a seu irmão de raca será réu do Sinédrio; e qualquer que lhe chamar de louco será réu do fogo do inferno.” (Mt 5.22). A palavra injuriosa “raca” é colocada aqui representando qualquer outro dito insultuoso, ou seja, está sendo usada como um exemplo de linguagem ofensiva em geral.

Ainda pode-se evidenciar a presença deste recurso em Mateus 6.11: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”, apresenta uma sinédoque ao usar a parte “pão” para representar uma necessidade maior, que é o sustento diário ou o provimento alimentar geral. O termo “pão” é empregado para se referir a todos os tipos de alimentos essenciais que as pessoas precisam para sustentar suas vidas diariamente. É também uma maneira poética de expressar as necessidades cotidianas de alimentação e nutrição, usando uma parte representativa (pão) para aludir ao todo (alimentos em geral).

Assim, quando se encontra em determinado texto, seja ele literário ou não, palavras ou expressões que manifestam significado de uso de parte de algo para representar o todo ou o todo para representar uma parte, depara-se com a sinédoque. Ela permite que os comunicadores expressem ideias de maneira concisa, enfatizem aspectos específicos e criem vínculos simbólicos entre partes e totais, enriquecendo assim a compreensão e apreciação da linguagem.

3.2.4 Hipérbole - extraída dos capítulos 5 e 7 (Mt 5.29,30; 7.3,4)

Mateus 5.29,30: “Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti, pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo seja lançado no inferno. E, se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque te é melhor que um dos teus membros se perca do que todo o teu corpo seja lançado no inferno.”

Mateus 7.3,4: “E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu?”

A hipérbole é uma figura retórica que consiste em transmitir uma ideia de forma amplificada com o propósito de produzir um efeito enfático, por isso, caracteriza-se por exagerar intencionalmente, com objetivo de enfatizar uma ideia ou emoção, sendo amplamente vista, seja na literatura, filmes ou propagandas. Nas palavras de Bento (2003, p. 318), essa manifestação retórica “[...]consiste no emprego de palavra ou frase com sentido exagerado para dar maior força, maior impressão, para mais ou para menos, a fim de apresentá-la viva à imaginação”. Nos Evangelhos, um notável exemplo dessa técnica emerge no derradeiro versículo atribuído a João, quando o evangelista proclama: “Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez; e, se cada uma das quais fosse escrita, cuido que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem. Amém!” (Mt 21.25). Ao expressar que "se fossem todas elas escritas, creio que nem o universo inteiro seria capaz de conter os livros que deveriam

ser produzidos", o autor recorre a um exagero intencional com o propósito de enfatizar a grandiosidade e a relevância das realizações de Jesus. Essa hipérbole sugere a ideia de que Cristo desempenhou tantas proezas que a tentativa de documentar cada uma delas seria uma tarefa monumental impossível. De acordo com Fiorin (2014, p. 75),

A hipérbole (do grego *hyperbolé*, que significa "ação de lançar por cima ou além"; depois, "ação de ultrapassar ou passar por cima"; daí, "excesso", "amplificação crescente") é o tropo em que há um aumento da intensidade semântica. Ao dizer de maneira mais forte alguma coisa, chama-se a atenção para aquilo que está sendo exposto. Quando se afirma que alguém tem um coração de pedra, o que se pretende é destacar o grau de insensibilidade dessa pessoa.

Nesse contexto, a hipérbole se revela como uma ferramenta linguística na qual se estabelece uma consonância com o predicado, evidenciando a máxima intensidade da expressão. Dentro dessa técnica, recorre-se a uma linguagem de maior veemência, embora, na verdade, o propósito seja transmitir uma ideia mais delicada. Tal abordagem resulta em uma amplificação notável e conferência de destaque ao conteúdo comunicado, desencadeando uma difusão semântica, em que o menos surge em proeminência sobre o mais.

Observando esses dois fragmentos do sermão proferido no monte, é possível discernir a presença da hipérbole. No primeiro trecho, o evangelista Mateus consigna: “se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti” e “se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti”. (Mt 5.29,30). Essa imagem extremamente impactante de arrancar um olho ou cortar uma mão ressalta de maneira veemente a imperatividade de adotar medidas extremas a fim de evitar a transgressão. A mensagem subjacente enfatiza que a prevenção do pecado é de suma importância, mesmo que isso implique suportar momentos de sofrimento. Importa salientar que o Nazareno não está, de fato, instruindo as pessoas a mutilar seus próprios corpos; em vez disso, ele utiliza uma linguagem vividamente exagerada para ilustrar a relevância de se afastar de influências prejudiciais. A hipérbole emerge como uma figura retórica crucial para intensificar e dar ênfase à mensagem. Nesse texto, o emprego dessa figura enriquece a compreensão da comunicação, conferindo-lhe maior expressividade e clareza.

No segundo excerto (Mateus 7.3,4), a frase emprega as palavras “argueiro” - uma ínfima partícula - para descrever o suposto problema no olho do próximo, e “trave” - uma peça de madeira consideravelmente grande - para ilustrar o suposto problema no próprio olho. O contraponto entre um “argueiro” e uma “trave” busca ressaltar a absurdez da situação hipotética. É quase cômico imaginar alguém com uma viga no próprio olho tentando retirar um simples

“argueiro” do olho de outra pessoa. Neste contexto, uma hipérbole deliberada é empregada com o intuito de sublinhar a flagrante disparidade entre a insignificante falha percebida no outro e a substancial imperfeição presente em si. Jesus critica, assim, aqueles que estão prontos para apontar os erros alheios, mas se mostram relutantes em reconhecer as próprias falhas. Portanto, a hipérbole neste texto é utilizada com o propósito de acentuar a necessidade de introspecção, modéstia e compaixão no julgamento dos outros.

Nesse sentido, ressalta-se que essa figura tem a capacidade de gerar um efeito humorístico, impactante ou emotivo, permitindo uma forma de se expressar de modo mais simbólico e sugestivo. É essencial recordar que essa é uma figura de estilo que deliberadamente utiliza expressões exageradas, as quais não devem ser interpretadas literalmente.

3.2.5 Enálage - extraída dos capítulos 6 e 7 (Mt 6.9-13; 7.28,29)

Mateus 6.9-13: "Pai nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso Reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal."⁴

Mateus 7.28,29: "E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina, porquanto os ensinava com autoridade e não como os escribas."

A enálage é uma figura de linguagem que envolve a alteração gramatical de uma palavra, frase ou expressão que normalmente deveria aparecer em uma determinada forma, tempo verbal, gênero ou número, por outra forma gramatical. Isso pode ocorrer por razões de ênfase, estilo, rima, ou até mesmo para criar um efeito estilístico ou poético, pensamento ratificado pelo eminente linguista Carvalho (2021, p.30) que enfoca, “A enálage consiste no uso de um termo em função que não lhe é própria, como o uso do singular pelo plural, do adjetivo pelo advérbio ou de um tempo verbal pelo outro”.

Alguns exemplos dessa figura de linguagem podem ser encontrados em fragmentos como: "No fim das férias, vamos até sua casa. Aqui “vamos” é utilizado no lugar de iremos; "Capitu e os olhos de ressaca. Era o que me dava ideia do mar revolto." - Nesse trecho da obra "Dom Casmurro" de Machado de Assis, "olhos" está no plural enquanto o verbo "era" está no singular, criando um efeito poético para descrever os olhos de Capitu.

⁴Nesta referência foi utilizada a Bíblia Sagrada, publicada por ação social claretiana da editora Ave-Maria, 2012.

O termo enálage, vem do grego *enallage*, composto por, em – dentro – e, *allage* – mudança. (Dicionário Etimológico Espanhol online). Para Fiorin (2014, p. 97), denomina-se enálage o uso de uma categoria gramatical por outra, um número por outro, um gênero por outro, uma pessoa por outra, um tempo por outro, um modo por outro, uma voz por outra, uma classe por outra, etc.

No texto retirado das Escrituras, Mateus 6.9-13: “Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o vosso nome [...] livrai-nos do mal [...]”. encontramos a enálage de pessoa manifestada na variação de pessoa gramatical. No fragmento “Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o vosso nome”, há uma alternância entre a segunda pessoa “vosso” e a terceira pessoa “seja”. Isso resulta em uma enálage de pessoa, em que a conjugação verbal “seja” na terceira pessoa concorda com o pronome possessivo “vosso” na segunda pessoa. Essa troca de pessoa gramatical pode ser interpretada como uma maneira de expressar reverência e respeito a Deus. O uso da terceira pessoa para referir-se a Deus tem sido comum em várias tradições religiosas como uma forma de demonstrar submissão e humildade diante de Sua majestade. “Livrai-nos do mal”, aqui a manifestação dessa figura se dá na segunda pessoa “livrai-nos” para se dirigir diretamente a Deus, pedindo-lhe que “nos livre do mal”. Essa mudança na pessoa gramatical ressalta o pedido direto à divindade, fortalecendo o sentido de súplica e confiança na proteção de Deus.

Na segunda passagem em pauta deste evangelho aparece: “Concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina, porquanto os ensinava com autoridade e não como os escribas.” (Mt 7.28,29). Nesse trecho há uma enálage de tempo no uso dos verbos “ensinava” e “concluindo”. A conjugação do verbo “ensinar” está no passado “ensinava”, indicando uma ação contínua que ocorreu no passado. Por outro lado, o verbo “concluir” está no presente “concluindo”, que é uma forma usada para expressar ação que está ocorrendo no momento da fala. Essa variação verbal destaca a ação contínua de Jesus ao ensinar durante seu discurso, no passado, enquanto também indica que o próprio ato de encerrar o discurso ainda estava ocorrendo naquele momento, no presente. Esta figura cria uma dinâmica na narrativa, enfatizando a importância do ensino de Jesus e o impacto imediato que ele teve sobre a multidão. Isso contribui para a expressão da autoridade e influência que Jesus exercia ao ensinar.

Em suma, a enálage é utilizada para conferir ênfase, expressar sentimentos, criar ambiguidade, entre outros efeitos comunicativos. Por meio dessa figura de linguagem, há uma alteração intencional na concordância gramatical ou flexão verbal, que pode gerar um impacto estilístico ou retórico no discurso.

3.3 Figuras não trópicas no sermão do monte nos Evangelhos

Como já de antemão apresentado, as figuras não trópicas são exposições sintáticas que não envolvem uma mudança no significado literal das palavras ou na estrutura gramatical da frase, mas que se baseiam principalmente no arranjo das palavras para criar efeitos expressivos, persuasivos ou estilísticos. Elas são classificadas em figuras de aumento, de diminuição, de transposição e de troca (FIORIN, 2014, p. 33). Nesta seção, serão expostos oito casos ilustrativos destas figuras retóricas, a fim de aprimorar a compreensão da relevância desse artifício na literatura sob escrutínio.

3.3.1 Epizeuxe - extraída dos capítulos 5 e 7 (Mt 5.37; 7.21,22)

Mateus 5.37: “Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna.”

Mateus 7.21,22: Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E, em teu nome, não expulsamos demônios? E, em teu nome, não fizemos muitas maravilhas?
--

O epizeuxe, que corresponde a uma figura de repetição em que uma mesma palavra é reiterada duas ou mais vezes de maneira consecutiva, sem a inserção de qualquer outra palavra entre elas. Esta figura retórica é empregada com o propósito de acentuar uma concepção, criar um efeito de destaque e impacto ao texto. (FIORIN, 2014, p. 115). Manifesta-se de duas maneiras distintas: quando a palavra é repetida sem interrupção, ou seja, sem a presença de outra palavra entre as repetições ou quando as repetições não ocorrem imediatamente, mas são separadas por uma ou mais palavras (BULLINGER, 1985, p.181).

Em Mateus 5.37 está exposto, “Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna.” A palavra "sim" e a palavra "não" são repetidas em sequência para enfatizar a importância da honestidade e da clareza na comunicação, caracterizando assim o Epizeuxe. Outra manifestação dessa figura está em Mateus 7.21,22, onde se repete a expressão por duas vezes, Senhor, Senhor: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, [...]. Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não

profetizamos [...]?” Essa figura assume uma função de significativa relevância ao realçar e ressaltar termos e concepções essenciais, enquanto manifesta a intensa emotividade dos autores.

3.3.2 Diácope - extraída do capítulo 6 (Mt 6.13)

Mateus 6.13: “E não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal; porque teu é o Reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém!”

Originária do termo grego "diakopê", a palavra "diácope" denota incisão, fissura ou separação. Essa figura de retórica compreende a repetição de uma ou várias palavras, tendo outra ou outras de permeio (MOISÉS, 2004, p. 120). Esta estratégia linguística é empregada visando realçar uma concepção ou sentimento, gerando um efeito marcante de intensificação ou contraposição. O professor Fiorin (2014, p.33) a define como uma forma não-trópica de amplificação e reiteração de termos ou frases dentro da sentença, ou verso.

No texto em questão, encontrado em Mateus 6 e versículo 13, pode-se identificar a presença dessa figura de linguagem quando se observa a interconexão de três termos distintamente relacionados, nos quais dois deles desempenham a função de adjetivos, enfatizando, assim, a importância da palavra principal: “[...] porque teu é o Reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém!”. Nesse contexto, há uma sequência “o Reino, e o poder, e a glória”, mas o destaque e a ênfase estão sobre o “reino”, que é tanto poderoso quanto glorioso.

Dessa forma, a diácope, enfatiza vocábulos, concepções ou ideias de suma relevância, conferindo-lhes um destaque expressivo que arrebatava a atenção dos leitores para a sua magnitude. A repetição inerente a essa figura desvela-se benéfica na facilitação da memorização, haja vista a transmissão de muitos ensinamentos e narrativas de geração em geração com base na recordação. Ademais, a diácope também é um elemento que concorre para o compasso e a cadência do texto, potencializando, desse modo, a eficácia na comunicação da mensagem.

3.3.3 Paralelismo - extraído do capítulo 6 (Mt 6.19-20,24)

Mateus 6.19-20: “Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam. Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam.”

Mateus 6.24 “Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.”

Outra figura não trópica muito utilizada nesse sermão é o paralelismo, caracterizado pela constituição de estruturas sintáticas, padrões gramaticais ou elementos linguísticos semelhantes em uma sequência de palavras, frases ou sentenças. Essa repetição tem o efeito de instilar uma sensação de ordem, cadência e concordância na expressão verbal, conferindo-lhe maior expressividade e ressaltando as concepções apresentadas. Fiorin (2014, p. 139) delinea seu conceito nos seguintes termos:

O que hoje se chama paralelismo era denominado isócolo na retórica clássica. O termo é formado do grego iso, que significa "igual", "semelhante", "mesmo", e kolon, que quer dizer "membro", "parte". É, pois, a figura em que se repetem várias orações ou sintagmas com a mesma extensão e a mesma organização sintática. Normalmente, os isócolos são bimembres, trimembres (chamados tricolos) ou quadrimembres (denominados tetracolos).

No trecho de Mateus, capítulo 6, versículos 19 a 20, pode-se identificar a presença dessa figura conforme pode-se elencar:

- a. Não ajunteis tesouros na terra,
- b. onde a traça e a ferrugem tudo consomem,
- c. e onde os ladrões minam e roubam.
- a. Mas ajuntai tesouros no céu,
- b. onde nem a traça nem a ferrugem consomem,
- c. e onde os ladrões não minam, nem roubam.

Esse é um paralelismo composto por alternância estendida, porque três ou mais linha se repetem. Já no versículo 24 desse mesmo capítulo, observa-se um paralelismo composto introvertido, pois existem seis linhas, a primeira corresponde com a sexta; a segunda, com a quinta; e a terceira, com a quarta:

- a. Ninguém pode servir a dois senhores,
- b. porque ou há de odiar um
- c. e amar o outro
- a. ou se dedicará a um
- b. e desprezará o outro.

c. Não podeis servir a Deus e a Mamom.

Mediante a reiteração ou do espelhamento de estruturas linguísticas, ao apresentar paralelismos, a Bíblia promove mais clareza da mensagem, tornando-a mais perspicaz e de fácil compreensão. Nessa esteira, contribui para a eficaz transmissão do ensino, conferindo ao texto um caráter mais cativante e de fácil acesso a diversos públicos, abrangendo desde os leitores comuns até os líderes religiosos incumbidos de laborar no exercício teológico.

3.3.4 Anáfora - extraída do capítulo 5 (Mt 5.3-12; 5.22)

Mateus 5.3-12: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus; bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos; bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia; bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus; bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus; bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.”

Mateus 5. 22 "Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo, e qualquer que chamar a seu irmão de raca será réu do Sinédrio; e qualquer que lhe chamar de louco será réu do fogo do inferno."

Na obra de Fiorin são elencadas diversas figuras não trópicas de repetição de uma palavra ou sintagma em outra oração ou verso: no meio, mesodiploses; no fim, epífora; no início de uma oração ou verso e no final do seguinte, epanadiplose; no final de uma oração ou verso e no começo do seguinte, anadiplose; no meio de uma oração ou verso e no início ou fim do seguinte, ploce, aleatoriamente, epimone; e a anáfora que consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de versos, frases ou sequências consecutivas (FIORIN, 2014, p. 33).

Esta pode ser entendida como um recurso discursivo de recuperação deliberada de um ou mais termos, com o intuito de criar ênfase, reforçar ideias, gerar um efeito rítmico ou destacar

elementos específicos. Ela auxilia na concentração do receptor, tornando o texto mais envolvente e memorável ao criar um efeito de acumulação que impacta emocional ou persuasivamente. Ao retomar uma expressão já mencionada, estabelece uma relação de continuidade e destaca a importância da frase repetida.

Essa figura de linguagem caracteriza-se por repetir a mesma palavra no começo de frases sequenciais, adicionando assim peso e ênfase as declarações nelas feitas. (BULLINGER, 1985, p. 188). Partindo da Etimologia da palavra, Fiorin (2014, p. 118) informa: “Chama-se anáfora, do grego *anaphora*, palavra formada de *aná*, indicando repetição e *phorá*, que está relacionada ao verbo *phoréo*, que significa ‘leva’, ‘transporta’, a repetição de palavras, ou sintagmas no início de orações ou de versos.”

Logo no terceiro versículo do sermão do monte, inicia as famosas Bem-aventuranças procedidas por Jesus. A expressão “Bem-aventurados” é repetida no início de cada frase, criando uma anáfora. Essa repetição enfatiza a ideia de felicidade associada às características e atitudes mencionadas em cada uma das frases subsequentes, criando um efeito de musicalidade e ritmo cativante, além de enfatizar a importância de cada uma das características mencionadas, transmite uma mensagem de conforto, esperança e recompensa espiritual para aqueles que possuem essas qualidades. Nove vezes o vocábulo “Bem-aventurados” é reiterado.

Ainda no mesmo capítulo pode-se encontrar a anáfora na expressão “qualquer que”, repetida por três vezes no início de cada frase do versículo 22. Nesse caso, produz um padrão que destaca a importância e a universalidade das ações e consequências descritas em cada cláusula, enfatizando a aplicação da mensagem a todas as situações descritas, não importando a ação ou a circunstância. Além disso, a repetição da mesma estrutura gramatical estabelece um ritmo marcante no discurso.

Assim, a anáfora nestes textos enfatiza e organiza as ideias, criando uma estrutura coesa e gerando um impacto mais forte ao enfatizar a gama de ações e seus respectivos resultados ou consequências. Ela vitaliza conceitos, gera sensação de continuidade e produz efeito de suspense ou expectativa no texto.

3.3.5 Polissíndeto - extraído dos capítulos 5, 6 e 7 (Mt 5.3-12; 34-36; 6.25.26; 7.25,27)

Mateus 5.3-12: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus;
bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados;
bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra;

<p>bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;</p> <p>bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia;</p> <p>bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus;</p> <p>bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus;</p> <p>bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus;</p> <p>bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa.</p> <p>Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.”</p> <p>Mateus 5.34-36: “Eu, porém, vos digo que, de maneira nenhuma, jureis nem pelo céu, porque é o trono de Deus, nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés, nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei, nem jurarás pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto.”</p>
<p>Mateus 6.25,26: “Por isso, vos digo: não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta? Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?”</p>
<p>Mateus 7.25-27: “E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha [...]. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda.”</p>

Um caso típico do uso de polissíndeto é identificado na seguinte sentença: "Ele chegou, e expressou palavras, e esboçou um sorriso, e ofereceu um abraço, e beijou." Nessa situação, a reiterada utilização da conjunção "e" realça cada ação, produzindo uma sensação de sucessão ininterrupta e ritmo constante.

O polissíndeto é uma figura retórica que se caracteriza pelo uso repetitivo e intencional de conjunções coordenativas para ligar uma sequência de palavras, expressões ou frases coordenadas. O termo "polissíndeto" tem origem grega e deriva das palavras "*poly*" (que significa "muitos") e "*syndeton*" (que se refere à conexão entre diversos elementos). A estrutura polissindética pode expressar diferentes dignificados, como ligação, contraste, oposição, causa

ou conclusão, consoante as conjunções coordenativas empregadas. (CARLOS CEIA, 2018, online).

Essa figura de linguagem caracterizada pela repetição de conjunções (como "e", "ou", "mas", "porque", etc.) intencional em uma sequência de palavras ou frases, geralmente para enfatizar a conexão entre as palavras ou ideias. É o oposto do assíndeto (SILVA, 2007, p.37), que consiste na ausência de conjunções. O uso do polissíndeto cria um efeito de herança e pode conferir ritmo, intensidade ou ênfase ao discurso. O professor Fiorin exemplifica esta figura com detalhes:

É denominada polissíndeto a repetição de conectivos. Nesta passagem do Memorial de Aires, de Machado de Assis, a reiteração do conectivo e indica o esforço da procura insistente; *E lá foi [Tristão], e lá andou, e lá descobriu o padre, dentro de uma casinha – baixa [...] É verdade que a serpente naquele tempo estava viva, e andava, e comia, e batalhava, e vencia, e triunfava, mas como tinha sido vara, e havia de tornar a ser vara, não era o que era: era o que fora e o que havia de ser: Virga. – Vieira, parte II do Sermão de Quarta-Feira de Cinza, pregado em Roma, na Igreja de Santo Antônio dos Portugueses, no ano de 1672 – (FIORIN, 2014, p. 122,123).*

Consistindo em uma expressão que repete conjunções coordenadas em uma sequência de termos ou frases, no Sermão do Monte, há alguns exemplos de polissíndeto usados por Jesus para enfatizar certos pontos. No fragmento composto pelas Bem-aventuranças, marcado pela figura anterior, a anáfora, está também farto de polissíndetos ao ser expresso dez vezes a conjunção “porque”, que espelha esse estilo nesse discurso, a saber, oito vezes até o versículo dez e duas no doze. Esse enfoque de polissíndeto ajuda a criar uma cadência característica e enfatiza a importância dos ensinamentos de Jesus, tornando suas palavras mais marcantes.

No fragmento onde Jesus enfatiza a ideia de que não devemos jurar por nada (Mt 5.34-36), essa figura está presente por meio da repetição da conjunção coordenativa "nem" em sequência, para ligar diversas partes da frase: “Eu, porém, vos digo que, de maneira nenhuma, jureis ‘nem’ pelo céu, porque é o trono de Deus, ‘nem’ pela terra, porque é o escabelo de seus pés, ‘nem’ por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei, ‘nem’ jurarás pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto”. O uso repetido dessa conjunção cria um efeito de acumulação e ênfase, ressaltando cada item da lista, o que destaca a série de possibilidades pelas quais não se deve jurar e reforça o tom solene do ensinamento. O polissíndeto nesse trecho contribui para a construção de uma estrutura marcante no discurso, amplificando a importância da instrução transmitida. No capítulo 6 versículo 25 e 26, essa figura marcada pela conjunção coordenada aditiva pode ser percebida novamente: “Não andeis ansiosos [...] pelo que haveis de beber; ‘nem’, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir

[...] Olhai para as aves do céu, que não semeia, ‘nem’ ceifam, ‘nem’ ajuntam em celeiros; e vosso Pai celeste as alimenta”. Avançando para o capítulo 7, encontra-se nos versículos 25 e 27, a porção famosa dos dois alicerces, onde retrata a sabedoria do homem que construiu sua casa sobre a rocha e a do tolo imprudente que construiu sua casa sobre a areia. A inteligência do homem que construiu sobre a rocha é destacada por meio de um polissíndeto quártuplo, e a tolice de quem construiu na areia é indicada por um polissíndeto sêxtuplo. A presença desta figura se manifesta através da repetição da conjunção coordenativa “e” para unir uma série de ações e eventos. Ela é evidenciada na forma como a conjunção “e” é utilizada repetidamente para criar uma sequência de elementos relacionados: “E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha.” “E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda.” Esse polissíndeto auxilia a estabelecer um ritmo contínuo no texto, destacando o contraste entre o resultado positivo da primeira situação e o resultado negativo na segunda situação.

Pode-se observar que o polissíndeto enfatiza a importância de determinadas ideias, criando um efeito de musicalidade e ritmo. É encontrado nas construções de orações coordenadas sindéticas, sendo comum em textos religiosos, poéticos e publicitários, criando um efeito de expressividade e intensidade nos enunciados. Nesse contexto, as conjunções que serviram de conectores foram o “porque”, o “nem” e o “e”. Isso cria um efeito de continuidade e ênfase nas ideias desenvolvidas por Jesus no Sermão do Monte.

3.3.6 Interrogação - extraída dos capítulos 5, 6 e 7 (Mt 5.46,47; 6.25-30; 7.3-16)

Mateus 5.46,47, “Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?”

Mateus 6.25-30 “[...]. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta? Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura? E, quanto ao vestuário, porque andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham, nem fiam. E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje

existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé?”

Mateus 7.3-16 “E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu? [...]. E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se, vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem? [...]. Por seus frutos os conhecereis. Porventura, colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?”

No livro alegórico de George Orwell, *Squealer*, um porco, utiliza perguntas retóricas para manipular e persuadir os outros animais, reforçando a mensagem do autor sobre a manipulação da verdade:

Não está mais do que claro, portanto, camaradas, que todos os males de nossas vidas provêm da tirania dos seres humanos? Se nos livrássemos do Homem, o produto de nosso trabalho seria nosso. Quase do dia para a noite, ficaríamos ricos e livres. O quê, então, devemos fazer? Ora, trabalhar dia e noite, corpo e alma, pela derrocada da espécie humana! (ORWELL, 2020, p. 32).

Nesse trecho, a pergunta “Não é mais do que claro [...]?” é uma interrogação retórica, pois a afirmação já foi feita anteriormente e é aceita como verdadeira. A expressão reforça a ideia de que os problemas enfrentados pelos camaradas decorrem da opressão dos seres humanos. A outra indagação “O quê, então, devemos fazer?” também é uma declaração em forma de pergunta, uma vez que a resposta já foi indicada anteriormente sugerindo que a resposta seja clara eles devem tomar medidas para se libertar dos seres humanos.

A figura de retórica “interrogação” tem suas origens na palavra latina *interrogatio*, que deriva do verbo *interrogare*, composto por *inter*, entre e *rogare*, pedir. (CUNHA, 2012, p. 1915). Essa combinação de elementos resulta em perguntar, notadamente no contexto de busca de dados ou respostas. À medida que a linguagem evoluiu, o uso de indagações foi incorporado de várias maneiras nas comunicações, e não poucas vezes, de maneira retórica para enfatizar, persuadir ou provocar reflexão. Essa representação retórica é uma ferramenta poderosa que permite aos escritores e oradores criar impacto e influência na interpretação do público por meio do uso habilidoso de perguntas que não buscam necessariamente respostas reais, mas sim efeitos emocionais ou intelectuais.

Segundo Bullinger (1985, p. 780), torna-se difícil classificar as inúmeras formas de perguntas bíblicas. Esse autor as ordena em dezenove grupos: afirmação positiva e negativa; negação afirmativa; demonstração; com admiração; êxtase; desejos; rejeições; dúvida; repreensão, reconvenção; proibição ou dissuasão; compaixão; desacato; reprovação; lamentação; indignação; absurdos e impossibilidades; e perguntas duplas. Muitas dessas acabam sendo processadas como interrogações retóricas.

Na concepção de Fiorin (2014, p. 184), a figura de interrogação é um procedimento linguístico em que,

[...] se acelera o andamento discursivo e se intensifica o sentido, expondo um ponto de vista por meio de perguntas. Observe-se que não são questões destinadas a obter uma informação que não se conhece, mas são interrogações destinadas a tomar mais forte o sentido. Por isso, essa interrogação recebe o nome de interrogação retórica.

Nesse sentido, tal procedimento estilístico acelera o texto e intensifica o significado, provocando reflexão ou impacto emocional no leitor/ouvinte, pois objetiva criar um efeito de expressividade e intensidade nos conceitos, constituindo uma pergunta não em busca de uma resposta, mas sim uma declaração expressa de forma interrogativa.

Essa figura é amplamente trabalhada na literatura, nos discursos políticos e religiosos, entretanto, ao apreciar cada pergunta, necessário se faz não confundir as interrogações retóricas com as demais perguntas. Nos 1.189 capítulos que formam o conteúdo sagrado das Escrituras, podem ser encontrados precisamente 3.298 trechos de cunho interrogatório. Nesses 1.189 capítulos, há uma parte de 453 capítulos que não possuem nenhum ponto de interrogação. Os 929 capítulos do Antigo Testamento contêm um total de 2.274 perguntas, enquanto os 260 capítulos do Novo Testamento ostentam uma quantidade notável de 1.024 perguntas. Logo, fica evidente que a média de perguntas por capítulo no Novo Testamento é consideravelmente superior à do Antigo Testamento, somente no Evangelho escrito por Mateus há 117, e no sermão do monte em apreço.

Do capítulo 5 de Mateus, quatro interrogações retóricas extraíram-se: nas primeiras: “Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo?”, a pergunta retórica é usada para destacar a ideia de que uma pessoa ao amar quem não o ama pratica uma ação particularmente virtuosa ou digna de recompensa especial. Nesse ensino, convida o ouvinte a considerar a importância do amor altruísta e do serviço além das relações mais óbvias. Nas segundas: “E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?”, a estrutura é semelhante à anterior, realça

as limitações de saudar apenas aqueles que são próximos e familiares, atitude pouco notável para o criador e similar as ações dos hipócritas.

O fragmento do capítulo 6: “Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?” (Mt 6.26), tem como foco acentuar através da pergunta retórica a reflexão sobre a importância e o valor da humanidade em relação às criaturas mais simples da natureza. “E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?” (Mt 6.27). Aqui, a ênfase é dada a futilidade da preocupação excessiva com aspectos financeiros, deixando implícito que ninguém pode adicionar uma medida significativa à sua própria estatura, independentemente de algumas preocupações. “E, quanto ao vestuário, porque andais solícitos?” (Mt 6.28). Esta interrogação visa sublinhar que Deus cuida até dos detalhes da natureza, tornando a ansiedade humana em relação ao item, desnecessária.

Ainda sobre a interrogação retórica tem-se texto de Mateus 7.3-16: “E por que repara tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu?” Nesse ponto, Jesus questiona com indagação estilística a hipocrisia das pessoas que apontam os defeitos alheios enquanto há problemas ainda maiores em si, indicando a incoerência dessas atitudes. “E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se, vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?” Nesse relato compara-se, através da arte expressiva, Deus com os pais terrenos, sugerindo que a deidade, sendo perfeita, certamente oferecerá coisas boas ao que lhe pedirem. “Por seus frutos os conhecereis. Porventura, colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?” Essa sentença induz à noção de que as ações e os resultados revelam a verdadeira natureza dos seres.

A presença da interrogação retórica tem o objetivo de enfatizar a lógica do argumento, destacar contradições e instigar os ouvintes a questionar suas próprias atitudes e crenças. No sermão do monte são ferramentas persuasivas para conduzir uma reflexão crítica sobre a hipocrisia, a confiança em Deus, a futilidade da preocupação excessiva com as necessidades materiais e o valor das ações altruístas.

3.3.7 Elipse - extraída dos capítulos 5 e 6 (Mt 5.11,12,23; 6.25)

Mateus 5.11,12: “bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.”

Mateus 5.23: “Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, [...]”

Mateus 6.25: “Por isso, vos digo: não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta?”

A elipse, consoante o doutor Fiorin, ao lado do assíndeto, do zeugma, do anacoluto, da aférese, da síncope, da haplologia, da apocope, da sinalefa, e da crase, pertence a um dos quatro grupo das figuras não trópicas, o de diminuição, os outros três são: de aumento, de transposição, e de troca. Esse autor ao definir elipse pronuncia:

Recebe o nome de elipse (do grego *eleipsis*, que tem o sentido de "omissão", "falta", "insuficiência") a omissão de um elemento linguístico que pode ser recuperado pelo contexto. Nos quatro últimos versos do "Rondó dos cavalinhos", de Manuel Bandeira, temos uma elipse do termo Senhora e quatro elipses do verbo estar:

Nossa! A poesia morrendo...
 O sol tão claro lá fora.
 O sol tão claro, Esmeralda,
 E em minha alma – anoitecendo!
 [...] Leia-se o mesmo trecho sem as elipses para verificar o enfraquecimento do sentido:
 Nossa (Senhora)! A poesia (está) morrendo...
 O sol (está) tão claro lá fora.
 O sol (está) tão claro, Esmeralda,
 E em minha alma – (está) anoitecendo! (FIORIN, 2014, p. 165,166).

Essa figura é intitulada como elipse, porque na sentença ocorre uma lacuna resultante da suspensão de uma ou mais palavras que, em situações gramaticais normais, serão ordinárias, porém não são essenciais para a compreensão do contexto. Essa exclusão não é atribuível a uma redução de conceito, negligência ou qualquer circunstância fortuita; pelo contrário, é puramente empregado para evitar a necessidade de interromper nossa reflexão ou enfatizar a palavra suprimida. Em vez disso, tal recurso nos oferece o espaço necessário para dedicar a atenção às demais palavras que, devido a essa lacuna calculada, adquirem uma relevância ainda maior.

A omissão apresentada pela elipse pode ocorrer em diferentes partes da frase, como substantivos, verbos, pronomes, adjetivos, conjunções, objetos e até mesmo frases inteiras. Essa figura é comumente usada em provérbios, ditados populares, discursos coloquiais e textos

literários, permitindo que os ouvintes ou leitores deduzam o significado completo a partir das informações disponíveis. Por exemplo, o apotegma: Quem com ferro fere, com ferro será ferido (Quem com ferro fere “alguém”, com ferro será ferido); de grão em grão, a galinha enche o papo (de grão em grão “comido”, a galinha enche o papo. No primeiro, nesse caso, houve a elipse do pronome, e no segundo, a do verbo

A elipse é uma figura de linguagem que consiste na omissão de um ou mais termos ou elementos de uma frase, visto que essa omissão não compromete a compreensão do contexto ou do sentido da mensagem. Essa figura é frequentemente utilizada para tornar a comunicação mais concisa, direta e fluida, removendo partes da frase que podem ser subentendidas com base no contexto ou na estrutura da linguagem. Essa figura de linguagem é comumente usada em provérbios, ditados populares, discursos coloquiais e textos literários, permitindo que os ouvintes ou leitores deduzam o significado completo a partir das informações disponíveis.

As elipses podem ser definidas em três categorias distintas: absoluta, que se refere à omissão de palavras que devem ser fornecidas a partir do próprio texto; relativa, que abrange a omissão de palavras que podem ser deduzidas considerando o contexto; e repetição, que implica a substituição de palavras omitidas por meio de uma repetição com base na cláusula anterior ou subsequente. (BULLINGER, 1985, p. 20,21). Alguns trechos são analisados no sermão do monte para melhorar a compreensão dessa figura:

O primeiro, de Mateus 5.11,12, apresenta o texto: “Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa [...]” O sujeito elíptico aqui são os homens, revelado através do pronome “vós”. Ele é subentendido nas ações descritas na frase, indicando que a mensagem se aplica diretamente às pessoas a quem está sendo dirigida, sem a necessidade de repetição explicitamente do pronome “vós” em cada parte da sentença, sendo omitido após a primeira ocorrência e concretizado, nas demais ações verbais descritas na frase.

O segundo, de Mateus 5.23, narra, “Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, [...]” Aqui tem-se a omissão de uma palavra contida em outra, em que os significados de ambos estão combinados, em latim é denominada *constructio praegnans* (construção fecunda ou grávida) devido à sua densidade, similar à da gravidez. Para compreender esse versículo é necessário, substituir a acepção literal do termo “oferta” por um vocábulo alternativo, resultando na seguinte tradução: “Logo, ao estar oferecendo sua contribuição de “sacrifícios no altar” e, nesse momento, lembrar-se de que seu irmão possui alguma reclamação contra você, deveria então entender que a oferta correspondente ao “único presente” que poderia ser levado ao altar, como descrito em Levítico

2.1-2. Aqueles que interpretam esta passagem no contexto de depositar a contribuição sobre a mesa do Senhor cometem um grave erro linguístico.

O terceiro, registrado em Mateus 6.25: “[...]. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta?” Nesse caso, o segundo membro da cláusula é omitido, intuindo que o interlocutor antecipe. O nome específico desta elipse é *anantapódoton*, uma espécie de anacoluto, que é uma quebra na estrutura gramatical de uma frase antes de apresentar as conclusões esperadas. O texto sem a elipse poderia ser grafado desta forma: “[...]. Não é a vida mais que a comida, e o corpo mais do que o vestido? Se, então, Deus concede o maior, por que não concederá o menor?”

Nesses três recortes analisados pôde-se observar a elipse absoluta com a omissão de nomes: “os homens”; a elipse relativa, onde a palavra que não foi expressa encontra-se incorporada em outra palavra na qual os sentidos de ambas são amalgamados: “sacrifícios no altar”; e outra elipse absoluta que consiste em omitir o segundo membro da passagem: “Se, então, Deus concede o maior, por que não concederá o menor?”

3.3.8 Hipérbato - extraído dos capítulos 5 e 7 (Mt 5.3-11; 7.6,26,27)

Mateus 5.3-11 “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus; bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; [...]; bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa.”
--

Mateus 7.6 “Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas; para que não as pisem e, voltando-se, vos despedacem.”
--

Mateus 7.26,27 “E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda.”
--

A figura de linguagem hipérbato, oriunda do termo grego *hyperbaton* que significa ir além", "transportar" ou "passar por cima (*Dicionário Etimológico Espanhol*), é identificada a partir da transposição de uma expressão, retirando-a de sua ordem convencional em uma sentença, criando uma construção sintática diferente e marcante com efeitos estilísticos e retóricos específicos.

Alguns exemplos clássicos dessa figura podem ser observados na primeira estrofe do Canto I da obra de John Milton, *Paraíso Perdido*, onde esse estilo foi utilizado repetidamente,

Do homem primeiro canta, empírea Musa,
 A rebeldia - e o fruto, que, vedado,
 Com seu mortal sabor nos trouxe ao Mundo
 [...]
 E a dita celestial dar-nos de novo (MILTON, 2006, p.11).

No primeiro verso a ordem natural seria “Canta, empírea Musa, do homem primeiro”; no segundo, “A rebeldia e o fruto, que nos foi vedado”; no terceiro, “Nos trouxe ao Mundo com seu mortal sabor”; e no último, “E dar-nos de novo a dita celestial”. Assim, O hipérbato é usado na sequência dos versos para: enfatizar à ação de cantar e também para criar um início mais solene ao poema; gerar um momento de suspense, antes de revelar o sujeito (“nos foi vedado”) da ação; destacar a importância do “sabor mortal” do fruto que trouxe consequências à humanidade; e a ideia de restauração da felicidade celestial. Destarte, essas inversões têm o propósito de provocar um efeito rítmico, tornando os textos mais expressivo e estilisticamente impactante.

Na concepção de Fiorin (2014, p. 173), denomina-se hipérbato “[...] a separação, por meio da intercalação de um ou mais elementos, de constituintes em relação sintática e, portanto, deveriam estar contíguos”. Nesse sentido, objetivo dessa figura é chamar a atenção para determinado assunto ou objeto que mereça tal destaque. Se um enunciado for posto na ordem gramatical estrita, passa despercebido, mas se apresentado fora dessa disposição, não é possível que um leitor atento deixe de observar a diferença. Bullinger (1985, p. 598) ilustra isso, expondo que, quando alguém tem uma cadeira excepcional à qual deseja que seus amigos prestem atenção exclusiva, se a meter entre as outras cadeiras, continuará despercebida, mas se um dia a põe sobre a mesa, será notada.

Voltando ao discurso do sermão do monte, várias figuras de hipérbatos são visíveis no decurso dos três capítulos, mas para evitar a exaustão e concomitante clarificar a compreensão, três porções serão analisadas. A primeira foi extraída de Mateus 5.3-11, onde o adjetivo “Bem-aventurados” adquire especial relevância, sendo colocado à frente das frases, mudando a distribuição dos enunciados que na ordem direta seriam: “Os pobres de espírito são bem-aventurados, porque o Reino dos céus é deles”; “Os que choram são bem-aventurados, porque eles serão consolados”; e “Vós sois bem-aventurados quando vos injuriarem, perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa”. Em cada caso, o uso do hipérbato ajuda a focar na característica ou ação especificamente mencionada, enfatizando o contraste entre a situação solicitada e a recompensa espiritual associada a ela.

Em uma análise do segundo excerto, recoltado de Mateus 7.6, verifica-se que Jesus põe o foco nas expressões “coisas santas” e “pérolas”, destacando sua importância e valor. A ordem

natural do versículo seria, “Não deis as coisas santas aos cães, nem deiteis as vossas pérolas aos porcos”. Porém, o autor bíblico opta por uma inversão, colocando o objeto direto, “as coisas santas” e “as vossas pérolas”, antes do verbo, “deis” e “deiteis”, e dos sujeitos, “aos cães” e “aos porcos”. Essa inversão cria um efeito estilístico e enfatiza a importância da mensagem transmitida, caracterizando o uso da figura de linguagem hipérbato. Destaca-se aqui a ideia de não desperdiçar ou oferecer coisas úteis a quem não tem valor.

Por último tem-se o exame do texto de Mateus 7.26,27, onde se observa a inversão da ordem dos verbos e dos assuntos. A ordem natural seria: “A chuva desceu, rios correram, ventos assopraram, combateram aquela casa, ela caiu e sua queda foi grande”. No entanto, o autor bíblico opta por uma inversão, colocando os verbos antes dos assuntos, criando um efeito estilístico e enfatizando a sequência de acontecimentos que levaram à queda da casa. Essa inversão da ordem das palavras cria um impacto maior na mensagem transmitida, destacando a intensidade dos elementos naturais que atingiram a casa e enfatizando a magnitude da queda, cada ação é destacada individualmente, criando um efeito de ênfase sequencial. O uso do hipérbato nesse trecho contribui para a expressividade e construção do enunciado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta dissertação consistiu em examinar minuciosamente algumas figuras de linguagem presentes no sermão proferido no monte, conforme registrado nos Evangelhos. O objetivo primordial foi destacar a riqueza da linguagem figurada, sem subestimar a importância da interpretação literal. Ao evidenciar a diversidade de figuras de linguagem presentes em um sermão, almejou-se demonstrar como os demais livros da Bíblia podem ser explorados e como esta, se sobressai como uma obra literária notável.

Adicionalmente, buscou-se fornecer orientações para definir e interpretar textos que contenham figuras de linguagem menos comuns no cotidiano. Seguindo essa abordagem, acreditou-se que o pesquisador será enriquecido em sua prática profissional, adquirindo ferramentas adicionais para enriquecer suas aulas, seja no ambiente escolar ou em contextos religiosos. Além disso, essa pesquisa pode ser benéfica para professores de Língua Portuguesa, teólogos e entusiastas da linguagem e da Bíblia, oferecendo um conjunto mais abrangente de recursos para explorar e comunicar conhecimentos linguísticos e religiosos de forma mais profunda e eficaz.

Nesse pensamento investigou-se à luz da análise do discurso, uma abordagem desenvolvida por teóricos como Émile Benveniste e Roman Jakobson, que avançaram na valorização do texto como um instrumento essencial para a compreensão da linguagem. Eles enriqueceram as teorias anteriormente estabelecidas por Ferdinand Saussure, cujos estudos estavam mais restritos ao nível da frase. Percebeu-se que a retórica teve uma posição fundamental no ensino desde a Grécia Antiga, mas ao longo do tempo passou a ser vista cada vez mais como um mero adorno do discurso, o que levou ao seu declínio no final do século XVI. No século XIX, a retórica perdeu sua posição como disciplina obrigatória no ensino, mas ressurgiu com força no século XX.

Uma das mudanças fundamentais foi a valorização do texto como elemento essencial da linguagem, em contraposição à visão anterior em que o texto era considerado apenas como parte da fala e não da língua. Essa mudança de perspectiva ocorreu com as análises de Émile Benveniste que introduziu o conceito de discurso como um ato social da linguagem. Nessa abordagem textual e simbólica, procurou-se demonstrar como as figuras de retórica ou as figuras de linguagem se aproximam desse contexto linguístico e discursivo.

A análise da linguagem figurada ocupa um lugar de destaque na tradição retórica, chegando, por vezes, a se confundir integralmente com o conceito expresso pelo termo retórica. Além disso, ela se entrelaça com a gramática, sendo esta responsável pela investigação dos

elementos constituintes da língua, enquanto aquela se debruça sobre a linguagem formada a partir desses componentes. Nesse contexto, foram abordadas as figuras de linguagem como operações expressivas que enunciam e geram efeitos, intensificando o sentido do discurso, construindo e ampliando a ideia de que é possível transmitir uma contenção muito mais abrangente do que seria possível com o uso restrito e literal das expressões.

Ao pôr a literatura em diálogo com a teologia, abriu-se o espaço para se avaliar os prós e os contras de uma pesquisa comparada de Literatura e Bíblia, ressaltando-se que tal empreendimento não despoja a Bíblia de sua sacralidade nem diminui a grandiosidade da pesquisa, pois o estudioso pode, sem dogmatismo, extrair dela benefícios teológicos, sejam eles de natureza histórica, geográfica, cultural ou literária. Questionou-se, desse modo, que a exposição bíblica, embora não tenha nascido com a pretensão de ser científica, pode ser um campo rico em recursos simbólicos.

As figuras de linguagem parecem destacar-se como uma diferenciação na linguagem em suas diversas manifestações, conduzindo à busca pelos coeficientes de organização. Ademais, acrescentam cores e vivacidade. Algumas, como a metáfora e a metonímia, provocam suspenses e admiração; em geral, possuem a característica de produzir impressões que auxiliam na memorização dos temas e na sintetização de ideias complexas ou extensas, pois conseguem dizer muito em poucas palavras. Esses recursos têm a habilidade de instigar a reflexão e desafiar o leitor à meditação e comparação de fatos. Contribuições. Percebeu-se que as analogias, a substituição de um termo por outro, as contradições de ideias, as estruturas repetidas deliberadamente e as inversões de sonoridade não apenas embelezam os textos, mas também lhes conferem vida.

No que se refere à classificação das figuras de linguagem, este trabalho não teve como escopo abarcar um número grande de figuras, mas sim selecionar algumas delas, definir suas características, analisá-las e classificá-las com base na teoria de José Luiz Fiorin. Identificar a linguagem figurada em um texto bíblico não é uma tarefa simples, pois exige habilidade para discernir se o significado é figurativo ou literal, além disso, eventos ocorridos há mais de mil anos são trazidos para o contexto atual, e alguns textos foram traduzidos para diversas línguas, apresentando diferenças nas traduções e outros ainda não encontraram equivalentes adequados na língua portuguesa para os termos originais utilizados.

As figuras de linguagem têm variações na sua conceituação, apresentando definições diferentes ao longo das épocas. No entanto, elas compartilham a característica de possuir uma estrutura aberta a múltiplas interpretações, indicando que o sentido figurado projeta uma polivalência que influencia a percepção do receptor. Mesmo que a terminologia utilizada para

se referir a essas figuras, alterne entre “figuras de linguagem” e “figuras de estilo,” ou “Figuras de retórica”, a discussão girou em torno de interpretar ponderar sobre quando as palavras devem ser compreendidas em seu sentido simples e original, literalmente, e quando devem ser interpretadas de forma peculiar, como figuras de linguagem.

Nessa esteira, aqueles que têm interesse na Bíblia e/ou na Língua Portuguesa possivelmente encontrarão recursos favoráveis a ampliação da visão conotativa da linguagem nas Escrituras. Nas diversas análises realizadas sobre o sermão da montanha é possível identificar pontos em comum, um mesmo texto apresenta diversas figuras diferentes. Na verdade, cada ato de expressão oferece a oportunidade de novas interpretações, seja por meio da aplicação de novos parâmetros ou pela reestruturação dos existentes, o que torna o mundo das figuras de linguagem nesse sermão vastíssimo, por isso, apenas dezessete figuras de linguagem foram exploradas. Vale ressaltar que essas e outras figuras são amplamente presentes em toda a extensão da Bíblia, sendo que há uma concentração significativa delas nesse sermão, como já evidenciado, haja vista, Cristo, ao buscar dar sentido aos seus textos e se comunicar com seus interlocutores, priorizar o trabalho com a linguagem figurada.

Em suma, se o sermão do monte possui tantas figuras de linguagem, que se dirá do restante dos Evangelhos e das outras seções bíblicas. Ademais, interpretar esses recursos estilísticos, adequadamente impedirá que equívocos crassos aconteçam, utilizá-los como literatura, poderá ampliar o universo dos que aspiram ciência, proporcionando riqueza de expressão, facilidade de abrangência de conceitos complexos, transferência de significados mais profundos, que convidam à reflexão e ao estudo, permitindo que os leitores explorem camadas adicionais de entendimento e interpretação, além de tornar a Bíblia uma obra rica e multifacetada, capaz de comunicar verdades espirituais e morais de maneira intensa e significativa.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luíza M. **Português: contexto, interlocução e sentido**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2016.
- ALONSO SHÖKEL, Luis; ASURMENDI, Jesús; MARTÍNEZ, Florentino; CARO José. Bíblia e Literatura. In **A Bíblia e seu contexto**. Editado por vv.aa. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1994, 402s.
- ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada – Harpa Sagrada**. 4. ed. Barueri: CPAD, 2009.
- ANDRADE, Maria Margarida; MEDEIROS, João Bosco. **Comunicação em Língua Portuguesa: para cursos de jornalismo, propaganda e letras**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- ANDRADE, Mário de, 1893-1945. **Pequena história da música**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- ARISTÓTELES [384-322]. **Retórica**. 2 ed., revista [Obras completas de Aristóteles. Coordenação: António Pedro Mesquita. Tradução e notas: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse alberto e Abel do NascimentoPena]. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional-casada Moeda, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BARTHES, Roland. A retórica antiga- In: Cohen, Jean el al. **Pesquisas de retorica**. Trad. Leda Pinto Mafra Iruzum. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BECHARA, Ivanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BENTHO. Esdras Costa. **Hermenêutica fácil e descomplicada**. Rio de janeiro: CPAD, 2003.
- BENVENISTE, Émile. **Problema de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- BÍBLIA SAGRADA**. Publicada por ação social claretiana. 9 ed. São Paulo: Ave-Maria, 2012.
- BONI, Luis Alberto de. **A ciência e a organização dos saberes na Idade Média**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- BORGES, Jorge Luís. **Ficções**. Trad. José Colaço Barreiros. S.L. Bibliotex, 2000.
- BULLINGER, Ethelbert W. **Diccionario de Figuras de Dicción usadas en la Bíblia**. Adaptado al castellano por Francisco Lacueva. Barcelona – Espanha: Editorial Clie, 1985.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CARLOS CEIA, s.v. "Pós-modernismo", **E-Dicionário de Termos Literários**, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt>. Acesso em 23 de ago. de 2023.

CARVALHO, José Augusto. **Pequenos Estudos de Lingua(gem)**. 2 ed. São Paulo: Cajuína, 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia: as escolas helenísticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CÍCERO [107 a.C. - 43 a.C.]. **Pro Archia, Pro Marcello e Pro Ligario**. Trad. Maximiano Augusto Gonçalves. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes Ltda.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 15 ed. São Paulo: Ática, 2002.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.) et al. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

CUSTÓDIO, Luís Silva de. **Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer**. Porto alegre: Edipucrs, 2000.

DAYOUB, Khazzoun Mirched. **A ordem das ideias: palavra, imagem e persuasão: a retórica**. São Paulo: Manole, 2004.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO ESPANHOL ONLINE. Disponível em: <https://etimologias.dechile.net/>. Acesso 09 ago. 2023.

DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010, p. 19-20.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. (1821-1881). **Crime e Castigo**. Lelivros, Ebook. Disponível em: <file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/crime%20e%20castigo%20Dostoi%C3%A9vski.pdf>, Acesso em: 18 jan. 2023.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. **Os demônios**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2004.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. **Os irmãos Karamázov**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Ed.34, 2008.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. **O Idiota**. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002.

DROBNER, Hubertus Rudolf. **Manual de Patrologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

DUMARSAIS, César Chesneau. **Des tropes ou des différents sens**. Paris: Flammarion, 1988.

ECO, Umberto. **Ensaio sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ESTRADA, Antonio. Nuevo Testamento. In: **Comentário Bíblico Mundo Hispano**. El Paso, Texas: Mundo Hispano, 2002.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de Retórica**. São Paulo Contexto, 2014.

FRYE, Northrop, 1912-1992. **O Código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004, p.80

GABEL John B.; WHEELER Charles B. **A Bíblia como Literatura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

GOTTWALD, Norman K. **Introdução Socioliterária à Literatura Hebraica**. Trad. Anacleto Alvares. São Paulo, Paulinas, 1988.

GUIMARÃES, Elisa. **Figuras de Retórica e Argumentação**. In: Retóricas de ontem e de hoje. 3 ed. São Paulo, Humanitas, 2004, p. 145-160.

HENRICHSEN Walter A. **Princípios de Interpretação da Bíblia**. Trad. Odair Olivetti. 7 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Estilística e Discurso: estudos produzidos sobre texto e expressividade**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

JAKOBSON Roman; POMORSKA, Krystyna. **Diálogos**. São Paulo: Cultrix, 1993.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2007.

JESÚS, Martín-Barbero. **La palabra y la acción: por una dialéctica de la liberación**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2018.

LIMA, Marcos Aurélio de. **A retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia**. Natal: IFRN, 2011.

LISPECTOR, Clarice, 1925-1977. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LIZORKIN-EYZENBERG, Eli. **O Novo Testamento Foi Escrito Originalmente Em Hebraico?** Israel Institute of biblical studies. 28 de Mar. de 2015. Disponível em: <https://blog.israelbiblicalstudies.com/pt-br/jewish-studies/o-novo-testamento-foi-escrito-originalmente-em-hebraico-por-dr-eli-lizorkin-eyzenberg/>. Acesso em: 29 de abr. de 2023.

LOCKE, John. **An essay concerning human understanding**. Indianapolis: Hackett, 1996.

MAESTRE, José María Maestre; BAREA, Joaquín Pascual, BREA, Luis Charlo. **Humanismo y pervivencia del mundo clásico: homenaje al profesor Antonio Fontán**. Alcaniz – Madrid: Instituto de Estudios Humanísticos, 2002.

MANZATTO, Antonio. Pequeno panorama de teologia e literatura. In: MARIANI, Ceci Baptista; VILHENA, Maria Angela (orgs). **Teologia e Arte: expressões de transcendência, caminhos de renovação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Ângela Paiva Dionísio, Ana Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra (Orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MAZZALI, Gizele Cristina. Retórica: de Aristóteles a Perelman. **Revista Direitos Fundamentais & Democracia**. Curitiba, v. 4, n. 4, p. 1-16, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://revistaeletronicardfd.unibrasil.com.br/index.php/rdfd/article/view/158/155>. Acesso em: 15 dez. 2022.

MERRIAM-WEBSTER'S ENCYCLOPEDIA OF LITERATURE, "Ciceronian period". (s.l): 1995.

MIRANDA, Antônio Afonso de. **Conversando Sobre a Bíblia**. Aparecida, São Paulo: Santuário, 1985.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. **A Estilística**: São Paulo, Ática, 1991.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. Velhas e Novas Retóricas: convergências e desdobramentos. In: **Retóricas de ontem e hoje**. 3 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004, p. 17-54.

NADAL, Milagro. **Curso de iniciação ao Antigo e ao Novo Testamento**. Trad. Sandra Garcia. São Paulo: Loyola, 1998.

NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. Coleção debates. São Paulo: Perspectiva, 1969.

OLIVEIRA, Elizeu de. Bibliologia. In: **Curso de Capacitação para o serviço Cristão**. MARQUES, Luiz Jerônimo (org). Cacoal: Priint Impressões Gráficas, 2021.

ORTEGA, Alfonso. Retórica: **el arte de hablar em publico**. Madri, Espanha: Ideas Culturales, 1989.

PERELMAN, Chaim. **Tratado da Argumentação**. 2 ed. Trad Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins fontes, 2005.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. [Ebook]. Disponível em: <file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/Fernando%20Pessoa%20-%20Livro%20do%20Desassossego%20-%20Luso%20Livros.pdf>. Acesso em 19 jan. 2023.

PESSOA, Fernando. O Desconhecido, in: **Textos Filosóficos**, I, p. 45.

PHILIPPE, Marie-Dominique. **Introdução a filosofia de Aristóteles**. Trad. Gabriel Hibon. São Paulo: Paulus, 2002.

QUINTILIANO, Marco Fábio. **Institution oratoire**. Paris: Les Belles Lettres, 1980.

RAMOS, Ricardo Alexandre. **Literatura e Bíblia: interlocuções**. São Paulo: Dialética, 2022.

REBOUL, Oliver. **Introdução a Retórica**. Trad. Ivone Castilho. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RETÓRICA A HERÊNIO. Trad. e introd. de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

RICOUER, Paul. **A Metáfora Viva.** Trad. Dion Davi Macedo. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

RODRIGUES, R. S. V. **A constituição dos conceitos de língua e linguagem em Saussure e Benveniste numa perspectiva historiográfica cronológica.** 2007. 102 f.: il. ; 29 cm. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2007.

ROHDEN, Luiz. **O poder da linguagem: a arte retórica de Aristóteles.** 2 ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: veredas.** [s.l.]: Nova Aguilar, 1994.

ROSENFELD; Anatol. **O Teatro Épico.** São Paulo: Perspectiva, 1985.

RYKEN, Leland. **Santos no Mundo: Os puritanos como realmente eram.** São José dos Campos: Editora Fiel da missão Evangélica Literária, 2017.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada.** 11 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SARAMAGO, José. **Caim.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SAUSSURE Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, Cassio Murilo Dias da. **Leia a Bíblia como literatura.** São Paulo: Loyola, 2007.

SOARES, Esequias. **Cristologia: a doutrina de Jesus Cristo.** São Paulo: Hagnos, 2008.

STEFANO, Arduini. **Prolegómenos a uma teoría General de la figuras.** Murcia – Espanha: Universidad de Murcia, Serviço de Publicaciones, 2000.

TOULMIN, Estephens Edelson. **Os Usos do Argumento.** Trad. Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WILKINSON, Bruce; BOA, Keneth. **Descobrimdo a Bíblia.** São Paulo: Candeia, 2000.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a Verdade da Bíblia.** Trad. Cesar de F. A. Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994.

ANEXO

Texto da versão bíblica utilizada na pesquisa

Mateus 5.1 - Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos;

Mateus 5.2 - e, abrindo a boca, os ensinava, dizendo:

Mateus 5.3 - Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus;

Mateus 5.4 - bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados;

Mateus 5.5 - bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra;

Mateus 5.6 - bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;

Mateus 5.7 - bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia;

Mateus 5.8 - bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus;

Mateus 5.9 - bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus;

Mateus 5.10 - bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus;

Mateus 5.11 - bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa.

Mateus 5.12- Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.

Mateus 5.13 - Vós sois o sal da terra; e, se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens.

Mateus 5.14 - Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte;

Mateus 5.15 - nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas, no velador, e dá luz a todos que estão na casa.

Mateus 5.16 - Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus.

Mateus 5.17 - Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim ab-rogar, mas cumprir.

Mateus 5.18 - Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido.

Mateus 5.19 - Qualquer, pois, que violar um destes menores mandamentos e assim ensinar aos homens será chamado o menor no Reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no Reino dos céus.

Mateus 5.20 - Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos céus.

Mateus 5.21 - Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo.

Mateus 5.22 - Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo, e qualquer que chamar a seu irmão de raca será réu do Sinédrio; e qualquer que lhe chamar de louco será réu do fogo do inferno.

Mateus 5.23 - Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti,

Mateus 5.24 - deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem, e apresenta a tua oferta.

Mateus 5.25 - Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e te encerrem na prisão.

Mateus 5.26 - Em verdade te digo que, de maneira nenhuma, sairás dali, enquanto não pagares o último ceutil.

Mateus 5.27 - Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério.

Mateus 5.28 - Eu porém, vos digo que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar já em seu coração cometeu adultério com ela.

Mateus 5.29 - Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti, pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo seja lançado no inferno.

Mateus 5.30 - E, se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque te é melhor que um dos teus membros se perca do que todo o teu corpo seja lançado no inferno.

Mateus 5.31 - Também foi dito: Qualquer que deixar sua mulher, que lhe dê carta de desquite.

Mateus 5.32 - Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição, faz que ela cometa adultério; e qualquer que casar com a repudiada comete adultério.

Mateus 5.33 - Outrossim, ouvistes que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás teus juramentos ao Senhor.

Mateus 5.34 - Eu, porém, vos digo que, de maneira nenhuma, jureis nem pelo céu, porque é o trono de Deus,

Mateus 5.35 - nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés, nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei,

Mateus 5.36 - nem jurarás pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto.

Mateus 5.37 - Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna

Mateus 5.38 - Ouvistes que foi dito: Olho por olho e dente por dente.

Mateus 5.39 - Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra;

Mateus 5.40 - e ao que quiser pleitear contigo e tirar-te a vestimenta, larga-lhe também a capa;

Mateus 5.41 - e, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas.

Mateus 5.42 - á a quem te pedir e não te desvies daquele que quiser que lhe emprestes.

Mateus 5.43 - Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo.

Mateus 5.44 - Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem,

Mateus 5.45 - para que sejais filhos do Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos.

Mateus 5.46 - Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo?

Mateus 5.47 - E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?

Mateus 5.48 - Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus

Mateus 6.1 - Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás, não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus.

Mateus 6.2 - Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão.

Mateus 6.3 - Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita,

Mateus 6.4 - para que a tua esmola seja dada ocultamente, e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente.

Mateus 6.5 - E, quando orares, não sejas como os hipócritas, pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão.

Mateus 6.6 - Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que vê o que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará.

Mateus 6.7 - E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que, por muito falarem, serão ouvidos.

Mateus 6.8 - Não vos assemelheis, pois, a eles, porque vosso Pai sabe o que vos é necessário antes de vós lho pedirdes.

Mateus 6.9 - Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome.

Mateus 6.10 - Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu.

Mateus 6.11 - O pão nosso de cada dia dá-nos hoje.

Mateus 6.12 - Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.

Mateus 6.13 - E não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal; porque teu é o Reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém!

Mateus 6.14 - Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós.

Mateus 6.15 - Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas.

Mateus 6.16 - E, quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas, porque desfiguram o rosto, para que aos homens pareça que jejuam. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão.

Mateus 6.17 - Porém tu, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto,

Mateus 6.18 - para não pareceres aos homens que jejuas, mas sim a teu Pai, que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará.

Mateus 6.19 - Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam.

Mateus 6.20 - Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam.

Mateus 6.21 - Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

Mateus 6.22 - A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz.

Mateus 6.23 - Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!

Mateus 6.24 - Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.

Mateus 6.25 - Por isso, vos digo: não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta?

Mateus 6.26 - Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?

Mateus 6.27 - E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?

Mateus 6.28 - E, quanto ao vestuário, porque andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham, nem fiam.

Mateus 6.29 - E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.

Mateus 6.30 - Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé?

Mateus 6.31 - Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos ou que beberemos ou com que nos vestiremos?

Mateus 6.32 - (Porque todas essas coisas os gentios procuram.) Decerto, vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas essas coisas;

Mateus 6.33 - Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas.

Mateus 6.34 - Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.

Mateus 7.1 - Não julgueis, para que não sejais julgados,

Mateus 7.2 - porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós.

Mateus 7.3 - E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu olho?

Mateus 7.4 - Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu?

Mateus 7.5 - Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão.

Mateus 7.6 - Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas; para que não as pisem e, voltando-se, vos despedacem.

Mateus 7.7 - Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á.

Mateus 7.8 - Porque aquele que pede recebe; e o que busca encontra; e, ao que bate, se abre.

Mateus 7.9 - E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra?

Mateus 7.10 - E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente?

Mateus 7.11 - Se, vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?

Mateus 7.12 - Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas.

Mateus 7.13 - Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela;

Mateus 7.14 - E porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem.

Mateus 7.15 - Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores.

Mateus 7.16 - Por seus frutos os conhecereis. Porventura, colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?

Mateus 7.17 - Assim, toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus.

Mateus 7.18 - Não pode a árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar frutos bons.

Mateus 7.19 - Toda árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo.

Mateus 7.20 - Portanto, pelos seus frutos os conhecereis.

Mateus 7.21 - Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.

Mateus 7.22- Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E, em teu nome, não expulsamos demônios? E, em teu nome, não fizemos muitas maravilhas?

Mateus 7.23 - E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.

Mateus 7.24 - Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha.

Mateus 7.25 - E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha.

Mateus 7.26 - E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia.

Mateus 7.27 - E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda.

Mateus 7.28 - E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina,

Mateus 7.29 - porquanto os ensinava com autoridade e não como os escribas.